



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS  
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS - MEL

CLÁUDIA MAÍSA PINHEIRO DA BOA MORTE

**(RE) ASSUMINDO A RAIZ:  
A DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE A MULHER NEGRA A PARTIR DA  
NOÇÃO DE CABELOS CRESPOS, PRESENTE NAS COMUNIDADES  
DO *FACEBOOK***

Feira de Santana-BA  
2017

CLÁUDIA MAÍSA PINHEIRO DA BOA MORTE

**(RE) ASSUMINDO A RAIZ:  
A DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE A MULHER NEGRA A PARTIR DA  
NOÇÃO DE CABELOS CRESPOS, PRESENTE NAS COMUNIDADES  
DO *FACEBOOK***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez

Feira de Santana-BA  
2017

## Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

B63r Boa Morte, Cláudia Maísa Pinheiro da  
(Re) assumindo a raiz: a discursivização sobre a mulher negra a partir da noção de cabelos crespos, presente nas comunidades do facebook / Cláudia Maísa Pinheiro da Boa Morte. – Feira de Santana, 2017.  
122 f.: il.

Orientadora: Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2017.

1. Negras – Análise do discurso. 2. Cabelo crespo – Aspectos sociais. 3. Facebook (rede social online) – Aspectos sociais. I. Alvarez, Palmira Virgínia Bahia Heine, orient. II Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 801:303

CLÁUDIA MAÍSA PINHEIRO DA BOA MORTE

(RE) ASSUMINDO A RAIZ:  
A DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE A MULHER NEGRA A PARTIR DA  
NOÇÃO DE CABELOS CRESPOS, PRESENTE NAS COMUNIDADES DO  
*FACEBOOK*

Dissertação ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 16 de fevereiro de 2017.

---

Profa. Doutora Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez  
Orientador - UEFS

---

Prof. Doutor André Luiz Gaspari Madureira  
UFBA

---

Profa. Doutora Carla Luzia Carneiro Borges  
UEFS

Dedicado às minhas primeiras e principais referências de mulheres negras: Elizalda Pinheiro, Joana Damasceno, Isaura Santos, Lélia de Paula, Anita Boa Morte, Vilma Boa Morte, Vanilda Boa Morte, Elita Pinheiro, Heloísa Pinheiro e Vanilse Boa Morte.

## AGRADECIMENTOS

Aos que me guiam, protegem, abençoam e iluminam meus caminhos: ao Deus, o todo soberano, à Nossa Senhora da Conceição, senhora de mim, aos Orixás, donos das contas que me montam para que eu nunca esqueça de onde eu vim.

À Elizalda Pinheiro da Boa Morte, mainha, quem me manteve firme e erguida neste caminhar. Ela escreveu comigo, sem ao menos sentar ao computador e pegar em um papel. Ela ficou madrugadas acordada, sem ao menos sair da cama. Ela que sabe mais desta pesquisa, sem ao menos ter escrito uma página. À ela que abdicou de tantas coisas para estar ao meu lado com sua sabedoria infinita, delicadeza, amor e força admiráveis.

Ao Walter Manoel da Boa Morte, painho, que desde a infância ensinou-me a caminhar erguida, sempre me lembrando do quão belo, valioso e importante é trazer no corpo e no sangue marcas da negritude. Ele, meu despertador da madrugada, que sempre ficava intrigado por não saber ao certo o porquê que eu ficava ao computador, rodeada de livros, mas tinha plena certeza que está ao meu lado era fundamental.

Ao meu Dó, irmão mais lindo do mundo, companheiro de tudo e para tudo, dono de uma pureza inigualável. Sou o que sou, porque tenho você ao meu lado. Sempre unidos para além da eternidade.

À minha irmã, prima e amiga, Vanessa Pinheiro, por compreender as ausências nos momentos da escrita, pelas conversas e companheirismo. Mesmo na distância estamos juntas.

Ao, meu tio Hélio Roberto, sempre prestativo, pessoa fundamental para minha entrada no mestrado. Mesmo se recuperando de um problema de saúde, se dispôs a percorrer quilômetros para que eu conseguisse realizar minha inscrição na seleção do MEL. Pequenos gestos fazem sempre grandes diferenças.

À Leila, cunhada compreensiva que sempre entendeu os momentos de ausência de seu esposo, meu irmão, por está ao meu lado.

À Taciana Gacelin, amiga de sorriso largo, que sempre incentivou minha entrada no mestrado e durante o percurso teve paciência para escutar e responder minhas dúvidas, dividir algumas angustias da escrita e emprestar seus livros queridos.

Aos amigos e companheiros de trabalho na UEFS, em especial, à equipe da Assessoria de Comunicação Adriana, Assis Filho (Poeta), Bernardo, Carlos, Daniel, Danilo, Edvan, Everaldo, Ísis, Júlia, Mila, pelo constante incentivo, ajuda nos perrengues vividos em Feira de Santana e apoio nas minhas ausências no trabalho por conta das aulas do mestrado.

À Mila Melo, pela sensatez, acolhida constante e exemplo de que maturidade não está diretamente ligada à idade, mas à evolução espiritual.

À Joseilda Martins e Jackeline Azevedo, amigas que conheci no MEL e que com certeza tornaram a caminhada mais doce, leve e agradável. Cada uma com um jeito tão especial ensinou-me que as relações construídas no mestrado devem ir além dos muros da universidade.

À professora, Palmira Virgínia, pela orientação, confiança e relevante auxílio na elaboração desta pesquisa. Desbravar o mundo da AD ficou muito mais fácil por conta de você.

Às colegas da turma 05 do MEL, em especial ao Grupo das Novinhas, pela parceria e discussões construtivas ao longo do mestrado.

Aos professores do Mestrado em Estudos Linguísticos da UEFS pelo compartilhamento de conhecimentos que me levaram a admirar o campo da Linguística.

Aos membros do Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise de Discurso (Gepead) por compartilhar as leituras desbravadoras do mundo da AD.

Aos colegas da Coordenação de Comunicação do IF Sertão-PE, em especial João Bosco, que mesmo antes de conhecer-me demonstrou apoio para a concretização deste momento.

Aos meus familiares e amigos que estiveram sempre ao meu lado, mesmo quando eu não estava presente.

Por tudo isso que me completa, mas que nunca me deixa inteira, pois há sempre mais para ser.

[...]. Corta!  
Medos e ansiedades compõem o momento  
Estava pronta?  
Pronta para o renascimento  
Que face teria essa mulher ao cortar os fios dos cabelos?  
Vê-se diante da mulher que não sabia que existia em si  
Encontrar-se com a menina crespa na infância, cercadas de memórias  
Que nunca a levaram amar o seu cabelo  
Estava pronta?  
Estava pronta?  
Para se desvestir do que nunca realmente lhe vestiu?  
As mãos cederam ao grito da alma  
Estava pronta pra enfrentar a si mesma  
Colocou a mão sobre a tesoura  
Pôs-se a frente do espelho  
Trancada em seu quarto  
Em uma noite fria  
Fez o próprio corte  
Quem era aquela diante do espelho?  
Senão ela mesma  
Ao natural  
Não saberia dividir esse momento com ninguém  
Precisava está ali, nua.  
Se reconhecendo ou se vendo pela primeira vez  
Estranhava-se com a nova face  
O rosto mais amostra  
O cabelo símbolo, identidade  
Mas também como mero acessório da beleza  
No misto de sentimento uma coisa era certeza  
Sentia-se liberta!...

Jacquinha Nogueira

**BOA MORTE, C. M. P. (RE) ASSUMINDO A RAIZ: A DISCURSIVIZAÇÃO SOBRE A MULHER NEGRA A PARTIR DA NOÇÃO DE CABELOS CRESPOS, PRESENTE NAS COMUNIDADES DO *FACEBOOK*.** Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana. 122 p. Feira de Santana, 2017.

## RESUMO

Quais os efeitos de sentidos gerados sobre a mulher negra a partir da noção de cabelos crespos nas comunidades do *facebook*, voltadas para a temática cabelo? Este questionamento fundamenta esta pesquisa, que busca responder à pergunta por meio do aporte teórico a Análise de Discurso Pecheutiana. A proposta é apresentar os aspectos relacionados aos conceitos de sentidos, formação ideológica, formação discursiva, interdiscurso, memória discursiva e silenciamento, elementos que são intrínsecos à noção de discurso e aos sujeitos que discursivizam nas comunidades do *facebook*. As mulheres negras ocupam o lugar de sujeito do discurso, que produzem e reproduzem sentidos pautados em determinadas condições de produção. Assim, no *facebook* ocorre embate entre formações discursivas distintas, permitindo a retomada, ressignificação e rompimento de sentidos construídos historicamente sobre mulher negra e padrão de beleza. Através das postagens e comentários nas comunidades selecionadas, analisou-se como as questões sociais, históricas e ideológicas permeiam os discursos a respeito do sujeito-mulher negra e o processo de aceitação e/ou rejeição dos cabelos crespos no ambiente virtual, que reflete, em inúmeros aspectos, o que está presente no ambiente real. Aos cabelos são atribuídos sentidos que não se referem apenas à estética, mas à forma como a imagem da mulher negra foi constituída socialmente.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso Pecheutiana. Cabelos Crespos. *Facebook*. Mulher Negra.

**BOA MORTE, C. M. P. (RE) ASSUMING THE ROOT: DISCUSSION ON BLACK WOMAN FROM THE CONCEPT OF NAPPY HAIR, PRESENT IN THE COMMUNITIES OF THE FACEBOOK.** Dissertation (Master's Degree in Linguistic Studies) – Universidade Estadual de Feira de Santana. 122 p. Feira de Santana, 2017.

#### ABSTRACT

What are the senses' effects generated on black women from the notion of nappy hair on hair-focused Facebook communities? This questioning drives this research, which seeks to answer the question under Pêcheux's Discourse Analysis theoretical contribution. The proposal is to present the aspects related to the concepts of senses, ideological formation, discursive formation, interdiscourse, discursive memory and silencing, elements that are intrinsic to the notion of discourse and to the subjects that are discussed on Facebook communities. Black women occupy the place of the discourse's object, which produces and reproduces senses based on certain conditions of production. Thus, on Facebook there is a competition between different discursive formations, allowing the resumption, resignification and rupture of historically constructed meanings about black women and beauty standards. Through the posts and comments on chosen communities, it was analyzed how social, historical and ideological issues permeate the discourses about the black women subject and the process of acceptance and / or rejection of nappy hair in the virtual environment, which reflects, in many aspects, what is present in the real environment. Senses that are attributed to hair do not refer only to the aesthetic, but to the way the image of the black women was socially constituted.

**Keywords:** Pecheutian Discourse Analysis. Nappy hair. Facebook. Black women.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Formação ideológica pós-colonialista .....	35
Figura 2 - Equipamentos que eram colocados ao fogo para alisar os cabelos.....	59
Figura 3 - Anúncio TRESemmé.....	64
Figura 4 - Esquema Análise de Discurso.....	72
Figura 5 - <i>Print screen</i> das fotos do perfil da comunidade Cabelos Perfeitos .....	74
Figura 6 - <i>Print screen</i> da descrição da comunidade Cabelos Lindos.....	75
Figura 7 - <i>Print screen</i> das fotos do perfil da comunidade Cabelos Lindos .....	75
Figura 8 - <i>Print screen</i> das fotos do perfil da comunidade Meu Cabelo Tipo 4 .....	76
Figura 9 - <i>Print screen</i> das fotos do perfil da comunidade Meninas de cabelos crespos.....	76
Figura 10 - Postagem da comunidade Cabelos*.*.....	83
Figura 11 - Postagem da comunidade Cabelos Perfeitos.....	86
Figura 12 - Postagem da comunidade Cabelos Lindos.....	92
Figura 13 - Comentários da comunidade Cabelos Lindos.....	95
Figura 14 - Postagem da comunidade Cabelos Perfeitos.....	97
Figura 15 - Postagem da comunidade Meninas de Cabelos Crespos.....	100
Figura 16 - Postagem da comunidade Meu Cabelo Tipo 4.....	102
Figura 17 - Comentários na postagem da Comunidade Meu Cabelo Tipo 4.....	105
Figura 18 - Postagem da comunidade Meu Cabelo Tipo 4.....	107
Figura 19 - Postagem da comunidade Meninas de cabelos crespos.....	109
Figura 20 - Quadro das categorias e sentidos atribuídos aos cabelos crespos.....	112

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2. ANÁLISE DE DISCURSO PECHUTIANA: FILIAÇÕES E CONCEITOS BASILARES.....</b>	<b>17</b>
2.1 E ASSIM SURGE A ANÁLISE DE DISCURSO.....	17
2.2 FILIAÇÕES TEÓRICAS .....	23
2.3 O VÍNCULO INDISSOCIÁVEL ENTRE DISCURSO E SENTIDOS.....	30
2.4 FORMAÇÕES IDEOLÓGICAS E DISCURSIVAS .....	33
2.5 O SUJEITO DISCURSIVO .....	37
2.6 INTERDISCURSO E MEMÓRIA.....	40
2.7 SILÊNCIO .....	44
<b>3. O SER NEGR@ NO BRASIL: HISTÓRIA, AFIRMAÇÃO E (RE) PRODUÇÃO DE SENTIDOS DA MULHER NEGRA NA MÍDIA.....</b>	<b>50</b>
3.1 O QUE SE DISSE DO NEGRO AO LONGO DA HISTÓRIA .....	50
3.2 NEGARAM A BELEZA À NEGRA E A NEGRA (NÃO) NEGOU O CABELO .....	56
3.3 A MULHER NEGRA E OS CABELOS CRESPOS NA MÍDIA.....	61
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>69</b>
4.1 SELEÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....	73
4.2 CATEGORIAS DE ANÁLISES .....	77
<b>5. ANÁLISE: OS CABELOS CRESPOS E OS SENTIDOS MOVIDOS SOBRE AS MULHERES NEGRAS.....</b>	<b>82</b>
5.1 A NEGAÇÃO DOS CABELOS CRESPOS .....	83
5.2 LIVRE, LEVE E SOLTO? NÃO, O PADRÃO É RÍGIDO.....	91
5.3 O CABELO CRESPO TORNOU-SE A COROA.....	100
5.4 A REVOLUÇÃO COMEÇA PELA CABEÇA .....	106
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>113</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>117</b>

## 1. INTRODUÇÃO

As noções de cabelos crespos que circulam nos ambientes virtuais, como o *facebook*, muitas vezes, não estão dissociadas daquelas que circulam fora desses ambientes, no caso o ambiente “real”. Todavia, nos sites de redes sociais percebe-se a mobilização de novos sentidos vinculados à relação mulher negra e cabelos crespos, visto que estes espaços permitem não apenas a reprodução, porém, especialmente, a desconstrução da concepção negativa, difundida nas mídias tradicionais (televisão, revistas, *outdoors* etc.) em relação aos cabelos das mulheres negras. O que se observa é a utilização do *facebook* como lugar que permite a articulação de sujeitos que são silenciados e apagados pela grande mídia, porém ainda se observa, nessa rede social, a reprodução de discursos presentes nas mídias tradicionais que frequentemente discursivizam os cabelos crespos de modo negativo. Parte-se do princípio de que, apesar de *facebook* funcionar como espaço que permite o movimento maior dos sujeitos em relação aos processos de identificação, contraidentificação e desidentificação com a formação discursiva dominante abrindo maior espaço para a resistência, ainda há a reprodução de estereótipos que caracterizam o cabelo crespo como feio e indesejado.

Ao falar a respeito dos cabelos, não se estará considerando-os como somente elemento da estética dos sujeitos, mas como elemento identitário, político e social. Eles revelam e comunicam as posições, os valores dos sujeitos e, da mesma forma, o modo como eles se veem; como eles querem ser vistos e como são vistos. Tomar-se-á como base o entendimento de que na relação dos sujeitos com os cabelos emanam sentidos outros, que interferem ainda que, imperceptivelmente, nas relações sociais e tais sentidos podem ser privilegiados ou estigmatizados pelo senso comum.

Dentro de um contexto social marcado pela desigualdade racial, onde aspectos como os traços físicos e a concentração de melanina fundamentam a estrutura do racismo, pode-se afirmar que o cabelo, pode ser, o segundo elemento visual que “define” os sujeitos como afrodescendentes, pois o primeiro é a cor da pele. Quando tal assertiva é apresentada, não se quer dizer que é o cabelo ou a cor da pele que irá determinar um sujeito como negro, ou não, pois sabe-se que o processo de construção e afirmação identitária vai além disso. Ele perpassa pelo processo de conscientização e aceitação das identidades negras. Todavia, socialmente e numa perspectiva visual, o sujeito é definido como negro com base no tom da pele e no formato capilar. São dois elementos que demarcam lugares sociais dos sujeitos e não é à toa,

que, comumente, é atribuído um nome específico àqueles que possuem tom de pele mais escuro e cabelos lisos. Eles são apelidados de cabos-verdes, mesmo não possuindo os olhos verdes, conforme a descrição originária do termo. Já aqueles que possuem pele mais clara e cabelos crespos, muitas vezes são chamados de sararás. Dito de outro modo, o cabelo e a pele, como elementos corporais, categorizam os sujeitos. Essa linha de pensamento corrobora com o que Goldenberg (2008, p. 130) defende: “corpo, mais do que a roupa, surge como um símbolo que consagra e torna visíveis as diferenças entre os grupos sociais”.

Assim, o corpo negro passa a ser construído discursivamente, pois como sujeitos que possuem características fenotípicas que fogem do padrão de beleza dominante, eles passam a ser diferentemente discursivizados. Corpos negros, muitas vezes, ganham sentidos vinculados à feiura ou à sexualidade. O cabelo crespo passa a ser duro; o homem negro passa a ser adequado para trabalhos pesados; a pele mais escura passa ser relacionada com a noção de sujeira e aos negros em geral é atribuída uma condição de disponibilidade sexual.

Carlos Moore (2007) observa que o racismo se estrutura nas características fenotípicas e em torno desta constatação ele traz questões relacionadas aos mitos e equívocos relacionados à cor negra. Assim, pontua:

...a hostilidade e o medo especificamente da cor negra é um fenômeno francamente universal que se encontra nos mitos e nas culturas praticamente de todos os povos não-negros [...] Não vemos outra explicação válida para ubiquidade da repulsa e do medo que causa a cor negra: “luto”, “temebroso”, “maléfico”, “perigoso”, “diabólico”, “pecado”, “sujo”, “bestial”, “primitivo”, “inculto”, “canibal”, “má sorte”... (ibid., p. 49-50).

A vinculação da imagem dos corpos negros, principalmente da mulher negra e sexualidade, é percebida desde o período do Brasil Colônia, na relação sexual abusiva dos senhores e senhoras com as negras e negros da senzala, na iniciação da vida sexual dos filhos dos senhores com as negras que foram escravizadas, na procriação com escravas como estratégia de rentabilidade do sistema escravocrata. Braga (2013, p. 89-90), a respeito do período mencionado, diz:

A promiscuidade presente na relação entre senhores e escravas, um sem número de filhos ilegítimos espalhados pelo sistema, o sangue branco misturado ao suor negro, a seleção minuciosa de negras destinadas ao trabalho doméstico, os ciúmes despertados nas senhoras, bem como os crimes cometidos em nome dessa rivalidade, são fatores que compõem um mesmo quadro: é o retrato da relação estabelecida entre brancos e negros num Brasil escravocrata, sobre a qual perpassaram, desde sempre, o corpo e o sexo.

Observa-se que os processos de sexualização dos corpos negros perduram até a atualidade e podem ser percebidos principalmente na esfera midiática. Não são poucas as campanhas publicitárias que trazem imagens de mulheres negras e as representam de forma sensualizada, relacionando-as com a ideia de disponibilidade amorosa e sexual.

Tanto os aspectos referentes à cor da pele, como a sexualização do corpo negro marcam a ideologia que vigora há séculos no Brasil e deixam resquícios no funcionamento das relações sociais, que são percebidos nos discursos. É óbvio que muitos sujeitos desvinculam-se dessa concepção, fazendo emergir do movimento de ruptura os sentidos positivos em relação aos corpos negros e suas belezas.

Cabe dizer que ao refletir sobre os cabelos e o padrão de beleza predominante, percebe-se que aos lisos é atribuído o sentido privilegiado, pois eles sempre são associados à beleza, maciez, leveza, movimento, caimento e outros atributos que passam uma ideia positiva. Por outro lado, aos cabelos crespos, são atribuídas características vinculadas à rebeldia, imaleabilidade, dificuldade de controlar etc. Por conta disso, inúmeras vezes, muitas mulheres negras optam pela negação dos seus cabelos crespos, e isso se dá por meio dos processos químicos de alisamentos. Já outras, preferem romper com esse ideal de beleza e filiam-se à concepção de que os cabelos são belos e devem ser aceitos no formato crespo.

É certo afirmar, a partir da Análise de Discurso, que os sujeitos são sempre marcados por uma ideologia e pelo processo histórico e social. Por meio dessa relação, esta pesquisa parte da suposição de que a forma como a temática cabelo é tratada nas comunidades do *facebook*, mostrará o modo como as mulheres negras são discursivizadas nesses espaços. Assim, dois perfis de comunidades foram escolhidos: duas que tratam da temática cabelo de forma geral. São elas Cabelos Perfeitos e Cabelos \*.\* / Cabelos Lindos<sup>1</sup>; e duas que tratam especificamente dos cabelos crespos: Meninas de Cabelos Crespos e Meu Cabelo Tipo 4C.

Para revelar o que está além das superfícies textuais das publicações nas comunidades e adentrar nos aspectos relacionados às condições de produção, silêncio, formação ideológica e discursiva que levam à percepção de elementos que não são explicitados nos textos postados, mas fazem parte dos sentidos dos discursos que atravessam esses textos, a Análise de Discurso (AD) Pecheutiana será o aporte teórico.

---

1 Durante a pesquisa a comunidade Cabelos \*.\* mudou a proposta de postagens e passou a chamar-se Cabelos alternativos & etc. Por isso, ela foi substituída e a comunidade Cabelos Lindos passou a fazer parte da pesquisa. Como já haviam sido feitas e apresentadas algumas análises da comunidade que Cabelos \*.\* optou-se em mantê-las na pesquisa e acrescentou-se mais uma análise da comunidade Cabelos Lindos, que aborda a temática cabelo de modo geral.

No primeiro capítulo serão apresentadas as questões referentes à teoria da AD, abordando o período que antecede sua constituição e como a linguística, a psicanálise e o marxismo contribuíram para sua formulação. Ainda neste capítulo, os conceitos fundamentais para o entendimento da AD Pecheutiana serão expostos, trazendo sempre exemplos próprios do objeto estudado. Começar-se-á pela relação intrínseca entre discurso e sentidos, visto que, o primeiro deriva dos efeitos do segundo. Logo após, falar-se-á sobre as formações ideológicas e discursivas e como elas regem o que é discursivizado. Em seguida, o sujeito e o assujeitamento permitirão entender o quanto a língua e a ideologia são basilares no processo discursivo e como os sujeitos movimentam-se entre formações discursivas distintas, pelo processo de (des) identificação. O interdiscurso e a memória serão apresentados para ratificar que eles ditam também os sentidos que circulam nas formações discursivas e, por fim, o silenciamento será abordado como parte necessária do discurso, pois no silêncio há sentidos que emergem antes do dizer.

Já no segundo capítulo serão abordadas as questões históricas relacionadas ao negro, à concepção do racismo, à trajetória da mulher negra quanto às variadas formas de usar os cabelos e como as mesmas são interpeladas ideologicamente pelas mídias tradicionais e pelo site de rede social *facebook*. O objetivo é perceber como as mídias contribuem para o processo de valorização ou desvalorização da mulher negra e dos cabelos crespos.

No site de rede social *facebook*, essa movimentação é notória nas comunidades que se propõem a falar a respeito dos cabelos. De acordo com os textos postados nas comunidades, pretende-se demonstrar que eles estão fortemente influenciados por questões históricas, sociais e ideológicas. Cabe considerar os sites de redes sociais como um espaço onde estão em embate formações discursivas que indicam a heterogeneidade do discurso. Dito isso, o *facebook* deve ser visto como um espaço difusor de ideologias tal qual um dos elementos constitutivos dos Aparelhos Ideológicos do Estado, estando dentro do Aparelho Ideológico da Comunicação, o que indica que esse site de rede social funciona como difusor de ideologias.

Apesar de considerar o *facebook* como inscrito nos Aparelhos Ideológicos do Estado, é notório que os sujeitos que participam deste site de rede social podem resistir à identificação completa com a ideologia dominante, sendo que o *facebook* pode funcionar também como espaço de resistência, uma vez que a ideologia não interpela os sujeitos da mesma forma.

Na metodologia será apresentado o processo de coleta de dados e seleção do *corpus*, levando em conta os elementos teóricos da AD que foram utilizados nas análises e permitiram

identificar os sentidos relacionados à mulher negra, por meio da noção de cabelos crespos que circula nas comunidades analisadas.

Enfim, o capítulo destinado à análise foi dividido em quatro categorias. Cada categoria representa uma formação discursiva, com intuito de apresentar as postagens de acordo com os sentidos produzidos. Desta forma, nas análises procurou-se perceber se há a negação dos cabelos crespos; a reafirmação do padrão de beleza dominante; a aceitação dos cabelos crespos, e se o ato de assumir os cabelos crespos vai além das questões estéticas e passa a ser um ato político, que marca uma posição social de afirmação de identidades negras.

## **2. ANÁLISE DE DISCURSO PECHEUTIANA: FILIAÇÕES E CONCEITOS BASILARES**

A AD constitui-se como uma das formas de estudar a linguagem e traz consigo aspectos que são inerentes à sua existência, relacionados ao papel que a ideologia, a concepção de sujeito e a linguística desempenham na consolidação dos estudos discursivos, como campo teórico. Assim, este campo constitui-se a partir da negação da ideia de língua como algo transparente e como elemento estritamente formal. A não transparência decorre do fato de ela mobilizar diversas concepções ideológicas, permitindo o processamento de vários sentidos. Por isso, a língua passa a ser a mediadora entre o sujeito e o social, sendo por meio desta que o discurso é materializado.

Defende-se, nessa perspectiva, que o sujeito é interpelado pelo inconsciente e pela ideologia e, por conta disso, está sempre marcado ideologicamente e subordinado à língua. Assim, constitui-se a relação indissociável entre esses elementos e são gerados sentidos à realidade que cerca os sujeitos e institui o discurso, como “efeitos de sentido” entre os pontos A e B (PÊCHEUX, 1993 [1969]). A e B representam as posições ocupadas pelos sujeitos no processo discursivo e os efeitos de sentidos referem-se às infinitas possibilidades de sentidos que podem ser atribuídos ao discurso, pois o sentido não é algo fixo e imutável. Ele desce de outros e por isso podem ser vários. O termo “discurso”, aqui empregado, vai muito além da concepção adotada pelo senso comum, como algo a ser dito, proferido, discursado em público. Ele perpassa pela existência do homem-sujeito, sempre interpelado, que significa o mundo e significa-se como sujeito no mundo de diferentes formas, por conta das possibilidades de sentidos.

### **2.1 E ASSIM SURGE A ANÁLISE DE DISCURSO...**

Na França, no final da década de 60, período em que o formalismo se encontrava no centro das discussões e embasava as ideias e os pensamentos científicos, surge a AD, tendo como articulador e fundador Michel Pêcheux.

Ferdinand de Saussure desenvolveu os fundamentos que auxiliaram a constituição do estruturalismo linguístico, no início do século XX, que serviu como referência para a AD,

uma vez que, dele descende a concepção de língua utilizada pela teoria que se dispõe a analisar os discursos, mesmo com algumas ressalvas ligadas à transparência, autonomia da língua e outras questões. Apesar de ter tomado de empréstimo algumas ideias de caráter estruturalista, Pêcheux faz críticas à questão da autonomia da língua e da transparência dos sentidos, além de mostrar que a língua não é apenas um sistema autônomo de regras gramaticais. Ao contrário, a língua é, antes de tudo, um elemento histórico e ideológico com autonomia relativa, não podendo ser vista de forma isolada das questões sócio-históricas e ideológicas.

Antes da introdução da concepção de língua proposta por Saussure, não havia ainda para a língua definições científicas, a não ser o que era proposto pelos estudos histórico-comparativos dos neogramáticos. A preocupação era, por exemplo, abordar as leis fonéticas, sintáticas, gramaticais, a mudança linguística e outros fatos, sendo que nenhuma das propostas preocupou-se em estabelecer o objeto de estudo para a linguística. Esse papel coube à Saussure (1993 [1916]), que instituiu a língua como principal objeto dos estudos linguísticos.

No entanto, o percurso teórico traçado por Saussure e, em especial, o fato de ele desconsiderar os fatores externos que interferem na língua, separando-a da fala e atribuindo a essa última apenas uma perspectiva individual, faz com que haja uma inquietação científica quanto à concepção trazida pela teoria estruturalista. Nessa perspectiva, o sujeito foi desconsiderado ou tido como homogêneo, estável e posto como elemento que não interferia no funcionamento da língua, abrindo assim precedentes para os questionamentos a respeito do estruturalismo linguístico.

Marcavam também o século XX, os estudos normativos e descritivos de textos, podendo ser citados aqueles desenvolvidos pelos formalistas russos, que buscavam uma lógica interna nos textos e focavam nas questões literárias (ORLANDI, 2015). Por sua vez, o estruturalista americano Z. Harris desvincula a análise de texto do repertório da análise de conteúdo, enquadra-o como uma frase longa ou como uma junção de frases, mas não como unidade complexa, heterogênea, resultado de uma interação de natureza linguístico-histórica (Ibid., 2015).

Acerca da conjuntura relatada, Ferreira (2007, p. 13) pontua:

Ao longo do percurso triunfal dos estruturalistas, que marcou de forma indelével os anos 50 e 60, houve sempre uma constante: a deliberada *exclusão do sujeito*. Esse foi o preço a pagar pelos defensores do paradigma estrutural para a ruptura com a fenomenologia, o psicologismo ou a hermenêutica. Importava normatizar o sujeito,

já que era visto como o elemento suscetível de perturbar a análise do objeto científico, que devia corresponder a uma língua objetiva e padronizada.

Em contrapartida, há também no século XX teorias funcionalistas que consideravam os elementos linguísticos a partir da Pragmática, observando a questão da língua em uso e do modo como os falantes usavam a língua em contextos diversos. Austin, com a teoria dos atos de fala, na filosofia, estabelece a análise pragmática da linguagem, que atribuída à língua o caráter de ação, uma vez que ela não existe apenas para descrever o mundo, e sim para agir sobre ele. O mesmo pensador ainda afirmava que o sentido do texto dependia do contexto imediato de produção e enxergava o sujeito sob uma ótica individual e completamente intencional e consciente, controlando até o funcionamento dos sentidos.

Ainda em Ferreira (2007) é defendido que a AD, do ponto de vista político, agiu de maneira transformadora, a fim de romper com o formalismo linguístico que vigorava no período. O que Pêcheux propõe é buscar a língua, aliada à forma com que a ideologia interfere na historicidade do sujeito, chegando ao discurso e a seus desdobramentos.

Dentro deste contexto, importa mencionar que, embora no momento de sua constituição, a AD tenha sido denominada como de Linha Francesa, por ter sido formulada na França, atualmente, aos estudos idealizados por Michel Pêcheux, atribuímos o nome de Análise de Discurso Pecheutiana, expressão utilizada na presente pesquisa. Isso porque no país de origem desta teoria, outros analistas de discurso tiveram seus estudos consolidados, a exemplo, de Michel Foucault, Patrick Charaudeau, Dominique Maingueneau, Jean-Jacques Courtine, entre outros. São autores que abordam o discurso em diferentes perspectivas e contribuíram para a solidificação deste campo teórico.

Para tratar da teoria da AD, faz-se necessário abordar e elucidar alguns aspectos que precederam a sua constituição, mas que também foram imprescindíveis para a consolidação desta teoria. Tais aspectos culminaram entre os anos de 1966 e 1967, quando o seu fundador, Michel Pêcheux, publicou dois textos, respectivamente, “Reflexões sobre a Situação Teórica das Ciências Sociais e, especialmente, da Psicologia Social” e “Observações para uma teoria geral das ideologias”, utilizando o pseudônimo Thomas Herbert. Ambos os textos foram publicados na revista *Cahiers Pour l'analyse*, do Círculo de Epistemologia da Escola Normal Superior.

Para Henry (1969, p.14) a atitude de Michel Pêcheux foi proposital, pois,

[...] evitar uma apresentação explícita e direta de suas representações teóricas que, não estando na linha acadêmica da psicologia francesa, poderiam causar inconvenientes à sua carreira. Ao contrário, longe de ser oportunista, a atitude de Pêcheux representava a tradução de uma estratégia cuidadosamente deliberada.

A primeira publicação voltou-se para a conjuntura teórica das Ciências Sociais. Nela, fica evidente a intenção do autor em consolidar um objeto teórico e romper com o problema presente no campo das Ciências Sociais, já que estas necessitavam de um instrumento científico, pois o seu objeto estava num estado pré-científico. Herbert (apud HENRY, 1993 [1969]) defendia que o estabelecimento de um objeto para ciência por meio da exploração de seus elementos internos e externos, a tornaria consistente, necessária e implicaria no próprio desenvolvimento do discurso científico.

É neste texto que ele apresenta a definição de um instrumento científico, que se tornou o alicerce para a estruturação de análise automática do discurso. Para ele, toda prática científica precisa de instrumento científico, e quando algum instrumento é transferido de um segmento da ciência para outro, ele é, de alguma maneira, reinventado e afetado por uma ou várias ideologias. Henry (1993[1969]), p.18), acerca desse entendimento de Herbert, expõe que: “É isso precisamente o que ele quer dizer quando escreve que uma ciência é, antes de tudo, a ciência da ideologia (ou das ideologias) com as quais ela rompe”.

Neste sentido, pode-se afirmar que não há ciência sem ideologia e, assim, não há concepção de instrumento científico que não seja afetado por aspectos ideológicos e que rompa, de alguma maneira, com uma teoria preexistente, pois o instrumento tem uma relação com alguma teoria.

Em seu segundo texto, inicialmente, duas questões cruciais são levantadas. A primeira está ligada às condições em que o objeto de uma ciência é estabelecido e a segunda ao método com que o objeto de uma ciência é reproduzido, baseado nos ajustes realizados no discurso teórico que o torna consistente. A esse processo dá-se o nome de “reprodução metódica”.

No que tange à primeira questão, Herbert afirma que toda ciência deriva da transformação conceitual num campo da ideologia, ou seja, o processo de surgimento e construção de uma ciência perpassa pelo rompimento ideológico com algo que a precede.

Desta forma, afirma:

A proposição geral sob qual nos apoiamos é que toda ciência - qualquer que seja seu nível atual de desenvolvimento e seu lugar na estrutura teórica - é produzida por um trabalho de mutação conceptual no interior de um campo conceptual ideológico em relação a qual ela toma uma distância que lhe dá, num só movimento, o

conhecimento das errâncias anteriores e a garantia de sua própria cientificidade. Nesse sentido, toda ciência é inicialmente ciência da ideologia da qual se destaca (HERBERT, T. 1995 [1967], p. 63).

Já a segunda questão diz respeito ao momento de elaboração teórica e conceitual do objeto de cada ciência, ocasião em que ocorre a subversão ao padrão ideológico dominante. Herbert (1995 [1967]) também qualifica este momento como “conceptual-experimental”, que é a fase em que a ciência deixa visível, aquilo que produz.

Ainda na segunda publicação, o autor analisa a “dupla forma da ideologia” (HERBERT, T. 1995 [1967], p.67), ratificando a influência dela nas Ciências Sociais. De um lado está o processo de produção, que deriva das práticas empíricas, cujas transformações implicam em modificações dos meios de trabalho. Do outro, tem-se o processo que garante a conservação das relações sociais de produção nas sociedades de classes, que assegura a manutenção da diferença entre o dominante e o dominado.

Talvez, ao primeiro olhar, os referidos textos não possuam uma relação nítida com o que viria se tornar a AD, mas eles já faziam menção ao materialismo histórico e à psicanálise, correntes teóricas que, posteriormente, viriam embasar, mesmo que numa perspectiva distinta, a AD Pecheutiana, juntamente com a Linguística. Ao fazer referência à ideologia e ao modo como ela incide nas relações sociais, Pêcheux já preparava o cenário para a defesa da vinculação dela ao processo de produção discursiva. Para Henry (1993, p. 25), Pêcheux “[...] escolheu o discurso e a Análise de Discurso como o lugar preciso onde é possível intervir teoricamente (a teoria do discurso) e praticamente construir um dispositivo experimental (a análise automática do discurso)”.

De fato, a constituição da AD Pecheutiana deu-se em três fases ou épocas, denominadas AD-1, AD-2 e AD-3. Cada uma delas representam divisões, deslocamentos e revisões conceituais e metodológicas da AD.

A primeira fase, AD-1, foi marcada pela exploração metodológica e o surgimento da noção de máquina discursiva, que consiste no conjunto de discursos produzido em determinado momento, visto a partir de condições de produção estáveis. Nesta época, a AD voltou-se para a análise dos discursos mais fechados, marcados pela estabilidade e produzidos em condições homogêneas. Pêcheux (1993 [1969]) menciona, como exemplo, os discursos políticos, uma vez que esses estão inseridos dentro de uma ideologia partidária, o que lhes confere certa homogeneidade.

Desta forma, em relação ao primeiro momento da AD ele afirma que:

O ponto de partida de uma AD-1 é um *corpus* fechado de sequências discursivas, selecionadas (o mais frequentemente pela vizinhança de uma palavra-chave que remete a um tema) num espaço discursivo supostamente dominado *por condições de produções* estáveis e homogêneas (PÊCHEUX, 1993 [1969], p. 312).

Cabe pontuar que também nesta fase há o entendimento de que o sujeito-estrutura determina os discursos e, por sua vez, outros sujeitos agem como subalternos a ele e produzem discursos acreditando que são próprios, mas na verdade são apenas reproduções. Por conta disso, prevalece o entendimento de que o processo de produção discursiva na AD-1 é fechado, pois não há espaço para grandes mudanças, para os rompimentos de sentidos e variações polissêmicas. Quanto a esta questão, Pêcheux diz que “os sujeitos acreditam que “utilizam” seus discursos” quando na verdade são seus “servos” assujeitados, seus “suportes”. (1993, [1969], p.311).

Na segunda época, surge a noção de formação discursiva (FD), baseada no filósofo Michel Foucault (1969), e começam a emergir interrogações a respeito ao conceito de máquina discursiva trabalhada na AD-1, principalmente no que tange à sua caracterização como estrutura fechada e homogênea.

Os questionamentos presentes na AD-2 têm como base que no funcionamento das formações discursivas, há sempre o contato com outras formações discursivas, o que as tornam estruturas essencialmente permeáveis e flexíveis. Pêcheux (1993 [1969], p. 314) diz que “uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadido” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD), que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais [...]”.

No entanto, a noção de máquina discursiva começa a ser implodida, nesta fase. Por outro lado, o assujeitamento do sujeito é colocado com efeito do funcionamento da FD à qual ele se identifica, o que acarreta a ilusão subjetiva de que é dono do dizer e pode controlar o que produz discursivamente.

A desconstrução do entendimento acerca da máquina discursiva ocorre, completamente, na terceira fase, AD-3, bem como a introdução do procedimento da AD por etapas, que perpassam pela construção empírica do *corpus*, análise linguística e análise discursiva.

A concepção trabalhada na AD-3 é que uma FD é sempre subordinada ao interdiscurso, que garante o assujeitamento ideológico do sujeito. Mussalim (2001, p 140) explica:

Na AD-3, por sua vez, adota-se a perspectiva segundo a qual uma FD está sempre dominada pelo interdiscurso, a ponto de Pêcheux afirmar que a formação discursiva só pode produzir o assujeitamento ideológico- isto é, só pode levar um sujeito a ocupar uma posição no interior das relações de classes, sem se dar conta de que é levado a isso-, na medida em que ela está de fato dominada pelo interdiscurso, conceito que é entendido pelo autor como sendo um conjunto de formações discursivas, ou ainda como um todo complexo com dominante.

Observa-se que mais uma vez é pontuada a questão do assujeitamento, como sendo algo intrínseco ao sujeito. Porém, nesta fase, o inconsciente passa a ser colocado como elemento que marca o sujeito, constituindo a relação “eu” e “outro” e, conseqüentemente, a heterogeneidade discursiva.

Perante o que foi colocado quanto ao surgimento e constituição da AD de vertente Pecheutiana, nota-se que ela perpassa por filiações a diferentes correntes teóricas, vinculações e desvinculações conceituais e definições que permitem a consolidação desta teoria como propícia para os estudos discursivos. Pêcheux estrutura a AD de forma que elementos históricos, ideológicos e sociais não devam ser desconsiderados na identificação dos sentidos e entendimentos relativos aos sujeitos e aos demais elementos constitutivos do discurso, como formação ideológica e discursiva, interdiscurso, memória discursiva, entre outros.

## 2.2 FILIAÇÕES TEÓRICAS

Pêcheux sustentou a formulação da AD na releitura que Louis Althusser havia feito do materialismo histórico proposto pelo marxismo, na reformulação que Jacques Lacan propôs, tendo como base a psicanálise freudiana e a retomada de algumas ideias do estruturalismo saussuriano, compondo assim a trilogia Marx-Freud-Saussure (Pêcheux, 2008).

As contribuições do materialismo histórico manifestam-se na AD Pecheutiana, em especial, no entendimento a respeito da ideologia. Pêcheux e Fuchs (1993 [1975], p. 165) pontua que “[...] a região do materialismo histórico que nos diz respeito é a da superestrutura ideológica em sua ligação com o modo de produção que domina a formação social considerada”. Mas a que se refere a expressão “superestrutura ideológica”?

Para responder ao questionamento exposto, recorre-se a Marx (apud ALTHUSSER, 1980), visto que ele apresenta e conceitua o que vem a ser a expressão em questão. Primeiramente, é necessário dizer que a superestrutura se sustenta na infraestrutura. Esta

compreende a base econômica e é formada pelas forças produtivas e pelas relações de produção. Já aquela se divide em dois níveis o jurídico-político e a ideologia. É nesta última que Pêcheux irá fundamentar a AD, sendo que a superestrutura sempre será determinada pela base que é a infraestrutura.

Todavia, é a superestrutura que interfere nos aspectos ideológicos e estes no funcionamento dos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), que compreendem instituições distintas presentes na sociedade, podendo ser mencionados os AIE religiosos, AIE educacionais, AIE familiar, AIE político e o AIE da comunicação, no qual se inclui a mídia de massa.

Althusser (1980) entende que a ideologia funciona sempre por meio dos AIE e esses por sua vez são regidos por uma ideologia dominante. Trazendo para conjuntura atual, não seria incorreto afirmar que os Aparelhos Ideológicos da Informação equivalem aos Aparelhos Ideológicos da Comunicação, tendo em vista que eles abrigam os meios de comunicação de massa, que funcionam como mediadores na relação entre os sujeitos e os aparelhos midiáticos e atuam como propagadores ideológicos. Sendo assim, tratar-se-á o site de rede social *facebook* como inscrito neste aparelho ideológico, sem negar, no entanto, a capacidade de resistência dos sujeitos à interpelação da ideologia dominante, através de críticas e distanciamentos em relação à mesma. Isso significa que reconhecemos a mídia de massa, dentro da qual se destaca o *facebook* como um elemento difusor de ideologias, ao passo que também se reconhece que a interpelação ideológica é um ritual sujeito às falhas, sendo que neste processo há também críticas e resistência através de movimentos de identificação, contraidentificação e desidentificação dos sujeitos com a formação discursiva que os domina.

No funcionamento do AIE da comunicação, o que prevalece são os propósitos e interesses das classes dominantes, como ocorre nos demais AIE. Em relação às questões ligadas à discursivização sobre a mulher negra, de modo geral, são atribuídos sentidos, baseados em estereótipos, que estão desvinculados ao padrão de beleza vigente.

Carneiro (2003b, p.125) coloca que “a naturalização do racismo e do sexismo na mídia reproduz e cristaliza, sistematicamente, estereótipos e estigmas que prejudicam, em larga escala, a afirmação de identidade racial e o valor social desse grupo.” Assim, circulam sentidos negativos referentes às características fenotípicas das mulheres negras, passando a ser perceptível o processo de desqualificação estética. No entanto, em alguns momentos percebe-se também a resistência dos sujeitos ao se contraidentificarem e se desidentificarem com a ideologia dominante, resolvendo utilizar os cabelos crespos e considerando-os bonitos.

Todavia, na maioria das vezes, os sentidos vistos como “positivos” em relação às mulheres negras reforçam a ideia de que elas podem ser objetos sexuais e/ou as enquadram no lugar de subordinação na estrutura social (cf. Carneiro, 2003b; Borges, 2012; Braga 2013).

Quanto à interferência da mídia nas imagens e sentidos na mulher negra Carneiro (2003b, p. 125) ainda expõe:

Se partimos do entendimento de que os meios de comunicação não apenas repassam as representações sociais sedimentadas no imaginário social, mas também se instituem como agentes que operam, constroem e reconstruem no interior da sua lógica de produção os sistemas de representação, levamos em conta que eles ocupam posição central na cristalização de imagens e sentidos sobre a mulher negra.

Althusser pontua que a estrutura dos AIE é mantida ideologicamente e que isso garante a dominação de uma classe sobre outra.

Se os AIE «funcionam» de maneira massivamente prevalente pela ideologia, o que unifica a sua diversidade é precisamente este funcionamento, na medida em que a ideologia pela qual funcionam é sempre unificada apesar das suas contradições e da sua diversidade, *na ideologia dominante* que é a da «classe dominante» ... (ALTHUSSER, 1980, p. 48).

É este entendimento de Althusser que vai subsidiar o conceito de formação ideológica (FI), utilizado na AD Pecheutiana. Tal conceito será apresentado com mais detalhes posteriormente, entretanto, cabe considerar que cada formação ideológica representa o conflito existente entre classes e posições sociais antagônicas, sendo que há sempre uma FI dominante, aquela que é oriunda da classe dominante.

Num dado momento histórico, as relações de classes (a luta de classes) se caracterizam pelo confronto, no interior mesmo destes aparelhos, de posições políticas e ideológicas que não constituem a maneira de ser dos indivíduos, mas que se organizam em formações que mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou de dominação (PÊCHEUX, 1993 [1975], p. 166).

Dentro da concepção de ideologia, vale pontuar que não existe algo que seja exterior a ela e que tudo está fora de uma ideologia, está inserido em outra. Deste modo, evitá-la ou dizer que algo não se insere em alguma ideologia é impossível, de acordo com AD Pecheutiana. Por isso, não se pode cogitar a existência de sujeitos que não sejam afetados pela ideologia, já que ela “interpela os indivíduos em sujeitos”, como assegura Althusser (1980,

p.99): “Sugerimos então que a ideologia “age” ou “funciona” de tal forma que “recruta” sujeitos dentre os indivíduos (recruta-os a todos), ou “transforma” os indivíduos em sujeitos (transforma-os a todos) por esta operação muito precisa a que chamamos a interpelação”.

Diante do ato de agir, funcionar, recrutar e transformar, a ideologia é responsável por gerar os sentidos constitutivos do discurso e esta é a condição fundamental tanto para a constituição do sujeito, como dos sentidos. Ao contrário do que defendia a teoria marxista, a ideologia não tem como função distorcer a realidade, tem sim, a função de gerar sentidos à realidade. Recorre-se a Orlandi (2015, p. 46) para corroborar com o citado:

A ideologia, por sua vez, nesse modo de a conceber, não é vista como um conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação da realidade. Não há, aliás, realidade sem ideologia. Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido. E como não há relação termo-a-termo entre linguagem/mundo/pensamento essa relação torna-se possível porque a ideologia intervém com seu modo de funcionamento imaginário.

Da relação da AD Pecheutiana com o estruturalismo, de acordo com Henry (1969, p. 14), Pêcheux tinha interesse pelos “aspectos que supunham uma atitude não-reducionista no que se refere à linguagem”. Desta forma, ele vai encontrar o embasamento para discutir e apresentar o papel e o conceito de língua na AD.

Nos seus primeiros estudos, ele propõe superar o que é posto na teoria saussuriana.

Ora o deslocamento conceptual introduzido por Saussure consiste precisamente em separar essa homogeneidade cúmplice entre a prática e a teoria da linguagem: a partir do momento em que a língua deve ser pensada como um sistema, deixa de ser compreendida como tendo a função de exprimir sentido (PÊCHEUX, 1993 [1969], p. 63).

A visão de homogeneidade da língua no estruturalismo fez com que fossem negligenciadas as instituições não semiológicas da língua (como o político, o jurídico etc.) e fala. Mesmo que não tenha explicitamente desejado, o fato de Saussure atribuir à fala caráter individual, dá a impressão de que existe “um caminho da liberdade humana” (PÊCHEUX, 1993 [1969], p. 71), onde os falantes são livres. Contudo, não é isso que ocorre, pois, o sujeito não é livre.

Segundo Scotta (2005, p. 10): “Nesse sentido Pêcheux se contrapõe à dicotomia, porque em sua opinião, é inadequado explicar o funcionamento linguístico pela referência, de

um sistema universal de regras, assim como é errado pensar um sujeito livre na base de toda atividade linguística”. Por isso, Pêcheux afirma que é necessária a inclusão de uma perspectiva externa no estudo da língua, uma vez que os sentidos descendem de elementos que são externos ao sistema de signos que repercutem no funcionamento dele. Diante disso, ele expõe:

[...] não é certo que o objeto teórico que permite pensar a linguagem seja uno e homogêneo, mas que talvez a conceptualização dos fenômenos que pertencem a “alto da escala” necessite de um deslocamento da perspectiva teórica, uma mudança de terreno que faça intervir conceitos exteriores à região da linguística atual (PÊCHEUX, 1993 [1969], p. 73).

A fim de confirmar sua análise, Pêcheux traz como exemplo a frase “a terra gira”. Para ele, nem sempre a norma universal da língua será a base para afirmar que tal frase é normal ou anômala, mas para o entendimento dela é preciso buscar referências no contexto em que ela foi produzida, nas circunstâncias de um discurso, o que ele vai chamar de condições de produção.

Ao abordar a questão da exclusão das instituições não semiológicas, Pêcheux faz alusão ao discurso de um deputado na Câmara. Se colocarmos como referencial o ponto de vista saussuriano, o discurso do deputado é uma manifestação livre, ou seja, da ordem da fala, na qual o locutor tem plena liberdade e a língua só irá intervir na sequência sintática colocada. No entanto, o discurso deriva de uma ideologia política e, neste sentido, Pêcheux vai além de uma análise puramente estruturalista para avaliar que a constituição do sentido ultrapassa a relação significado-significante.

Orlandi (2015, p. 14) pontua que na AD Pecheutiana não se trabalha com a língua fechada em si própria, como ocorre em algumas áreas da Linguística, mas com o discurso que é objeto social e histórico que sofre intervenção do linguístico, a partir do momento em que a materialidade discursiva ocorre por meio da língua. Baseado nessa questão, conclui-se que a língua só faz sentido pelo fato do indivíduo ser interpelado em sujeito, por conta da ideologia.

Discurso, língua e ideologia estabelecem uma relação indissociável, de acordo com a AD, e por isso não há sujeito que não seja submisso à língua e à ideologia, pois são elas, juntamente com as estruturas sociais, que geram sentidos à realidade e compõem o processo discursivo.

Outra questão relacionada à concepção de língua dentro da Teoria Pecheutiana refere-se à transparência da mesma, sendo este um dos elementos convergentes da AD com a

Linguística. Isso porque, no ponto de vista dessas duas teorias, a língua não é transparente e é construída socialmente de forma simbólica. Não há uma relação direta entre o significante e o significado, pois essa relação é formulada pela instância social, história e cultural. Por conta disso, a língua é passível de falhas e dessas surgem brechas que permitem o surgimento de novos sentidos, pois esses não são fixos e controláveis.

A língua do analista do discurso é outra. É a língua da ordem material, da opacidade, da possibilidade do equívoco como fato estruturante, da marca da historicidade inscrita na língua. É a língua da indefinição do direito e avesso, do dentro e fora, da presença e da ausência (FERREIRA, 2007, p. 17).

Assim, para a AD a língua é opaca e esta característica é decorrente do fato dos signos sempre dependerem das ideologias às quais os sujeitos se filiam. Para os signos terem sentido não é preciso uma relação direta com o objeto que designam, mas essa relação é intercedida pelas condições sociais as quais os sujeitos estão inseridos.

Importa frisar que a AD Pecheutiana não tem como propósito anular o que é colocado por Saussure. Pelo contrário, ela apoia-se e concorda quanto ao funcionamento da língua, como objeto principal da Linguística e a coloca como a “base comum de processos discursivos diferenciados” (PÊCHEUX, 2014, p.79).

Saussure é, para ele, o ponto de origem da ciência da linguística. A seus olhos, o deslocamento operado por Saussure, da função para funcionamento da língua é um adquirido científico irreversível. O essencial daquilo que, nos termos da epistemologia da época, ele chamará de “corte saussuriano” reside na ideia de que a língua é um sistema (MALDIDIER, 2003, p.22).

Outro ponto que deve ser apresentado é que a AD Pecheutiana está em desacordo com o conceito instrumental de linguagem que a compreende apenas como ato de comunicação entre os sujeitos. Na concepção Pecheutiana, quando utilizada no campo das Ciências Sociais, essa linha de raciocínio é um mecanismo que mascara a vinculação da linguagem com a ideologia, e não a concebe como uma prática política, mantendo-a como uma extensão do campo das Ciências Sociais.

Quanto à contribuição da Psicanálise, baseada em Lacan, na AD incide a concepção de sujeito, pois para este existe sempre o “eu” que é marcado pelo “outro” e pelo “Outro”. O primeiro “outro” refere-se ao interlocutor, sujeito com o qual se interage. O segundo diz

respeito ao inconsciente, às vozes do outro que estão no inconsciente e interpelam os sujeitos e fazem com que o discurso seja sempre atravessado por outro discurso, que é o discurso do “Outro”.

De acordo com Mussalim (2001), há dois aspectos do estruturalismo linguístico que Lacan diverge. O primeiro refere-se ao fato de considerar o sujeito como parte do sistema linguístico que afeta a estrutura. Desta forma, o sistema não é completo, visto que “[...] o sujeito – pura descontinuidade na cadeia de significante- “descompleta” o conjunto de significantes.” (Ibidem, p 121). O segundo aspecto diz respeito ao rompimento da ideia de simetria entre os interlocutores, proposto por Jakobson. Para Lacan, o Outro ocupa lugar de supremacia em relação ao sujeito e é por ele que o sujeito se define e não pela ação do consciente.

Mussalim (2001) ainda assegura que o analista de discurso tem a função de compreender o funcionamento do inconsciente a partir da forma de como as palavras são discursivizadas e relacionam-se com outras palavras. Logo, ela expõe:

A tarefa do analista seria de fazer a vir à tona através de um trabalho na palavra e pela palavra, essa cadeia de significantes, essas “outras palavras”, esse “discurso do Outro”, isto é, do inconsciente, lugar desconhecido, estranho, de onde emana o discurso do pai, da família, da lei, enfim, do Outro e em relação ao qual o sujeito, se define e ganha identidade (MUSSALIM, 2001, p. 119).

Com isso, “O objetivo de Lacan é renovar a psicanálise e seu sujeito é aquele do inconsciente estruturado como uma linguagem. A linguagem é condição do inconsciente, aquilo que introduz para todo ser falante uma discordância com sua própria realidade.” (HENRY, 1993, p. 34).

Nesta perspectiva, a ideia de completude do sujeito não tem validade, tendo em vista a interpelação do inconsciente e ideológica. Este sujeito não é pleno, ele é sim suscetível às falhas, aos equívocos e assim como o discurso não é homogêneo. Pode-se fazer uma relação da ação do inconsciente com a ação da língua, no momento em que ocorrem as falhas, os lapsos e os enganos, pois, tanto o inconsciente como a língua são passíveis dessas ocorrências.

A ocorrência das falhas não deve ser analisada de forma negativa, visto que a partir da incompletude gerada pelas falhas é que surgem outros sentidos.

Silva (2000, p. 246) pontua que:

[...] o inconsciente em Lacan é um tropeço, uma falha, desejo, mas também é repetição, pois apresenta uma cadeia ou rede de significantes que sempre diz o mesmo, que está ligado ao real, que não engana, que volta sempre ao mesmo lugar para o sujeito, mas que o sujeito não encontra.

Pela ação do inconsciente o sujeito discursivo tem a ilusão de que dono do dizer e isto decorre da ação do consciente. Deste modo, ele não percebe que o discurso sempre deriva de outros discursos, acarretando assim as repetições. No entanto, tais repetições adquirem sentidos diversos a depender da FD a qual o sujeito está vinculado. A repetição é sempre o mesmo discurso, mas é também um novo discurso, a depender da movimentação dos sentidos.

### 2.3 O VÍNCULO INDISSOCIÁVEL ENTRE DISCURSO E SENTIDOS

O termo sentido foi citado com frequência, com a ideia de que é algo fluído, materializado pela língua, construído de acordo com os fatores extralinguístico e que não pode ser controlado pelo sujeito e até mesmo pelas diferentes formações ideológicas.

Com certeza, é ele o elemento substancial, juntamente com as inúmeras possibilidades de efeitos que gera, da definição de discurso para AD Pecheutiana. Segundo Orlandi (2015, p.14): “Desta maneira, os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da linguística”.

Isso quer dizer que os sentidos são gerados de acordo com as questões sócio-históricas que ocorrem ao longo do tempo e de acordo com as experiências dos sujeitos, que não podem ser pensado de forma isolada, distante do mundo e controlador dos fatos. Do mesmo modo, a língua (objeto da linguística), embora submetida às regras, não deve ser vista como uma estrutura rígida, pois se assim pensada deixa de ser afetada pelos fatores sociais, e não abre brechas para equívocos, algo que faz parte do seu funcionamento.

Feitas essas colocações, cabe então apresentar o conceito do objeto da AD Pecheutiana: discurso. Diz Pêcheux (1993[1969], p.82) “[...] o termo discurso, que implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de “efeitos de sentidos”, entre os pontos A e B”.

Em relação a esta definição, as seguintes considerações podem ser realizadas. Primeiro, que o discurso não é somente uma ação de transferência de informação, onde existe de um

lado existe o emissor, do outro lado o destinatário, aonde ambos não são afetados por fatores externos (política, religião, mídia etc.) e no processo de transmissão das mensagens não há ruídos de comunicação ou falhas no canal. É inapropriado pensar o processo comunicacional desta forma, uma vez que, os sujeitos envolvidos no ato comunicacional estão inseridos numa conjuntura social, histórica e cultural, que infere na constituição deles como sujeitos. Já as falhas e ruídos, muitas vezes são inevitáveis, mas, com certeza, o aparecimento delas é incontrolável.

A segunda consideração que deve ser posta se refere ao emprego do termo “necessariamente”, pois a sua utilização não exclui a possibilidade do discurso ser também transmissão de informação, em algum momento. A respeito deste fato, Possenti (2002, p.170) comenta: “Pêcheux não exclui que o efeito de sentido entre os pontos A e B possa eventualmente ser uma informação. É o que se depreende de sua afirmação segundo a qual não se mostra *necessariamente* disso”. Assim, o ato de transmissão de informação pode ser visto como uma ação discursiva, uma vez que envolve sujeitos, ocupando posições distintas e a emissão de informação ocorre por meio da língua que materializa o discurso que, por sua vez, é marcado por ideologias.

Terceiro, os pontos A e B podem ser compreendidos como posições ocupadas pelos interlocutores, ou melhor, “designam lugares determinados na estrutura de uma formação social” (Pêcheux, 1993 [1969], p.82). Por isso, pode se afirmar que os sujeitos não são compreendidos em suas individualidades e características pessoais. Para a AD Pecheutiana, o que vale é o lugar dentro da estrutura social que o sujeito ocupa, pois ele fala a partir de um lugar. Por exemplo, uma mulher negra, militante do movimento negro, proferindo uma palestra contra o racismo, fala de um lugar onde as palavras significam de modo diferente daquele proferido, por exemplo, por uma mulher que não estivesse interpelada pelas ideologias presentes no movimento negro. Caso a mesma mulher negra militante do movimento negro estivesse no diálogo com o filho, como mãe, ela ocuparia outro lugar que não é necessariamente o lugar de militante.

Portanto, para entender como os discursos significam é necessário atentar-se para as condições de produção. Elas têm a ver com o contexto imediato, envolvendo também o contexto sócio-histórico, ideológico e a maneira como memória que é acionada, no momento em que o discurso é gerado (ORLANDI, 2015).

Por isso, os sentidos também dependem das condições de produção e uma palavra dentro do discurso pode assumir diferentes sentidos, romper com os sentidos existentes ou

transferir sentidos para outras palavras. Esta movimentação do sentido na perspectiva da AD Pecheutiana está relacionada à noção de paráfrase e polissemia.

A paráfrase está ligada a repetição, a retomada de algo que já foi dito, mesmo utilizando um vocabulário diferente. As relações parafrásticas constituem a matriz do sentido, conforme aponta Pêcheux (1993 [1976], p. 169): “Queremos dizer que para nós, a produção do sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais a família parafrástica dessas sequências constituem o que poderia chamar a “matriz do sentido”.

Já a polissemia está ligada ao novo, à quebra de um sentido existente, à ruptura e ao equívoco, que deriva da paráfrase. “E é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam.” (ORLANDI, 2015, p. 34).

A expressão “cabelo crespo”, por exemplo, pode ter vários sentidos a depender da posição ocupada pelo sujeito que a emprega, da retomada de algo que já foi dito ou da atribuição de um sentido novo para a expressão, que pode ter sentidos como: cabelo bom, cabelo ruim, pode ser visto como uma coroa, cabelo duro, palha de aço, entre outros. Esses sentidos irão depender do sujeito e do modo como ele é tomado pela ideologia.

Mais uma vez, recorre-se a Orlandi (2015, p. 35) para afirmar que:

É condição de existência dos sujeitos e dos sentidos: constituírem-se na relação tensa entre paráfrase e polissemia. Daí dizermos que os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros. Todavia nem sempre o são. Depende de como dão afetados pela língua, de como se inscrevem na história. Depende de como trabalham e são trabalhados pelo jogo entre paráfrase e polissemia.

São essas indicações que permitem dizer que não há sentidos verdadeiros, mas sentidos sim possíveis. Não se pode chamar cabelo crespo de cadeira, mas chamá-lo de coroa é permitido e aceito em determinadas condições de produção e filiações ideológicas, pois é possível interpretá-lo e compreendê-lo desta forma. Chamar cabelo crespo de coroa não é apenas referir-se ao objeto, adorno de cabeça que simboliza poder. É transcender a simbologia atribuída ao objeto, mas sem perder os sentidos preexistentes relacionados a ele. Do mesmo modo é permitido chamar cabelos crespos de duro, visto que, ele possui a maleabilidade distinta dos cabelos não crespos. Por esse exemplo, percebe-se que a língua, a ideologia, a história e outros elementos ligados à exterioridade vão deixando suas marcas no discurso, sendo que é no/para o discurso que se apreendem os sentidos.

## 2.4 FORMAÇÕES IDEOLÓGICAS E DISCURSIVAS

O conceito de Formação Ideológica (FI) está intimamente ligado à ideologia, e, conseqüentemente, ao modo de como ela age sob o sujeito, nas posições sociais e históricas ocupadas por ele e na geração de sentidos para o discurso. As FIs são como espaços formados por ideologias, regidas pelos AIE, e esses espaços trazem características de determinada posição social, sendo que o contato entre FIs distintas pode ocorrer os antagonismos, alianças, relações de subordinação e dominação.

Sendo assim, Pêcheux e Fuchs (1993 [1975], p.166) trazem que “[...] cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais e nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posição de classes em conflitos uma com as outras”.

É por meio das FIs que a ideologia interpela os sujeitos. Pode-se dizer que, do mesmo modo que existem ideologias distintas, existem FIs distintas, como por exemplo, a FI nacionalista, FI capitalista, entre outras. Ainda em Pêcheux e Fuchs (1993 [1975], p. 167) é posto que a ideologia sempre se realiza por via “[...] de um conjunto, em cada fase histórica da luta de classes, um papel necessariamente desigual na reprodução e na transformação das relações de produção...”, isto é, as FIs agem também para manter as estruturas sociais construídas historicamente, sendo que o sujeito atribui sentidos a partir da filiação que faz a um dada FI.

Podemos dizer que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (ORLANDI, 2015, p.40).

Para ilustrar a citação apresentada, pode-se pensar no emprego da expressão “mercado negro”, sendo empregada por sujeitos vinculados às FIs distintas. Para uma FI a expressão pode ser utilizada para referir-se à prática ilegal de comércio. Porém, para outra FI (a do movimento negro, por exemplo) a expressão pode ser considerada racista, pois leva a entender que a ocorrência do ilícito está vinculada pejorativamente à imagem do negro.

Embora a AD Pecheutiana tenha utilizado, inicialmente, a definição de FD proposta Foucault (2008 [1969]) que atribui a ela características relacionadas à repetição e

regularidade, no decorrer de seu desenvolvimento observaram-se rompimentos com a ideia foucaultiana, principalmente quanto à questão da interferência da ideologia nas FDs. Mas cabe mencionar que a contribuição de Foucault para a AD diz respeito, especialmente, à eliminação do problema da homogeneidade da máquina discursiva, como foi pontuado, ao abordar as fases da AD Pecheutiana.

Quanto ao exposto, Mussalim (2001, p. 132) assegura que:

O campo de aplicação da noção de formação discursiva foucaultiana extrapola – e muito - um discurso produzido a partir das condições homogêneas (concepção de discurso formulada na primeira fase da AD), e isso será decisivo para os novos horizontes vislumbrados pelas reflexões de Pêcheux.

Foucault, na obra *Arqueologia do Saber*, tratou do discurso de forma extensiva, embora este não fosse foco, e sim as condições de existência da FD. Ele pontuava que, para fazer a análise de um enunciado, era preciso distanciar-se da noção de ideologia, pois assim seria possível avaliar o pertencimento da FD a alguma FI. Por sua vez, Pêcheux (1993 [1975]) defendia que a ideologia é o elemento essencial para análise e avaliação de um enunciado, que sempre pertence a uma dada FD. Para ele, esse deve ser o primeiro passo para qualquer análise, pois é tendo como base a FD que se determina aquilo que é permitido explicitar dentro dela, e aquilo que se coloca de forma antagônica a ela.

Desta forma, é no interior das FIs que estão as Formações FDs e conforme Pêcheux (1993[1975], p. 166) as FDs “determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob forma de harena, um sermão, um panfleto, uma posição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico”. Portanto, uma FI pode comportar uma ou várias FDs, sempre marcadas pela heterogeneidade, não pela homogeneidade. Com isso, o mesmo discurso pode ser compreendido de variadas formas, a depender da FD em que se inscreve o sujeito.

Orlandi (2015, p. 42) diz que:

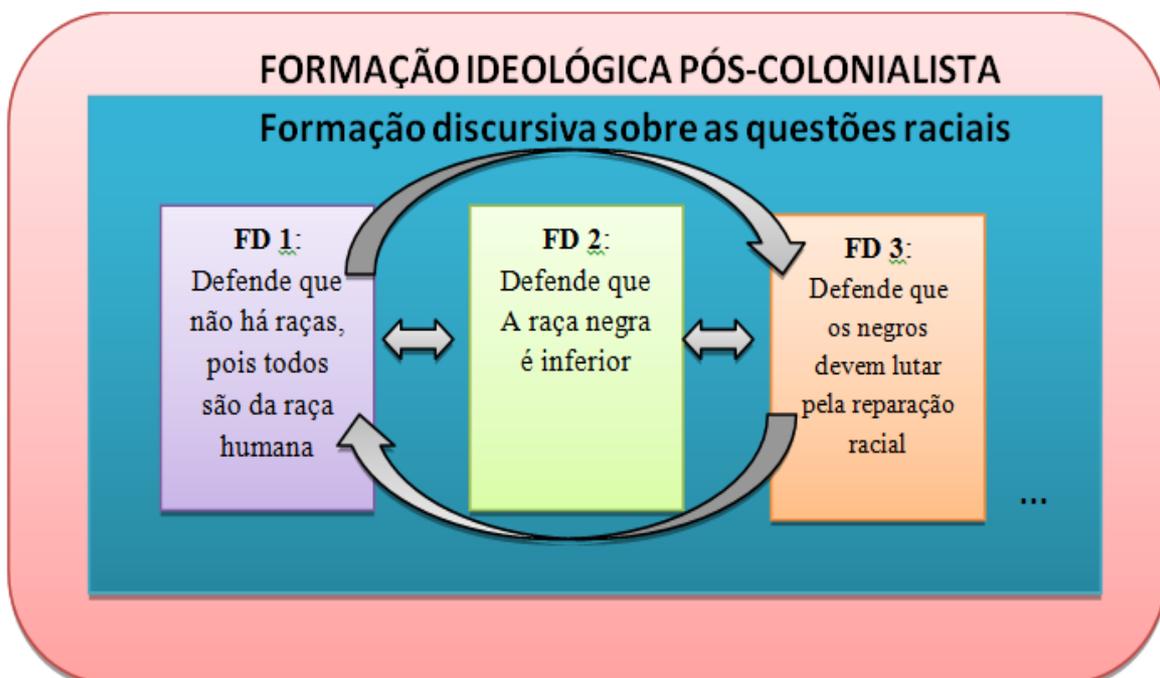
[...] é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações.

Acrescenta-se à citação acima, o que Mussalim diz ao tratar da fluidez e da relação existente entre FDs distintas, que permite que elas sejam desuniformes.

Assim, uma formação discursiva (doravante FD) não pode ser concebida como homogênea, ou como um espaço estrutural fechado, visto que, pelo fato de suas condições de produção serem contraditórias, ela se constitui como um espaço constantemente invadido, por elementos que vêm de outro lugar de outras formações discursivas. Neste sentido, o espaço de uma FD é atravessado pelo “pré-construído”, ou seja, por discursos que vieram de outro lugar (de uma construção anterior e exterior) e que são incorporados por ela numa relação de confronto ou aliança. (MUSSALIM, 2001, p. 139).

Para ilustrar o que foi posto, utilizar-se-á a figura a seguir.

Figura 1- Formação ideológica pós-colonialista



Fonte - Elaborada pela autora

O que foi apresentado demonstra que dentro de uma FI podem existir várias FDs e no interior delas, outras FDs fazem-se presentes, construindo uma relação de oposição ou de afinidade, mas sempre permeadas por posições ideológicas, com as quais dialogam. Por conta desta relação, uma FD não deve ser pensada como estrutura fechada que não influencia e nem sofre influências de outras FDs. Baseada nesta conjuntura, Indursky (2009, p. 3) diz que: “As paredes das FD são porosas, o que permite sua permanente reconfiguração em função da conjuntura sob a qual elas funcionam”.

Os sentidos também são gerados de acordo com a FD à qual o sujeito se vincula, podendo uma palavra ou expressão possuir diferentes sentidos. Ao trazer a palavra “raça”, no

contexto das FDs Pós-colonialistas apresentadas na figura anterior, ela pode significar de formas diversas para os sujeitos vinculados às FDs. Por exemplo, pode ser utilizada numa referência a uma mesma espécie biológica; para diferenciar os sujeitos por meio de características físicas, a exemplo da cor da pele, formato de cabeça; para identificar um grupo social; ou até mesmo pode deslizar e constituir um novo sentido distinto dos já citados, processo chamado de deslizamento de sentido.

Quanto a esta questão, Pêcheux (2014 [1988] p. 147-148) argumenta:

Se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes – todos igualmente “evidentes”- conforme se refiram a esta ou aquela formação discursiva, é porque- vamos repetir- uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem *um* sentido que lhe seria “próprio”, vinculado à sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva.

Ainda levando em conta a figura ilustrada, percebe-se que as FDs dependem também da posição ocupada pelos sujeitos, que podem movimentar-se entre elas. No caso apresentado, uns se inscrevem numa posição que defende que não há diferenciação entre raças e assim, todos os sujeitos pertencem a uma única raça, que é a humana. Outros se inscrevem na posição que entende a raça negra como inferior, baseando-se no processo histórico de escravidão dos negros vindos do continente africano e na continuação da estrutura escravocrata no Brasil. Por fim, há aqueles que defendem que, por conta do mesmo processo de escravidão que colocou os negros às margens da sociedade e de todos os direitos sociais, esses sujeitos devem buscar a reparação racial, buscando equipararem-se positivamente aos demais sujeitos tidos como não negros.

A movimentação entre diversas FDs constitui o efeito-sujeito, que é o resultado do assujeitamento ideológico produzido no processo de mudança de posição do sujeito, dentro de uma FD ou entre FDs distintas. Isso para Pêcheux (2014) consiste nas modalidades de tomada de posição, onde o sujeito pode identificar-se totalmente, parcialmente<sup>2</sup> ou desidentificar-se totalmente com uma FD. Porém para explicar devidamente as modalidades citadas, faz-se necessário invocar os aspectos relativos ao sujeito da AD Pecheutiana, que será abordado na seção seguinte.

---

2 Parcialmente aqui não quer dizer metade, pois pode ser a desidentificação com apenas um elemento de uma FD, fato que implica a não identificação em sua totalidade.

## 2.5 O SUJEITO DISCURSIVO

Tratar do sujeito na perspectiva da AD Pecheutiana é abordar os efeitos que a interpelação ideológica, decorrente das FIs e, em especial, das FDs, tem na construção ao discurso. Esse talvez seja o princípio básico para a concepção de sujeito apresentada por Pêcheux.

Primeiramente, cabe pontuar que aquele que era considerado indivíduo perde a condição de individualidade, advinda do enquadramento como sujeito empírico, e passa a ser enquadrado como sujeito discursivo, visto que a ideologia o condiciona a isso, pois é ela, por meio das FDs, que interpela os indivíduos em sujeito e dá sentidos à realidade. O sujeito discursivo da presente pesquisa são as mulheres negras que, por meio das postagens nas comunidades do *facebook*, são discursivizadas a partir dos sentidos acerca dos cabelos crespos, que produzem e reproduzem discursivamente a experiência de ser mulher negra baseado no lugar social e histórico que ocupam no processo discursivo e na subordinação ideológica e à língua. Por isso, ocorre o assujeitamento, e faz-se necessário o funcionamento da ideologia, que determina os lugares designados ao sujeito discursivo na estrutura social.

Assim, Althusser afirma:

É tendo como referência a ideologia que Pêcheux introduz o sujeito enquanto efeito ideológico elementar. É enquanto sujeito que qualquer pessoa é “interpelada” a ocupar um lugar determinado no sistema de produção”. O termo elementar refere-se ao fato de que o efeito ideológico não é resultado de alguma coisa. O sujeito não é nada antes de ser sujeito. O sujeito já surge sujeito. (ALTHUSSER, apud HENRY 1993, p. 30)

No processo de interpelação, o sujeito não é a origem do dizer e nem fonte dos sentidos, mesmo tendo a falsa impressão de que escolhe e gera o que discursiviza (atividade do esquecimento número 2<sup>3</sup>), pois essa é uma ação semiconsciente, que determina a ilusão do efeito-sujeito. Mas, ao mesmo tempo, este sujeito é também marcado pelo “Outro” e por outros. No “Outro” age o inconsciente que sempre interfere no “eu” e, assim como na linguagem, não coloca o sujeito como pleno e completo. O Outro manifesta-se, diretamente, no discurso através do esquecimento ideológico (esquecimento número 1).

---

3 O esquecimento número 2 será abordado mais detalhadamente na próxima subseção que terá como tema Interdiscurso e Memória.

Indursky (1992, p. 24) acerca deste assunto diz que o sujeito “é interpelado, mas acredita-se livre; é dotado de inconsciente, mas percebe-se plenamente consciente. Assim constituído, o sujeito produz “seu” discurso afetado pelos dois esquecimentos...”. Já em relação aos outros, estão os outros sujeitos que geram e influenciam os diversos discursos, que sempre originam de já-ditos, que compõem o interdiscurso.

Desta maneira, pode-se dizer que o sujeito discursivo é, ao mesmo tempo, ideológico e inconsciente, sendo esta relação percebida e materializada na língua, conforme aponta Ferreira (2007, p. 14):

O sujeito do discurso vai então, colocar-se estrategicamente e perigosamente entre o sujeito da ideologia (pela noção de assujeitamento) e o sujeito da psicanálise (pela noção de inconsciente), ambos constituídos e revestidos materialmente pela linguagem [...] O sujeito do discurso não é apenas o sujeito ideológico marxista-althusseriano, nem apenas o sujeito do inconsciente freudo-lacaniano, tampouco é apropriado afirmar que esse sujeito seja uma mera adição entre essas partes. O que vai fazer a diferença desse sujeito é o papel de intervenção da linguagem, na perspectiva de materialidade linguística e histórica que a AD lhe atribui.

É o vínculo com a FD que determina a *forma-sujeito* também chamada de sujeito universal e é a partir dessa forma sujeito que ocorre a interpelação. Para Pêcheux “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito).” (2014, p. 150).

Da conexão do sujeito com as FDs resulta as modalidades de desdobramentos constitutivos do sujeito do discurso (PÊCHEUX, 2014, p. 198) entre o sujeito enunciador e o sujeito universal (ou forma-sujeito). O primeiro diz respeito àquele que é o locutor, que toma a palavra e posições a partir do lugar em que se inscreve e se reconhece como sujeito. Já o segundo é o sujeito do saber, é a forma-sujeito que está ligada a uma FD.

A identificação que o primeiro estabelece com o segundo passa a designar a posição sujeito, que equivale dizer que a relação que os sujeitos estabelecem com a forma-sujeito de uma FD faz com que ele possa ocupar diferentes posições de sujeito, produzindo os diferentes efeitos-sujeitos nas modalidades particulares de identificação.

Pêcheux (2014) descreve três modos de tomadas de posição do sujeito, que ele chama de recobrimento, reprodução e reinscrição. A primeira modalidade traduz-se no recobrimento, que é a superposição entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, que indica a plena identificação do sujeito com a forma sujeito da FD que o afeta, daí ele constitui-se como bom

sujeito, ou seja, ele está totalmente de acordo e identificado com aquilo que a FD com qual está vinculado dita.

Na segunda modalidade está o mau sujeito, que emerge quando não há uma identificação total do sujeito da enunciação com o sujeito universal (ou forma-sujeito), devido à tomada de posição que se opõe à forma- sujeito. Surge dessa modalidade diferentes posições sujeitos dentro de uma FD, acarretando dúvidas, controvérsias, desligamento, conflitos, a contradesidentificação. Pêcheux (2014, p. 199) fala que o “*sujeito da enunciação* ‘se volta contra’ o *sujeito universal* [...] que consiste, desta vez, em uma separação. ”

Acrescenta-se a essa citação o que é posto por Indursky (2007, p.187): “A segunda tomada de posição sinaliza uma identificação com restrições, dúvidas, discordâncias, questionamentos, afastamentos, contestações; trata-se de uma contra identificação com os saberes da FD e sua forma-sujeito [...]”.

A superposição que na primeira modalidade era perfeita, passa a ser permeada pela imperfeição, visto que o sujeito resiste ao que é colocado pela FD e começa a questioná-la com elementos que podem ser de outras FDs. Daí descende o caráter de heterogeneidade das FDs, pois o discurso do outro passa a influenciar a forma-sujeito e determina tudo aquilo que pode ser dito numa dada FD, introduzindo na AD noção de interdiscurso.

Por fim, a terceira posição sinaliza para desidentificação do sujeito com a FD a que está vinculado. O sujeito passa a ocupar outra FD e, conseqüentemente, outra forma- sujeito, por não se identificar com a forma-sujeito da FD em que estava inscrito. “A desidentificação sinaliza que, de fato, o sujeito já se identificou com outro domínio do saber, com outras ideologias, com outra forma-sujeito” (PÊCHEUX, 2014, P. 187). Assim, para chegar na terceira posição, o sujeito passa por um processo de identificação total. Em seguida começa a avaliar e questionar aquilo que é imposto pela FD, tomando a posição de contraidentificação e fazendo surgir as diferenças e questionamentos que o levam à desidentificar-se totalmente a FD e filiar-se a outra.

As posições do sujeito, acarretadas pela mobilidade entre FDs, podem ser analisadas quando na pesquisa são apresentados os discursos de mulheres negras que pertenciam a uma FD em que ter cabelos lisos e alisados era regra e negar os cabelos crespos era necessário para aceitação social.

Muitos desses sujeitos passam a questionar o posicionamento acima mencionado e aderem ao processo de transição capilar, que é a mudança do cabelo alisado para o crespo, por meio da não adesão aos processos químicos de alisamento. Pode-se dizer que há a tentativa de

mudança para outra modalidade, pois eles passam a experimentar o que é vivenciado em outra FD, mas não se desvinculam totalmente a FD de origem. A quebra do vínculo ocorre quando, após o processo de transição, eles passam a assumir o cabelo crespo como negação do cabelo que um dia foi alisado, por conta do que era imposto ideologicamente. Então aqueles que passam a usar o cabelo na forma crespa desidentificaram-se com a FD em que estavam inscritas e passam a pertencer à outra FD.

Quanto à movimentação do sujeito entre FDs distintas, que deriva também do fato do sujeito discursivo não ser completo e, por isso, busca a completude dos sentidos, Orlandi (2007, p. 79) pontua:

[...] sem a incompletude e o conseqüente movimento, haveria a asfixia do sujeito e do sentido, pois o sujeito não poderia atravessar os diferentes discursos e não seria atravessado por eles, já que não poderia percorrer os deslocamentos (os limites) das diferentes formações discursivas.

Por isso, a movimentação entre FDs permite não apenas o rompimento de sentidos, mas também que os discursos sejam marcados pela heterogeneidade. As FDs não são estruturas independentes, pois os sentidos não são apreendidos em um espaço fechado, e embora dependam da posição do sujeito e sofram coerções da formação ideológica, os sentidos circulam em meio à dissimetria e instabilidade.

## 2.6 INTERDISCURSO E MEMÓRIA

O interdiscurso é mais um dos conceitos que possui relevância dentro da teoria Pecheutiana, dado que todo discurso provém de algo que já foi tido, de outros discursos. Assim, o interdiscurso possui caráter heterogêneo, pois abarca todas as possibilidades de dizeres acerca de algo, sendo sempre marcado por elementos sócio-históricos, exteriores ao sujeito.

Para Pêcheux (2014, p. 149), o interdiscurso é definido como “todo complexo com dominante das formações discursivas”. O “todo complexo” refere-se ao conjunto de já-ditos que determinam o discurso e, assim, toda FD dependerá do interdiscurso, visto que ele mobiliza as relações de sentidos que podem estar vinculados a uma dada FD.

Somado ao que Pêcheux colocou, Gadet (2005, p. 64) traz que: “A noção de *interdiscurso* remete a um tecido, a uma circulação de discursos, que se respondem uns aos outros ou fazem eco, se retomam inter-citam.”

Em relação aos já-ditos, cabe informar que eles não devem ser considerados como algo exterior ao discurso, mas sim, como elementos que constituem e “sustentam cada tomada de palavra” (ORLANDI, 2015, p. 29). Por isso, afirma-se que as palavras já possuem sentidos antes de serem enunciadas e essa característica decorre do fato delas (as palavras) ganharem sentidos a partir dos já-ditos, que constituem o interdiscurso. Alguns desses sentidos são apreendidos pelos sujeitos, outros se apagam na memória e, desta forma, não são alcançados por eles, ou quando são alcançados dão a impressão de que surgiram no momento da enunciação. Por conta dessa relação, o sujeito não pode controlar todas as possibilidades de já-ditos e tem a ilusão de que não existe algo que antecede o enunciado, pois as possibilidades que preenchem o interdiscurso são infinitas.

Portanto, Orlandi (2015, p. 31) assevera:

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico em um momento particular se apague da memória par que, passando para o “anonimato” possa fazer sentido em minhas palavras.

A colocação de Orlandi retoma a discussão apresentada anteriormente quanto à ilusão do sujeito como origem do dizer. Esta ilusão decorre da ação do esquecimento, que é influenciado pelo inconsciente, fazendo com que aquilo que o sujeito diz seja visto como novidade e não como repetição. É obvio que podem ocorrer rompimentos, mas mesmos esses decorrem de algo já dito. Se o sujeito afirma que assumir o cabelo crespo é um ato de coragem, é porque, em algum momento, foi dito que quem tem cabelo crespo não deveria assumi-lo, ou deveria alisá-lo. Enfim, existiu algo anterior que permitiu que o ato de assumir o formato capilar crespo recebesse sentidos vinculados à coragem, bravura e valorização.

Pêcheux (2014) afirma que a estrutura do interdiscurso é formada por dois tipos de elementos que são os pré-construídos e as articulações. Os primeiros equivalem ao “sempre-já aí” (PÊCHEUX, 2014, p. 151) derivado da interpelação ideológica que fornece sentido à realidade e às coisas. Como o discurso sempre deriva de/em outros discursos, que se interligam por meio da repetição, paráfrase, oposição, polissemia, entre outras possibilidades,

os sujeitos sempre irão se apropriar de algo já dito, que está na exterioridade, que pode ter sido gerado em outro momento histórico para produzir o discurso. Os sujeitos apropriam-se de pré-construído na produção discursiva e, por isso, Pêcheux (2014, p. 161) expõe que: “[...] o discurso de cada um reproduz o discurso do outro (uma vez que, como dizíamos cada um é espelho dos outros)”.

Já os segundos elementos, as articulações ou processos de sustentação, constituem a relação do sujeito com os sentidos e representam no “interdiscurso aquilo que determina a dominação da forma-sujeito” (PÊCHEUX, 2014, p. 151). Portanto, são esses os elementos que conferem aos sujeitos a falsa impressão de autonomia na produção do discurso.

A seguinte citação deixa evidente que os dois elementos característicos do interdiscurso, afetam o sujeito na constituição do discurso, dentro da FD.

Podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma, descrita mais acima, enquanto “pré-construído” e “processo de sustentação”) que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são reinscritos no discurso do próprio sujeito (PÊCHEUX, 2014, p. 150).

As articulações também constroem uma relação direta com o discurso-transverso que segundo Pêcheux “é designado por *metonímia* enquanto relação da parte com o todo, da causa com o efeito, do sintoma com o que ele designa etc.” (2014, p. 153). Pode-se explicar o funcionamento do discurso transverso, com o seguinte exemplo: *Aquela menina ficou bonita depois que alisou o cabelo, em breve vai arranjar um namorado.*

Observa-se que o sujeito constrói uma relação de beleza com possuir cabelos lisos e/ou alisados, no entanto, ele também é atravessado por FD onde circula a ideia de que, para construir um relacionamento de namoro, é preciso ser bonita e o cabelo não pode ser crespo ou cacheado, pois não são sinônimos de beleza. Essa afirmação descende de algo que já foi dito anteriormente de acordo com elementos sociais, históricos e ideológicos que atravessam o sujeito discursivo. Sendo assim, conforme Pêcheux (2014, p. 154) assinala:

[...] *discurso-transverso* atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo *interdiscurso enquanto pré-construído* que fornece, por assim dizer, matéria-prima na qual o sujeito se constitui como “sujeito falante” com a formação discursiva que o assujeita.

O discurso- transverso é marcado pelo intradiscurso e que tem a ver com o que está sendo implícito no enunciado na ocasião do ato enunciativo e nas condições de produção dadas. Ele corresponde ao “o que eu digo agora, com relação ao que eu disse antes e ao que eu direi depois” (PÊCHEUX, 2014, p. 153), portando é o vínculo que existe no momento da enunciação com aquilo que a precedeu e a procederá.

Alinhado às questões relacionadas ao interdiscurso, Pêcheux apresenta a “teoria dos dois esquecimentos”, composta pelos esquecimentos número 1 (um) e número 2 (dois). O primeiro está no plano ideológico, e resulta do modo de como os sujeitos são afetados pela ideologia. Já o segundo relaciona-se com a enunciação.

Em relação ao primeiro esquecimento, Orlandi (2015, p. 33) afirma que “esse esquecimento reflete o sonho adâmico”, isto é, em virtude dele o sujeito tem a ilusão de que o dizer origina-se nele, levando-o a pensar que o que diz nunca foi dito. Evoca-se Pêcheux (1993 [1975], p. 169) para afirmar que o sujeito é recoberto pelo esquecimento ideológico, que acarreta na ilusão de “estar *na fonte do sentido*, sob a forma de retomada pelo sujeito de um sentido universal preexistente”.

O esquecimento número 2 está no plano da enunciação e tem a ver com o modo como algo é discursivizado, como as palavras são selecionadas e na pretensão de controlar os sentidos delas, lembrando que a pretensão é devido ao fato dos sentidos não serem controlados, mesmo os sujeitos tendo a falsa impressão de controlá-los. “O esquecimento nº 2 se refere à zona onde o sujeito enunciador constitui seu enunciado colocando limites entre o dito e o rejeitado, e o não-dito.” (MARTINS e SILVA, 2007, p. 293).

O primeiro esquecimento está no nível do inconsciente, vem do processo de interpelação do sujeito com outro (compreensão de Lacan), conforme Orlandi (2015, p. 34) “Os sujeitos ‘esquecem’ que já foi dito - e este não é um esquecimento voluntário...”, enquanto o segundo esquecimento é pré-consciente, vindo da relação do sujeito com outros sujeitos, pois, “o modo de dizer não é indiferente aos sentidos” (Ibid., p. 33).

Ainda em Pêcheux (2014), é vista uma relação sinonímica entre interdiscurso e memória e, baseada nisso, Orlandi afirma que: “A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso” (2015, p. 29). Todavia, tratar-se-á memória, na presente pesquisa, de maneira distinta.

Como foi dito, o interdiscurso acomoda todos os sentidos associados ao discurso e, para que seja adotado um sentido somente, ele deve passar pela FD. A partir daí os demais sentidos são esquecidos e o discurso passa a significar no interior de uma FD. Por outro lado, a memória não engloba todos os sentidos, mas sim, os sentidos permitidos pela forma-sujeito em uma FD. E da mesma forma que ele retoma sentidos, a memória estabelece o que não deve ser dito em uma FD, pois ela é regulada também pela memória discursiva.

Recorre-se a Indursky (2009, p.8) no tratamento desta questão: “[...] se a memória discursiva se refere aos enunciados que se inscrevem em um FD, isto significa que ela não cobre todos os sentidos, como é o caso do interdiscurso, mas apenas os sentidos autorizados pela Forma-Sujeito no âmbito de uma formação discursiva”.

Em uma FD racista, conceber o cabelo crespo como coroa é impossível, pois a memória discursiva não permite que este sentido circule dentro desta FD. Por outro lado, provavelmente, numa FD não racista esse sentido possa circular e significar de diferentes formas, mas todas elas ligadas à FD não racista. Assim, ainda em Indursky (2009, p. 8), é colocado que “nem tudo pode ser dito no interior de uma FD, de modo que a memória discursiva não é plena, não é saturada, pois todos os sentidos estão autorizados ideologicamente a ressoar em uma FD”.

## 2.7 SILÊNCIO

Apresentar-se-á o silêncio numa perspectiva discursiva distinta da noção de cunho religioso ou místico, pois essas, predominantemente, colocam o silêncio como uma forma de estabelecer contato com o divino, de sentir a presença de Deus, entre outras concepções, como lugar do vazio, da ausência, onde não há sentidos a respeito dele.

No entanto, no ponto de vista discursivo, o entendimento sobre o silêncio não está relacionado à ideia de falta, de inexistência ou de misticismo e religiosidade. Pelo contrário, o silêncio é o estado primeiro e a linguagem é o excedente, pois antes da fala existe o silêncio. Quando o sujeito está em silêncio há o pensamento, são produzidos sentidos e há o funcionamento do esquecimento enunciativo e ideológico, que determina o modo como as palavras são selecionadas e como o sujeito é afetado pela ideologia.

De acordo com Orlandi:

O silêncio é assim a “respiração” (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito (2007, p. 13).

Portanto, o silêncio é tido como fundador, como origem da significação e ele não é sem sentido. Orlandi (2007) também apresenta o silêncio como múltiplo e não único. Assim como o discurso, no silêncio a língua também é vista como lugar de materialização dos confrontos ideológicos, constitutivos dos sujeitos e dos sentidos. Para compreender o funcionamento do silêncio, a autora apresenta o silêncio fundador e a política do silêncio, que tem duas formas de existência: o silêncio constitutivo e o silêncio local.

O silêncio fundador é aquele constituído no nível do não-dito, que é necessário e próprio da linguagem e garante as possibilidades de sentidos. Assim, a respeito desta categoria de silêncio, ela expõe:

O silêncio não é pois, em nossa perspectiva, o “todo da linguagem [...] Ele é sim, a possibilidade, para o sujeito de trabalhar a contradição constitutiva, a que se situa na relação do “um” com o “múltiplo”, a que aceita a reduplicação e o deslocamento que nos deixam ver que todo discurso sempre se remete a outro discurso que lhe dá realidade significativa (ORLANDI, 2007, p. 24).

A relação entre aquilo que é dito e o que não é dito tem vínculo com os aspectos históricos e sociais que inferem na política do silêncio, pois essa se constitui do fato de que o sujeito ao dizer algo, apaga necessariamente outros sentidos possíveis, que não são pertinentes à FD que rege a produção do discurso dito. Está aí a essência do silenciamento, que é entendido como o ato de pôr em silêncio, visto que o indivíduo fala certas palavras para que outros sentidos não apareçam, mas o que foi silenciado não desaparece. Os sentidos continuam circulando no silêncio.

Em uma das análises das comunidades do *facebook*, tem-se o seguinte comentário<sup>4</sup> “[...]. Sou muito mais feliz e sem dependência de progressivas, chapinhas e escovas! Muito mais feliz!”. Observa-se que, ao pontuar que é muito mais feliz sem a dependência de processos químicos, o sujeito silencia que quando utilizava química no cabelo, ele não era tão feliz. No entanto, tal entendimento não fica apagado, é possível percebê-lo pelo fato do silêncio produzir sentidos.

---

4 Ver figura 15 - Comentário presente na comunidade Meninas de Cabelos Crespos.

Apresentou-se anteriormente que a política do silêncio possui duas formas de existência. Uma é o silêncio constitutivo que implica que para dizer é necessário não dizer, visto que a escolha de uma palavra leva à não escolha de outras palavras. A outra forma, o silêncio local, refere-se à censura, que pode ser uma censura direta, como a que ocorria nos regimes totalitários ou uma censura indireta: interdição de sentidos. É então a manifestação visível da política do dizer, colocada como interdição do dizer. Como exemplo do silêncio local, temos a censura que pode ser uma estratégia política ou religiosa de interditar e proibir o dizer. Para perceber o funcionamento do silêncio local, pode-se tomá-lo como referência o período da Ditadura Militar no Brasil, período no qual inúmeras canções e livros foram censurados pelo motivo de ir de encontro ao posicionamento político e ideológico, por manifestarem opiniões contrárias à estrutura política que vigorava e denunciar as torturas sofridas pelas pessoas no período mencionado. Observa-se que a exposição de alguns discursos era interdita, fazendo com que FDs distintas da dominante fossem restringidas.

A diferença entre o silêncio fundador e a política do silêncio descende do fato da primeira não estabelecer nenhuma divisão e significar por si mesma; enquanto a segunda, para significar se divide entre aquilo que se diz e o que não se diz. O que se nota é que o silêncio local busca barrar a movimentação do sujeito entre FDs contrárias, pois, desta forma, tenta-se controlar o sujeito e a produção de sentidos. No entanto, mesmo com a imposição de barreiras, os limites de uma FD não são rígidos, o que possibilita a movimentação, ainda que não autorizada, por conta do funcionamento do silêncio local. Esta movimentação é permitida pelo silêncio fundador, uma vez que ele proporciona o rompimento dos limites da significação e atua antes da linguagem, permitindo que os sentidos existam mesmo quando não são discursivizados.

Deste modo, recorre-se mais uma vez a Orlandi para ratificar o que foi pontuado:

Na relação do sujeito com as formações discursivas, o silêncio fundador atua no não-fechamento, criando espaços para seus deslocamentos.  
Em suma, é o silêncio fundador que produz um estado significativo para que o sujeito se inscreva no processo de significação, mesmo na censura, fazendo significar, por outros jogos de linguagem, o “y” que lhe foi proibido. (2007, p. 86).

Para perceber como as formas do silêncio elencadas anteriormente funcionam, utilizar-se-á o seguinte exemplo: *Negra, seu cabelo exala poder*. O silêncio fundador pode ser notado quando se percebe que o discurso apresentado carrega significação e que este dizer deriva, constrói e reconstrói outros dizeres. Por exemplo, a palavra “poder” pode estar relacionada à

beleza, à possibilidade de utilizar o cabelo de diversas formas, à afirmação identitária, ao cheiro do cabelo. Quando a palavra “negra” é utilizada, e apaga outras palavras como, preta, afro, morena, menina, mulher entre outras, percebe-se o funcionamento do silêncio constitutivo, pois o sujeito utiliza uma palavra e não outras que poderiam dar outros sentidos ao discurso e mover outras FDs. Por sua vez, o silêncio local poderia ser percebido, se a frase fosse dita numa FD vinculada à desconstrução da imagem positiva da mulher negra, tendo como base a estética e a valorização das características fenotípicas. Nesta conjuntura, o indivíduo ao afirmar que o cabelo da negra exala poder, estaria indo contra a sua FD e poderia ser censurado com tal colocação, por conta dos elementos históricos, ideológicos e sociais que marcam a FD a qual a frase foi enunciada. Por isso Orlandi (2007, p. 76) coloca que, “... a censura pode ser compreendida como a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas”. De alguma forma, há a proibição de determinadas palavras para que assim possam ser proibidos determinados sentidos.

Ao se trabalhar com o silêncio, é necessário mobilizar aspectos relacionados à historicidade do discurso, visto que o silêncio não é evidente, pois existe uma relação entre pensamento, linguagem e mundo. Então, Orlandi afirma que: “o silêncio não é transparente e ele atua na passagem (des-vão) entre pensamento-palavra-e-coisa”. (2007, p. 37).

Somente a partir da consideração de que o processo de construção do silêncio tem uma relação histórica com outros discursos e com as possibilidades de silêncio é que se pode compreendê-lo. Grigoletto afirma que “... o método que possibilita trabalhar o silêncio é “histórico”, no sentido de discursivo, pois é o que permite investigar a interdiscursividade (que é dada como condição de significação de um texto) e atentar para os efeitos de sentido, os vieses da construção dos sentidos” (2003, p. 233).

Na dimensão política do silêncio, ele pode ser utilizado pelo sujeito tanto para opressão, como para a resistência. Isso é percebido com ato de fazer calar ou fazer dizer, na utilização de determinadas palavras. Por isso, nos discursos a respeito das questões raciais é possível perceber esse jogo de dizer e do silenciamento, do opressor e da resistência. Há um embate, muitas vezes silencioso, que determina quais e como as palavras podem e devem ser ditas.

Levando em consideração o contexto histórico, nota-se que no processo de construção da história dos sujeitos negros no Brasil, houve predominância de uma ideologia pautada na desvalorização dos negros, por meio de aparatos racistas. A trajetória dos negros, de modo geral, não foi contada por eles (quando foram, passaram por um processo de desqualificação),

e sim, por outros indivíduos que muitas vezes defendiam a condição de exploração e subalternização da população negra. Deste modo, os negros tiveram suas trajetórias e as qualidades dos seus corpos silenciadas e/ou contadas e analisadas tendo base formações ideológicas pautadas no racismo.

Gonzalez (1979, p. 16) assevera que:

Na medida em que o racismo, enquanto discurso, situa-se entre os discursos de exclusão, o grupo por ele excluído é tratado como objeto e não como sujeito. Consequentemente, é infantilizado, não tem direito a voz própria, é falado por ele. E ele diz o que quer, caracteriza o excluído de acordo com seus interesses e seus valores.

As mulheres negras, consequentemente, lidam historicamente com os impactos decorrentes não apenas do racismo, mas também do machismo e, desta forma, elas sofrem os efeitos destes dois aparatos discriminatórios, que ainda estão sólidos na sociedade, sendo então duplamente estigmatizadas. A partir do momento que tais aparatos permanecem estruturados socialmente, eles implicam questões relacionadas à forma como a mulher negra é discursivizada, isto porque não se pode apagar a maneira como a história e a ideologia foram sustentadas, para manter os antagonismos e silenciamentos discursivos.

Ao tratar da relação mulher negra e silenciamento, Cestari (2015, p. 137) traz a seguinte contribuição:

Um silêncio, portanto, que não é a ausência total de palavra; é a ausência de determinadas palavras significadas de um modo com o qual se identifiquem as mulheres negras em luta. É presença menos audível de palavras de mulheres negras; é presença maciça de palavras proferidas desde a posição de dominação. É presença menos audível de sentidos produzidos desde posições sujeito de resistência à dominação ideológica; é presença maciça de sentidos produzidos desde posições sujeito racistas patriarcais heterossexistas e cissexistas.

Por fim, vale reforçar que, para tornar o silêncio visível, é necessário considerar os processos de construção dos efeitos de sentidos do discurso, bem como, a historicidade daquilo que é dito. Por isso, para tratar do silenciamento percebido na imagem de uma mulher negra em uma comunidade do *facebook*, temos que analisar quais aspectos históricos sociais permeiam aquele discurso, apagam muitas palavras e geram sentidos. O silêncio não deixa marcas formais e nítidas no discurso, pois nada relacionado ao discurso é transparente e

evidente. O silêncio assim como a ideologia e a língua, deixa pistas e traços. Quanto mais ele falta e falha, mais instala possibilidades de sentidos existem. (Orlandi, 2007).

### **3. O SER NEGR@ NO BRASIL: HISTÓRIA, AFIRMAÇÃO E (RE) PRODUÇÃO DE SENTIDOS DA MULHER NEGRA NA MÍDIA**

Para compreender os sentidos que são produzidos e reproduzidos pela mídia, faz-se necessário realizar uma abordagem de como a ideologia trabalhou as concepções de ser negro ao longo da história e como tais concepções interpelaram as mulheres negras da identificação ou desidentificação com os cabelos crespos. Para essa discussão foram mobilizados aspectos conceituais sobre raça, racismo, negritude, identidades e a relação destes elementos com a temática desta pesquisa, e em especial, os aspectos relacionados à condição de produção discursiva, que advém dos aspectos históricos e midiáticos que serão abordados.

#### **3.1 O QUE SE DISSE DO NEGRO AO LONGO DA HISTÓRIA**

O diálogo com as questões históricas faz-se necessário para a compreensão dos sentidos que circulam em relação aos negros. É no contexto histórico que se percebe como a ideologia dominante manteve o racismo, implicando a concepção de ser negro numa sociedade marcada pelo sistema escravocrata que, desde o período colonial, sustenta a ideia de inferiorização dos negros por meio da alienação, assimilação e legitimação dos valores dos brancos, em detrimento dos negros.

No período de expansão da Europa ocidental, no qual as missões colonizadoras adentraram o continente africano (mais precisamente entre os séculos XV e XVII), para fundamentar a concepção de supremacia racial dos brancos, os mesmos buscavam respaldo em produções discursivas pautadas nos aspectos biológicos, religiosos e imaginários, o que Munanga (1988, p. 12) chama de “discursos pseudojustificativos”. De acordo com este autor, a primeira justificativa utilizada baseava-se no fato do sistema colonial europeu ansiar “domesticar” os negros para torná-los sujeitos civilizados, como os brancos. Por conta das diferenças culturais, os brancos colonizadores achavam-se superiores e acreditavam que se os negros assimilassem suas características culturais, poderiam ser dominados com mais facilidade. Tudo isso em prol do processo de exploração do continente africano e retirada de riquezas e mãos de obra locais.

Buscou-se respaldo também na teoria dos climas, utilizada pelo historiador grego Heródoto para afirmar que as temperaturas extremamente baixas ou altas tornavam os homens bárbaros e selvagens. Logo, a parte da África negra, marcada por temperaturas mais altas em relação aos países europeus, era vista como local onde se encontravam os semi-homens, e, desta forma, aos negros era negada a condição de seres humanos.

Pela ciência, tentou-se achar explicações para as diferenças existentes na cor da pele, no cabelo, na forma do nariz e lábio e outros atributos corpóreos dos negros. Primeiramente, achou-se que a cor mais escura da pele era por conta do clima quente. No entanto, o pensamento tornou-se insuficiente, uma vez que, outros povos que viviam em regiões quentes não eram negros, a exemplo dos habitantes do Equador, na América do Sul.

Como na teoria do clima não se encontrou a resposta para o porquê da pele do negro ser mais escura, passou-se para os argumentos religiosos, que difundiam que os negros eram descendentes de Caim, filho de Noé, que foi amaldiçoado por ter desrespeitado o pai. Assim, levando em conta o sentido que é dado à cor negra, na cultura europeia, essa passou a simbolizar a morte, a maldição, o pecado; ao contrário da cor branca que está vinculada à vida, pureza e verdade.

Munanga (1988), em relação à simbologia das cores na civilização europeia, diz que: “Nesta ordem de ideias, a Igreja Católica fez do preto a representação do pecado e da maldição divina. Por isso, nas colônias ocidentais da África, mostrou-se sempre Deus como um branco velho de barba e o Diabo um moleque preto com chifrinhos e rabinhos”. (MUNANGA, 1988, p. 14).

Embora não possuíssem rabinhos nem chifrinhos, os negros, na perspectiva da simbologia descrita acima, possuíam a cor do Diabo. Desta forma, neles se manifestava a cor do pecado, a cor da impureza e então precisavam ser purificados, isto é, convertidos ao cristianismo e submetidos à escravidão. Essas eram as duas únicas formas de salvação dos “selvagens” e, dentro desta lógica, o sistema escravocrata era justificável, bem como a negação dos direitos à religião dos africanos.

No período Iluminista, momento intelectual marcado pela centralidade da ciência e mobilização do poder da razão para romper com o conhecimento herdado do período medieval, era de se esperar contribuições intelectuais que subvertessem a imagem negativa que se tinha dos negros. Mas, não foi isso que ocorreu. Os pensadores iluministas ratificaram ainda mais a ideia que se tinha dos negros. Na literatura da época, ao negro sempre eram

atribuídas características ligadas à feiura, indolência, nudez e preguiça. Era nos sujeitos negros que se manifestava tudo de ruim que era possível existir na espécie humana.

O filósofo Voltaire, conhecido pela defesa dos interesses civis, liberdade religiosa e referencial para Revolução Francesa, acreditava que os negros não podiam ser brancos escurecidos, pois quando esses eram transportados para regiões mais frias, seus descendentes nasciam da mesma forma. Ele então era convicto de que existia uma superioridade e evolução do branco em relação ao negro, que, por sua vez, era superior ao macaco, que era superior a outra espécie animal e assim por diante. Por isso, se algum povo exercia o poder sobre outros era porque esses eram domináveis e inferiores.

Na primeira metade do século XIX existiam duas correntes que influenciavam a concepção dos povos não-europeus: a evolucionista e a racista. A primeira defendia que o meio ambiente era o responsável pela evolução dos europeus e pela existência de diferenças culturais dos povos colonizados. Já para a segunda era a raça, a partir da concepção biológica, que determinava o destino dos homens e, por conta disso, os negros eram biologicamente inferiores aos brancos.

A corrente racista permeou o campo da anatomia e os traços morfológicos dos negros foram também frequentemente associados à inferioridade. Numa época onde a ciência era utilizada para ditar as verdades, seria difícil trazer fundamentações que não eram embasadas pelos grandes cientistas do período, que eram brancos e europeus.

Em alusão à corrente racista ainda em Munanga (1988), é possível conhecer o que justificaria, do ponto de vista do colonizador branco, a nulidade dos negros. Portanto, “Jamais uma nação de pele escura, cabelo crespo e rosto prógnato chegará espontaneamente à civilização. Pescoço, nariz, dedos e órgão sexuais do negro foram analisados e considerados provas de sua diminuição intelectual, moral, social, política etc.” (COHEN, 1981 apud MUNANGA, 1988, p. 20).

São essas as bases do arcabouço ideológico que regeu a historiografia brasileira sobre a escravidão dos negros africanos e que até hoje inunda os aspectos da formação desta sociedade. Ao contrário do que defendia a corrente racista, a concepção de raça introduzida no Brasil não deve passar pelo viés biológico, e sim pela aplicação no contexto social, cultural e político, pois ao termo, discursivamente, foram atribuídos sentidos ligados à cor da pele e outras características fenotípicas, culturais e econômicas, que ultrapassam os aspectos biológicos.

A respeito disso Guimarães pontua:

Primeiro, não há raças biológicas, ou seja, na espécie humana nada que possa ser classificado a partir de critérios científicos e corresponda ao que comumente chamamos de “raça” tem existência segundo real; segundo o que chamamos comumente “raça” tem existência nominal, efetiva apenas no mundo social e, portanto, somente no mundo social pode ter realidade plena. (2012, p. 50).

Por isso no social, a justificativa de que o racismo não existe porque todos pertencem à raça humana não tem validade. Quanto a esta questão Moore expõe:

[...] aqueles argumentos que pretensamente se enraízam em uma visão científica para proclamar a inexistência do racismo em virtude a inexistência da raça como fenômeno biológico são inconscientes. Todavia tais argumentos operam alicerçados por uma base de mínimo conhecimento sobre o racismo como realidade histórica (2007, p. 23).

Bairros (2016) comunga com este mesmo entendimento a respeito do uso do termo raça como consequência do racismo. Para ela não há coerência ao falar de raça, no âmbito social, sem remeter ao racismo, como uma ideologia que se sustenta na desumanização do outro, porque há grupos que se acham superiores. Logo, ela assegura que, “[...] falar de racismo sem raça seria muito difícil, pois quem cria a raça é o racismo. Por isso, a palavra raça, embora seja contestada na biologia, está sendo usada como uma construção social. Assim é preciso lançar mão do termo raça para enfrentar o racismo”. (BAIRROS, 2016, p. 2).

O racismo é, então, visto como uma construção histórica e ideológica que estabelece a superioridade de um grupo em relação ao outro. Foi dentro desta lógica que os negros foram trazidos para o Brasil exerciam o trabalho em condições desumanas, sendo submetidos ao abuso e à violência, que não era restrita apenas às marcas que as torturas deixavam nos seus corpos. Todavia, o abuso e violência manifestavam-se principalmente pela assimilação dos valores culturais dos brancos (embranquecimento) e do racismo.

A função básica do racismo é de blindar os privilégios do segmento hegemônico da sociedade, cuja dominância se expressa por meio de um *continuum* de características fenotípicas, ao tempo que fragiliza, fraciona e torna impotente o segmento subalternizado. A estigmatização da diferença com o fim de “tirar proveito” (privilégios, vantagens e direitos) da situação assim criada é o próprio fundamento do racismo. Esse nunca poderia separar-se do conjunto de processos sistêmicos que ele regula e sobre os quais preside tanto no nível nacional quanto internacional (MOORE, 2007, p. 284).

Os negros africanos que foram escravizados no Brasil, bem como seus descendentes, foram privados de direitos por conta do funcionamento da ideologia que tem como base

mecanismos racistas. Nos porões dos navios negreiros, vieram homens e mulheres que começaram a ser explorados primeiramente no corte do pau brasil e depois nos engenhos de açúcar. Posteriormente, a exploração dos negros escravizados estendeu-se para mineração, criação de gado, cultivo de cacau e serviços domésticos nas casas-grandes.

A dinâmica de dominação utilizada pelos brancos portugueses baseava-se na coisificação dos negros, que procurava desumanizá-los e mecanismos de tortura eram utilizados na manifestação de qualquer ato de desobediência. Por meio do castigo físico o senhor branco reafirmava seu poder, marcando o corpo do escravo a sua submissão.

Davis (2016 [1944], p. 22) faz menção à tortura vivida por mulheres negras que foram escravizadas nos Estados Unidos. Embora se trate de outro país, os mecanismos de tortura eram os mesmos empregados no Brasil. Assim, ela traz em sua clássica obra *Mulheres, raça e classe*, a seguinte passagem retirada da obra de Moses Grandy, *Narrative of the Life Moses Grandy: Late a Slave in the United States of America*, do ano de 1844.

Uma mulher que diga algum desaforo enquanto trabalhava no campo e que esteja em gravidez avançada é obrigada a deitar em um buraco feito para que caiba todo seu corpo e é açoitada com um chicote ou espancada com uma pá cheia de furos; a cada pancada se forma uma bolha. Uma das minhas irmãs foi punida dessa forma com tanta crueldade que o trabalho de parto se adiantou, e a criança nasceu no campo.

O trecho revela que não havia limites para as torturas, e nem mesmo as mulheres escapavam da lógica opressora, que neste sentido não as distinguiam dos homens. Pelo contrário, as mulheres negras sofriam de forma diferente, pois, além dos mecanismos comuns de maus-tratos eram vítimas de abusos sexuais.

Como mulheres, as escravas eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de coerção sexual. Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas. O estupro na verdade era uma expressão ostensiva do domínio do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras (DAVIS, 2016 [1944], p. 20).

Neste contexto de abuso, as mulheres negras escravizadas eram obrigadas a iniciar a vida sexual dos filhos dos senhores brancos. Elas tornaram-se não apenas objetos sexuais dos senhores, mas eram vistas como instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava, por meio da reprodução. Era a possibilidade de lucro no sistema escravocrata.

Quanto a essas duas questões que permearam a vida das mulheres negras durante a escravidão, cabe dizer que esses aspectos deixaram resquícios na forma como as mulheres negras são vistas na contemporaneidade, tais resquícios estão na memória discursiva e inferem na produção de sentidos acerca desses sujeitos. A veiculação da imagem das mulheres negras ou das mulatas como ideal para o sexo, mas não para o casamento, descende da forma de como os corpos delas fizeram parte de um sistema de exploração, pautado no sexo. Além desta concepção, tem-se o fato de vincular as mulheres negras aos trabalhos domésticos, pois nas casas grandes eram elas que exerciam do papel de limpeza, cuidadora dos filhos dos senhores, cozinheira, entre outras atribuições referenciadas como inferiores.

Por conta disso, June E. Hahner (1978, p. 120-121 apud GONZALEZ 1984, p. 229) traz o seguinte relato ao falar a respeito da mucama, a negra escravizada que realizava serviços caseiros.

[...] a escrava de cor criou para a mulher branca das casas grandes e das menores, condições de vida amena, fácil e da maior parte das vezes ociosa. Cozinhou, lavava, passava a ferro, esfregava de joelhos o chão das salas e dos quartos, cuidava dos filhos da senhora e satisfazia as exigências do senhor. Tinha seus próprios filhos, o dever e a fatal solidariedade de amparar seu companheiro, de sofrer com os outros escravos da senzala e do eito e de submeter-se aos castigos corporais que lhe eram, pessoalmente, destinados. (...) O amor para a escrava (...) tinha aspectos de verdadeiro pesadelo. As incursões desaforadas e aviltantes do senhor, filhos e parentes pelas senzalas, a desfaçatez dos padres a quem as Ordenações Filipinas, com seus castigos pecuniários e degredo para a África, não intimidavam nem os fazia desistir dos concubinatos e mancebias com as escravas.

No entanto, cabe pontuar que os negros escravizados não foram totalmente passivos ao processo de dominação. A resistência negra no Brasil manifestou-se pelas lutas, fugas, revoltas e formação dos quilombos como espaços de emancipação e preservação de suas origens africanas. Neste sentido, é que ocorre o movimento da negritude, um fenômeno de volta às raízes que ultrapassa o plano individual e é expressado através de grupos que tentam resgatar e valorizar as identidades negras perdidas no processo de dominação dos brancos.

Deste modo, Munanga (1988, p. 43) apresenta três objetivos principais da negritude. O primeiro busca o desafio cultural do mundo negro que é a (re) afirmação identitária negra e assumir-se plenamente com orgulho como negro e ajudando a preservar os elos identitários que unem todos os sujeitos negros. O segundo é o protesto contra a ordem colonial que impôs a assimilação dos traços corpóreos e culturais dos brancos. Por fim, o terceiro é a luta pela emancipação de seus povos oprimidos e pela constituição de uma civilização universal sem a imposição de forças de dominação. Quanto a este objetivo, ele diz: “A questão é contribuir

para a construção de uma nova sociedade, onde todos os mortais poderão encontrar o seu lugar” (idib, p. 49).

Por sua vez, Sansone (2004) defende que, no Brasil, negritude é uma construção cultural que reflete e distorce a posição dos negros na sociedade e no sistema local de relações raciais. Isso porque ao negro podem ser estabelecidas referências positivas em relação, como por exemplo, à beleza do corpo, à superação do racismo entre outros, como também tais características podem ser combinadas aos aspectos tidos como negativos, tendo como base o que se disse a respeito desses sujeitos ao longo da história. Desta maneira, ele afirma que a negritude, no contexto brasileiro, é:

[...] uma identidade racial e étnica que pode basear-se numa multiplicidade de fatores: o modo de administrar a aparência física negra, o uso de traços culturais associados à tradição afro-brasileira (particularmente na religião, na música e na culinária), o status, ou uma combinação desses fatores. (SANSONE, 2004, p.25)

Desta forma, percebe-se que o termo “negritude” possui um conceito dinâmico. Podendo variar, de acordo, como o contexto em que é aplicado e com os fatores históricos, políticos, ideológicos e culturais. E assim, ele torna-se um termo multifacetado que possui diversos “usos e sentidos” (MUNANGA, 1988) relacionados aos sujeitos negros.

### 3.2 NEGARAM A BELEZA À NEGRA E A NEGRA (NÃO) NEGOU O CABELO

Pôr em prática todos os objetivos da concepção de negritude não é tarefa fácil, uma vez que não se apaga a forma como o racismo se mantém presente na sociedade brasileira. Desta forma, não é de se estranhar que muitas mulheres negras assimilaram a ideologia imposta pelo colonizador que perpassa também pela negação do fenotípico dos negros como belos.

Pode dizer que, diante do fato de considerar os negros como inferiores, não é estranho que os traços físicos deste grupo social também fossem depreciados e, com isso, narizes, lábios, olhos, cabelos e outros elementos nunca foram tidos como belos. O que ainda predomina, até hoje, é uma ideologia regulada pelo racismo que foi adotada por alguns que não possuem traços afrodescendentes, e internalizada por aqueles que possuem tais traços.

Recorre-se à Munanga (2008a, p.15) sobre esse assunto, quando ele afirma que:

Por uma pressão psicológica visando à manutenção e a reprodução dessa ideologia que, sabe-se, subentende a dominação e a hegemonia “racial” de um grupo sobre os outros, os negros introjetaram e internalizaram a feiura do seu corpo forjada contra eles, enquanto os brancos internalizavam a beleza do seu corpo forjada ao seu favor.

Neste contexto, a cor da pele e o cabelo aparecem como definidores do pertencimento racial, na sociedade brasileira desde a escravidão, período em que estes dois elementos eram utilizados para definir os trabalhos que seriam realizados pelos negros que foram escravizados. Assim, o cabelo e a cor da pele passaram a ser usados para atestar a inferioridade racial do negro. Pode-se dizer que quanto mais o cabelo era crespo e mais melanina tinha a pele, menos valorizados eram os negros e mais pesados eram os trabalhos realizados.

Historicamente aos cabelos crespos sempre foram atribuídos sentidos vinculados à feiura, rebeldia, dureza, falta de maleabilidade, entre outros já apresentados neste trabalho, que são sentidos construídos e que permeiam outros sentidos que retomam ou rompem com os mesmos. Assim, a concepção de cabelo crespo com a ideia de beleza não foi permitida, principalmente a partir do princípio de que beleza é uma construção social e tem a ver com a forma como os sujeitos se relacionam com o mundo; como eles se veem; como querem ser vistos e como são vistos. Como o negro não é referência de beleza, tendo como base a constituição da sociedade brasileira, logo, seus traços físicos também não podem ser vistos como belos e estes sujeitos passam a ser vistos como desprovidos de beleza.

Por isso, não seria incorreto afirmar que a mulher negra, buscando enquadrar-se no padrão de beleza, procurou/procura sempre mecanismos que forjam o elemento que é conotado pela falta de beleza, neste caso os cabelos crespos. Figueiredo (2002), ao realizar sua pesquisa sobre como o cabelo está presente no cotidiano das mulheres negras, constata que, para a maioria das entrevistadas, os cabelos crespos são, dentre os fenótipos negros, o que elas mais gostariam que fossem mudados.

Diante disso, ela afirma que tal ocorrência já faz parte da trajetória das mulheres negras, que utilizam técnicas de alisamento, alegando facilitar os cuidados com os cabelos crespos, que após a utilização da química passam a ser alisados.

Desde muito jovens as mulheres negras são socializadas para terem o cabelo alisado, muitas relataram experiências em que a família e, principalmente, a mãe, impunha que elas tivessem os cabelos alisados. Na fase adulta, algumas alisam o cabelo porque de fato acham que o cabelo alisado fica mais bonito, enquanto outras alegam

questões relativas ao cotidiano do uso do cabelo crespo e, em parte, justificam a intervenção no cabelo como uma forma de torná-lo mais prático no cotidiano (FIGUEIREDO, 2002, p. 5).

Tal alegação pode ser uma forma de forjar a introjeção dos sentidos negativos em relação aos cabelos crespos ou está relacionada à incorporação de que alterar os fios mediante intervenção química minimiza a condição de ser vista como negra e sentir-se negra. Isto ocorre por conta dos efeitos da ideologia dominante que privilegia o embranquecimento.

Mercer (1994, apud GOMES 2008) aponta que essa questão evidencia a tensão racial vivida entre brancos e negros no Brasil e o tratamento dado ao cabelo é uma das maneiras de expressar esta tensão. Logo é afirmado que:

O cabelo, sinal considerado simbólico, soma-se à cor, para reforçar ideologias raciais. Nesse processo, as cores “branca” e “preta” são tomadas como representantes de uma divisão fundamental do valor humano – “superioridade”/ “inferioridade”. As diferenças em relação ao estético – “bonito”/ “feio” – passam a ter um conteúdo político e ideológico e são utilizados para dividir o mundo em duas partes opostas no julgamento de valor do ser humano (MERCER 1994, p. 4-5 apud GOMES 2008, p. 253).

Nesse processo de cores, a inferioridade e o feio estão atrelados ao negro e esta percepção acompanha desde cedo a trajetória das mulheres negras com os cabelos crespos. Ao contrário do que se pensa, o processo de manipulação e, muitas vezes, de rejeição dos cabelos crespos inicia desde a infância, e não na adolescência ou na fase adulta, quando algumas aderem às técnicas de alisamento.

Pensando nisso, cabe traçar a trajetória da mulher negra que, quando criança, quase nunca andava com os cabelos soltos, pois este seria com certeza um motivo para que outras crianças, negras ou não, fizessem referência ao cabelo crespo como, cabelo de Bombril<sup>5</sup>, cabelo duro, cabelo de bucha, cabelo pixaim, cabelo de piaçava, cabelo de cominho, entre tantos outros nomes.

A fim de evitar a ocorrência das referências mencionadas, as meninas negras eram submetidas a rituais doloridos por conta do esticar dos cabelos para desembaraçá-los. Eram as tranças, técnica realizada pela mãe, tia, irmã, avô ou vizinha, que com certeza não eram o penteado favorito das meninas. Vale pontuar que as tranças sempre eram feitas por mulheres negras que na infância haviam passado pelo mesmo processo e, desta forma, elas reproduziam

---

<sup>5</sup> Marca brasileira, bastante conhecida, que fabrica palha de aço utilizada para limpar painéis.

o aprendizado. Há de se considerar também que a técnica da trança sempre era dominada por mulheres negras e se estranhava quando alguma afirmava que não sabia trançar os cabelos. É como se existisse uma obrigação de que toda mulher negra deveria saber trançar cabelos crespos, já que era uma forma de proteger a si e a outras dos apelidos pejorativos vinculados aos cabelos.

Talvez, esta seja uma das causas que levou a muitas mulheres negras preferirem aderir aos alisamentos. Todavia, alisar os cabelos, há tempos, também não era algo agradável, isto porque para deixar os cabelos lisos e/ou cacheados, eram utilizadas chapas, com aspecto de tesoura, que eram esquentadas ao fogo e depois passadas nos fios dos cabelos, a fim de esticá-los. Quando não se usava a chapa, era utilizado um pente de ferro que também era levado ao fogo e tinha a mesma função: deixar os cabelos lisos.

Ao serem passados demasiadamente quentes nos cabelos, estes equipamentos, quando se encostavam a qualquer parte do corpo, geravam queimaduras dolorosas e cicatrizes que muitas vezes não sumiam.

Figura 2 - Equipamentos que eram colocados ao fogo para alisar os cabelos



Fonte - Google

Nesta trajetória, ocorre, em alguns momentos, o retorno às tranças como uma forma de reconciliação das mulheres negras com a técnica que deixava seus cabelos esticados, devido a tranças ficarem tão apertadas. Com a utilização das tranças há um retorno à técnica capilar que é utilizada na África por muitas mulheres negras, por isso, muitas vezes ao fazer uso delas faz-se referência ao continente africano, já que, para alguns povos africanos, os penteados demarcavam o pertencimento a um determinado grupo étnico e possuíam significados diversos. Portanto: “O significado social do cabelo era riqueza para o africano. Dessa forma, os aspectos estéticos assumiam lugar de importância na vida cultural das diferentes etnias.” (GOMES, 2008, p. 309).

No entanto, ainda em relação às tranças existe uma ressignificação, pois essas podem ser vistas como uma forma estilosa de usar os cabelos crespos; podem ser utilizadas para fazer os cabelos crespos crescerem mais rápido; para esconder a parte alisada do cabelo no processo de transição capilar etc.

No que tange aos atuais processos químicos de alisamento, eles podem ser utilizados não apenas para deixar os cabelos lisos, mas também para deixarem “mais maleáveis” sem perderem os aspectos de naturais. Como foi pontuado, o alisamento pode incidir na não identificação da mulher negra com os cabelos crespos.

Geralmente, os produtos para alisamento são à base de compostos químicos com amônia, guanidina e hidróxido. Pode-se dizer que esta é a técnica mais eficaz, quando o assunto é deixar de ter cabelos crespos. Porém, tudo irá depender de como são aplicados os produtos e quais são os cuidados que devem ser adotados após a aplicação, pois erros nas aplicações e nos cuidados podem gerar queimaduras, perda de cabelo, fios duplos, entre outros danos.

Neste percurso deve ser mencionada a utilização dos cabelos crespos como forma de assumir as identidades negras e como ato político. Na década de 60, negros norte-americanos lutaram pelos direitos civis, no contexto em que se considerava que os negros não eram iguais aos brancos e, por isso, não deveriam ter seus direitos equiparados. Essa concepção derivou do processo de escravidão que também permeou a constituição da sociedade estadunidense. Em prol da igualdade de direitos dos negros, surgiu o movimento político, cultural e social, *Black Power*, liderado pelos ativistas negros conhecidos como Panteras Negras, que tinham como um dos símbolos os cabelos no estilo “afros”. Os ativistas do movimento assumiam os cabelos crespos como símbolo de luta contra o padrão-hegemônico, que era branco.

Na África do Sul os ativistas do Movimento de Consciência Negra na luta contra o regime do *Apartheid*, utilizavam a reafirmação dos traços físicos, cor da pele e formato do cabelo como marca identitária de valorização do negro. Constrói-se neste movimento o *slogan* “*Black is beautiful*” que traduzido fica “Negro é lindo”, como uma forma de libertação das ideias racistas e naturalização da estética negra.

Tais movimentos, em especial o norte-americano, influenciaram a sociedade brasileira nas décadas de 60 e 70. Sendo assim, os cabelos afros passaram a ser adotados por muitas mulheres negras, como forma de quebrar a ditadura dos cabelos alisados, ou até mesmo como modismo. Dentro do Movimento Negro Unificado, alguns militantes defendiam que os negros, principalmente as mulheres negras, deveriam assumir uma postura contrária à regra imposta

em relação à forma de usar os cabelos e, por isso, o discurso perpassa pela ideia de que alisar os cabelos é uma forma de negação da negritude. Nas palavras de Figueiredo (2002, p. 6): “O discurso do movimento negro, portanto, propõe uma inversão simbólica. Na perspectiva do movimento negro, a marca do negro, antes submetido a um processo de manipulação visando ao embranquecimento, torna-se determinante na construção da identidade negra”.

### 3.3 A MULHER NEGRA E OS CABELOS CRESPOS NA MÍDIA

Na tensão entre assumir e não assumir os cabelos crespos, a mídia exerce relevante influência, visto que faz parte do Aparelho Ideológico da Comunicação, que é regido por uma ideologia dominante. Dentro deste contexto, ela age, de modo geral, para o processo de silenciamento das mulheres negras nos meios de comunicação, produção e reprodução de identidades e estereótipos e negação das mesmas como sujeito de beleza.

O silenciamento é percebido no momento em as mulheres negras, na maioria das vezes, ainda não fazem parte do rol de destaque no espaço midiático. A presença delas ainda se dá por meio de critérios, criados para manter a estrutura de dominação.

Costa (2012), ao falar da invisibilidade e desqualificação do negro, afirma que um dos critérios utilizados pela mídia para instituir as diferenças é a morfologia corporal e, por esse viés, a morfologia branca mantém o prestígio. Dessa maneira, a autora pontua:

Essa superioridade imaginária do ser branco se reflete na seleção e na combinação sígnicas, nas propagandas estudadas: se ser branco é ser superior, há que se elegê-lo para a promoção de produtos e ideias! Essa ideia de superioridade alimenta as muitas representações negativas do ser negro que circulam na sociedade, as quais acabam por nutrir, mesmo que de modo sutil, as práticas racistas. (COSTA, 2012, p. 56).

Por consequência, os sentidos positivos a respeito das mulheres negras foram de certa maneira interditados. Assim, as FDs que vigoravam trataram tanto dos aspectos negativos, o que dificulta a mobilização destes sujeitos para outras FD, que mobilizam sentidos opostos àqueles ditados como regra. A construção desses sentidos contribuiu para a predominância dos sentidos que valorizavam os não-negros, enquanto ocorre o contrário com os sentidos que circulavam a respeito dos negros.

Almada (2012, p. 28) sobre esta questão corrobora com a seguinte explanação:

Nossos noticiários, os dos veículos impressos entre eles, colocam em destaque os aspectos negativos dessas comunidades, deixando de fora das enunciações qualquer referência às razões que levam ao desvio da norma, ao desvio social, integrantes de grupos humanos historicamente discriminados e marcados pela desigualdade de oportunidades e de usufruto de bens simbólicos e materiais gerados pela sociedade do país [...] Os medias são responsáveis por uma representação dos segmentos afro-brasileiros marcada por uma subalternidade racial e social dada como natural.

As mídias podem também ser, desta maneira, produtores dos sentidos negativos, por silenciarem as mulheres negras quando essas ocupam o lugar que historicamente lhes foi negado. Porém, os sentidos que são silenciados muitas vezes resistem e para significar se rompem com os sentidos de origem, contrapondo-se àquilo que é dominante. É o caso de muitas mulheres negras que acabam sendo referências de superação, afirmação identitária por serem exceções às regras impostas. Mesmo essas, ao serem destacadas de maneira positiva, têm que enfrentar manifestações de racismo, principalmente divulgados nos sites de redes sociais. Nisto se percebe que os mecanismos de manutenção do lugar do negro como lugar de desprestígio são difíceis de serem quebrados, pois a ideologia dominante atua para manter as relações de dominação e barra o acesso do negro a determinadas posições.

Todavia, como Gregolin (2007, p. 23) assevera,

Não há, nos discursos da mídia, apenas reprodução de modelos – ela também os reconstrói, reformata, propõe novas identidades. Ao mesmo tempo, há uma tensa relação entre a mídia e seus leitores: a subjetividade é fabricada e modelada no registro social, mas os indivíduos vivem essa subjetividade tensivamente, reapropriando-se dos componentes fabricados e produzindo a singularização, criando outras maneiras de ser.

O surgimento de novos sentidos ligados à mulher negra nos meios de comunicação pode ser entendido como a instauração de novas identidades para esses sujeitos, como tentativa de reposicioná-los simbolicamente em novos modelos de representação.

Para além do silenciamento, a mídia também é responsável pela produção e reprodução de identidades e estereótipos. A noção de identidade que será empregada é a do ponto de vista da pós-modernidade (HALL, 2015), a qual defende que o sujeito moderno não tem identidade fixa, única e estável, e sim, que essa é definida historicamente com o contato com outras identidades, que em alguns casos podem ser contraditórias. Por isso, nesta

pesquisa, fala-se em identidades negras, no plural, e não identidade negra, no singular, tendo em vista que a formação das identidades dos sujeitos origina da junção com outras identidades, o que faz com que o sujeito possua identidades múltiplas.

Nas palavras de Hall (2015, p.12),

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas- ao menos temporariamente.

À vista disso, o sujeito também se desvincula de identidades e filia-se às outras, pois este processo não é controlável, visto que, dentro desta perspectiva, ele não é autônomo e independente. De acordo com Baracuhy (2010), os teóricos que defendem este conceito de identidade compreendem o sujeito sob a ótica que é comum à da AD, visto que o mesmo não é tratado pelo caráter individual, mas como um ser fragmentado e múltiplo, da mesma forma como são as identidades.

Em se tratando de (re) produção de identidades, a mídia também é um espaço de repetição e circulação de identidades que reiteram estereótipos e a partir do seu funcionamento, moldam como as mulheres negras devem ser vistas socialmente. Em relação ao fato da mídia buscar já-ditos presentes no interdiscurso, ainda em Baracuhy é exposto que: “Os enunciados midiáticos se inserem em redes de memória que estabelecem um permanente diálogo interdiscursivo, através de representações, símbolos e imagens constituintes do imaginário social, utilizados ora para fixar, ora para desconstruir identidades. (2010, p. 174)”.

Logo, quando, na maioria das propagandas e anúncios sobre cabelos, aparecem mulheres brancas, ou quando aparecem mulheres negras, elas estão com os cabelos lisos ou alisados, e se estiverem com os cabelos naturais, esse é apontado como ruim. A mídia proclama que o cabelo da mulher negra é um problema que deve ser resolvido com técnicas de alisamento para atenuar o aspecto de crespos, pois se não são bons, devem pelo menos parecer.

A propaganda a seguir, da empresa de produtos de cabelos TRESemmé é um exemplo de como a mídia reproduz e constitui imagens que reforçam a ideia de que mudar o cabelo para liso é uma forma da mulher negra ser valorizada e ter sua beleza realçada.

Figura 3 - Anúncio TRESemmé



Fonte - Google 2016

Utilizando a imagem de uma mulher negra, o anúncio traz afirmação de que para esta mulher é o cabelo liso que ressalta a beleza e, por isso, por serem lisos são fortes. Porém qual a relação entre o cabelo liso e força?

No discurso acima, percebe-se primeiramente que a beleza da mulher negra está diretamente associada ao fato dela alisar os cabelos, pois é por meio da rejeição dos cabelos crespos que se passa a ser um sujeito de beleza. O fato de “gostar deles fortes”, como é dito na propaganda, incide na identificação de que, para ser possuidor de beleza, é preciso esconder um dos elementos que é tido como referencial do ser negro: os cabelos. Assim, a partir do que foi visto, primeiro se percebe que, as mulheres negras com os cabelos crespos não podem ter suas belezas realçadas e, por isso, são fracas, pois para serem fortes não se pode realçar um atributo corpóreo que marca a condição de serem negras e segundo apenas com a aproximação ao padrão de beleza branco que se pode ser bonita.

Esta segunda percepção remete ao fato de como a mídia articula elementos históricos em prol da manutenção de estigmas, que acabam sendo repetidos e preservados. Nesta lógica, há a consolidação da concepção colonialista que distingue os sujeitos por conta dos caracteres corpóreos.

As imagens contemporâneas têm ligação subterrânea com imagens de tempos pretéritos. As referências do passado às vezes parecem desaparecer, mas em termo de articulação ganham nova roupagem, permanecem, na maioria das vezes, como suporte de construção de imagens de negros, índios (o cinema americano que o diga), mulheres e outros segmentos vulneráveis. (BORGES, 2012, p. 188).

O discurso que se manifesta no anúncio ao ser difundido é cristalizado e acaba sendo assimilado por muitos sujeitos que se identificam com o padrão hegemônico de beleza ao ponto de muitos introjetarem esta concepção e passarem então a mudar a textura do cabelo como maneira simbólica de alcançar o embranquecimento. Por isso, há o entendimento de que a negação do ser negro, numa sociedade marcada historicamente pela regência da estética branca, está assentada em ter a pele mais clara e o cabelo liso, que implica a reprodução dos sentidos relacionados à rejeição de identidades negras.

Os discursos veiculados pela mídia, baseados em técnicas como a confissão (reportagens, entrevistas, depoimentos, cartas, relatórios, descrições pedagógicas, pesquisas de mercado), operam um jogo no qual se constituem identidades baseadas na regulamentação de saberes sobre o uso que as pessoas devem fazer de seu corpo, de sua alma, de sua vida. Podemos enxergar essa rede de discursos tomando alguns exemplos de propagandas, veiculadas na grande mídia brasileira, com base nas quais institui-se a subjetivação tanto nas práticas que propõem a modelagem do corpo com na construção dos lugares a serem ocupados por homens e mulheres na sua relação com os outros. Articuladas a outros enunciados que com elas dialogam nos meios de comunicação, essas propagandas são verdadeiros dispositivos por meio dos quais instalam-se representações, forjam-se diretrizes que orientam a criação simbólica da identidade. (GREGOLIN, 2007, p. 18).

O fato de regular como as mulheres negras devem usar os cabelos ratifica o poder que a mídia possui como AIE da Comunicação, porquanto ela reproduz os sentidos historicamente construídos acerca do negro, que são retomados intensamente e determinam como estes indivíduos devem utilizar e arrumar os cabelos.

O site de rede social, *facebook*, está inserido no contexto onde as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) permeiam a relação entre os sujeitos, uma vez que elas permitem o acesso à informação e a (re) produção de sentidos. Por isso, o *facebook* atua como espaço que potencializa a discussão a respeito das mulheres negras e cabelos crespos, já que nele há a reunião de pessoas, por meio a formação de comunidades ou grupos, que tratam desta temática como forma de conceder um espaço de discussão, uma vez que em outros espaços midiáticos isso não ocorre.

No entanto, neste espaço é também percebido que os aspectos relacionados à ausência de beleza na mulher negra são retomados (principalmente nas comunidades que falam sobre cabelos de modo geral) e aí ocorre a vinculação da imagem dos cabelos crespos, como cabelos feios e uma extensão do que notado fora do ambiente virtual.

Morigi e Pavan (2004, p.117), em relação às mudanças acarretadas pelo uso das novas tecnologias, colocam que:

A utilização de tais tecnologias cria e recria novas formas de interação, novas identidades, novos hábitos sociais, enfim, novas formas de sociabilidade. As relações sociais já não ocorrem, necessariamente, pelo contato face a face entre os indivíduos. Elas passaram a ser mediadas pelo computador, independentes de espaço e tempo definidos.

Entre as características do *facebook*, podem ser listadas algumas que acabam sendo diferenciais desta mídia quando comparada às outras mídias tradicionais. Entre as características tem-se o **compartilhamento de informações**. Aquilo que é dito ou divulgado nesta mídia social toma uma proporção gigantesca, pois um usuário não diz algo apenas para uma pessoa. Ele diz a dezenas de pessoas, que são amigas de centenas de pessoas e estas outras são amigas de milhares. Isto é devido ao fato de que o poder de comunicar e enviar mensagens para grande número de pessoas, antes restrito às grandes empresas de comunicação, passa a estar também nas mãos do público. A segunda característica se refere ao **pouco controle para obter e expor informações**. É muito complicado dominar aquilo que é colocado nos sites de redes sociais e, por esse motivo, é possível expor e obter uma infinidade de informações. De acordo com Terra (2011, p. 108): “o domínio daquilo que os usuários colocam na rede é impossível de ser concebido”. No entanto, vale dizer que o controle é excessivo em relação ao que os usuários acessam. O ambiente virtual deixa registrado praticamente todos os passos dos usuários, fazendo com que este meio também se caracterize pela existência de vigilância permanente. A terceira é **rapidez na transmissão de conteúdos** ocasionada pela redução da relação entre tempo e espaço, fazendo com que diversas informações circulem em curto tempo, mas entre grandes distâncias. A quarta e última característica é a **interação**, que pode ser percebida pela existência de possibilidades de personalização das mensagens, transmissão de informação com espaço de tempo bastante reduzido, utilização de imagens vídeos, voz, textos no processo de produção das mensagens, tornando este espaço multimídia.

Estas características somam-se aos elementos constitutivos do discurso, fazendo com que nestes espaços sejam percebidos como os sujeitos movimentam-se entre FDs distintas, por meio dos processos de identificação, contraidentificação e desidentificação com a FD dominante. Isso ocorre graças ao emprego da AD e da observação e interpretação não apenas dos comentários, como também das outras formas que as pessoas têm de indicarem a filiação

ou não à FD que vigora em determinadas comunidades, como por exemplo, as curtidas, comentários, compartilhamentos<sup>6</sup>,

A emergência desse espaço virtual tem possibilitado a visibilidade e reconhecimento dos não representados na mídia tradicional, e isso pôde ser visto, especificamente, nas comunidades que falam dos cabelos crespos. A existência desta possibilidade é ratificada por Melos e Moita Lopes ao afirmar que:

Nos blogs e redes sociais, por exemplo, as chamadas minorias relatam suas vivências, exercem a cidadania e podem selecionar as lutas que valham à pena, segundo o seu contexto histórico-social e suas experiências. Dessa forma, o ambiente on-line pode contribuir para dar visibilidade também aos corpos ébanos (2014, p. 542).

As comunidades, em muitos casos, proporcionam o encontro virtual entre sujeitos que estão identificados com a mesma FD e, neste processo, novas identidades são formadas ou às identidades antigas são incorporados novos sentidos. Foi nas comunidades do *facebook* que surgiram os movimentos de valorização das mulheres negras por meio da valorização dos cabelos crespos, que levou ao aparecimento da expressão Empoderamento Crespo, que é usado como forma de ressaltar a importância das mulheres negras assumirem os cabelos na forma natural e, assim, este espaço midiático é colocado como local de reafirmação das identidades negras e de resistência ao padrão hegemônico. Por outro lado, a rejeição destas identidades também repercute no *facebook*, em especial quando são resgatados os sentidos históricos dados aos negros, fato que o coloca como rede onde ocorrem embates entre FDs distintas.

Castells (2003, p.274) fala que, em tempos modernos, as mudanças nos níveis de sociabilidade entre as pessoas se dá por meio da redução do contato pessoal, fazendo com que

---

<sup>6</sup> As curtidas podem ser entendidas como reações esboçadas, por meio de imagens, pela pessoa que leu a postagem. No ano de 2015 o *facebook* possuía apenas uma forma de esboçar reação que era o botão “curtir”. Em 2016 foram colocados mais botões, formando 5 tipos de reação, que são representadas por símbolos conhecidos como *emojis*. São elas: o "curti", "amei", "haha", "uau", "triste" e "Grr". O “curti” indica que a pessoa gostou do que foi postado. Já o “amei” indica forte aprovação com o que foi postado e certamente a pessoa que esboçou tal reação está totalmente identificada com a postagem. Por sua vez, o “haha” é voltado para conteúdos engraçados, ou também pode ser indicado para expressar ironia ou sarcasmo. O "uau", caracterizado por um *emoji* boquiaberto, é usado para situações surpreendentes, sejam boas ou ruins. Já o "triste" é geralmente utilizado nas publicações relacionadas à tristeza ou desaprovação. Por fim, "Grr" caracterizado por um *emoji* irritado, pode ser usado para demonstrar raiva ou total desaprovação com o conteúdo publicado.

Os comentários são o que as pessoas escrevem acerca das publicações e os compartilhamentos é quando à replicação da postagem, onde podem ser inseridos textos opinativos em relação a elas. Todos estes mecanismos são quantificados pelo *facebook*.

elas construam laços afetivos, que não são concretizados pelo contato físico, mas pelo contato nas comunidades virtuais, que são criadas pela afinidade e interesses em comum, isto é, pelo pertencimento dos sujeitos às mesmas FIs. Todavia, o que é discutido nesses espaços rompe as barreiras simbólicas, fazendo com as relações entre os sujeitos e as formações de identidades que iniciaram no ambiente virtual, passem a fazer parte do ambiente “real”. Desta forma, o reflexo das práticas sociais de um ambiente implica a dinâmica e modifica o outro.

#### 4. METODOLOGIA

A estrutura metodológica empregada na AD Pecheutiana não obedece à um padrão rígido, no que se refere à forma como é elaborada a análise. No entanto, cabe ao analista propor uma metodologia que contribua para investigação discursiva, levando em conta os elementos teóricos que a compõem. É preciso também pontuar que a mobilização desses elementos pode variar de um analista para outro, fazendo com que cada análise seja diferente, visto que são levantados aspectos variados relacionados aos sentidos existentes no dispositivo analítico.

Conceitos relacionados às diferentes áreas do conhecimento, como História, Comunicação, Sociologia etc., puderam filiar-se à análise realizada e, desta forma, permitiram que os sentidos identificados fossem interpretados e relacionados às diversas questões existentes no contexto sócio-histórico. Por isso, nessa pesquisa foram mobilizados elementos relacionados à historicidade e constituição das relações raciais no Brasil, em especial da mulher negra, uma vez que trazem subsídios que permitiram interpretar os sentidos existentes nas postagens das comunidades analisadas. As mulheres negras serão aqui tratadas como sujeitos do discurso, aquelas que organizam, produzem e reproduzem sentidos a partir de experiência de “ser mulher negra” e da posição que ocupam no processo discursivo, de acordo com as condições de produção determinadas.

Para tratar dos aspectos relacionados ao funcionamento dos sites de redes sociais, no caso o *facebook*, e dos impactos gerados por ele na relação entre os sujeitos e a realidade que os cerca, as referências foram os estudos vinculados à comunicação, que também dialogará com as áreas mencionadas acima, a fim de que seja compreendido o cenário estudado. Esse enlace teórico garante que a AD seja estratégica e pertinente para o estudo realizado, pois como defende Orlandi (2015, p. 26): “Todos esses elementos - a natureza dos materiais analisados, a questão colocada, as diferentes teorias dos distintos campos disciplinares, tudo isso constitui o dispositivo analítico construído pelo analista. Daí deriva, penso eu, a riqueza da Análise de Discurso [...]”.

Por se tratar de uma pesquisa de caráter qualitativo, caracterizada pela percepção das questões ligadas ao sujeito e à interação subjetiva com aspectos sociais, há a preocupação com o processo de construção discursiva nas comunidades analisadas e com a interpretação e compreensão dos elementos discursivos. A abordagem qualitativa é propícia para sistematização dos processos sociais que são gerados a partir de variáveis relacionadas à

forma como o sujeito percebe e reproduz aquilo que absorve ideologicamente e por meio, da relação com o outro, que pode ser tanto outro sujeito, como também aquele do inconsciente.

A interpretação daquilo que foi analisado não é arbitrária, pois se fosse estaria indo de encontro ao que é basilar no que tange a questão dos efeitos de sentidos e ao que é proposto pela AD. Os sentidos são múltiplos, sendo então impossível construir e defender uma interpretação rígida que não esteja sujeita às variações.

Neste perfil de pesquisa, a análise de dados estatísticos não é basilar para o trabalho e na fase exploratória optou-se pela observação das comunidades do *facebook*, a partir da inserção da pesquisadora nas mesmas, a fim de facilitar a compreensão da dinâmica das comunidades digitais analisadas e identificar elementos que foram relevantes para a pesquisa.

Deste modo, também foi possível acompanhar as informações expostas pelas participantes com determinada frequência e identificar aquelas postagens que mais se enquadravam no perfil do estudo, que são as que discursivizam sobre a mulher negra, a partir dos sentidos gerados em torno dos cabelos crespos.

Quanto à natureza da linguagem, observaram-se não só aspectos relacionados às sequências discursivas (estrutura escrita), mas também, as imagens postadas, entre outros, pois todos estes formatos são entendidos como texto na AD Pecheutiana, uma vez que eles incidem na forma como a língua materializa os sentidos gerados e como os sujeitos são regidos pela FI e FD, afetados pelo silenciamento e interdiscurso. Como pontua Orlandi (2015, p. 67-68): “Consideramos o texto não apenas como um ‘dado’ linguístico (com suas marcas, organização etc.) mas como ‘fato’ discursivo, trazendo a memória para a consideração dos elementos submetidos à análise”

Vale dizer que a pretensão não é esgotar as possibilidades de análise, visto que é tarefa impossível, pois sempre existirá um discurso que é anterior ao discurso apresentado, e este, por sua vez, deriva outros discursos e assim por diante. Então, procurou-se perceber como os conceitos-chaves são mobilizados na análise e constituem os discursos.

Para isso, as seguintes etapas foram seguidas para definição do *corpus* e realização da análise:

- 1) Seleção das comunidades que foram utilizadas para analisar as postagens, sendo selecionadas quatro comunidades e duas postagens de cada uma delas (total de oito análises). Foram duas comunidades que abordam especificamente a temática cabelos crespos e outras duas relacionadas aos cabelos de modo geral;

2) Após a seleção das comunidades, foram verificadas as postagens e escolhidas aquelas que faziam menção, de alguma maneira, aos cabelos crespos. Nesta etapa, a pesquisadora entrou em contato com o texto bruto, que constitui a superfície linguística, onde é feita a análise superficial do texto. A partir daí começou-se o processo de de-superficialização, que consiste na identificação de como os esquecimentos 1 e 2 (ideológico e discursivo) dominam a enunciação. Nesta fase, observou-se quais palavras foram utilizadas e não utilizadas, além de ser observado como a imagem produz sentidos, se a postagem foi compartilhada ou curtida etc.;

3) O processo de de-superficialização, de acordo com o dispositivo teórico da AD, fez chegar ao objeto discursivo, que é o “discurso concreto”, onde o sujeito se marca no que “diz” e fornece pistas para a compreensão do modo como o discurso materializa-se. Em alguns casos foi preciso desconstruir o sentido previamente apreendido, para fazer aparecer os outros elementos para composição da análise. Orlandi (2015, p. 64) coloca que a ideia é produzir um pensamento crítico e perceber a ilusão que sobrepõe palavras e coisas e, neste momento, não se espera que o analista trabalhe numa posição neutra, mas sim de forma relativizada, pois até mesmo ele é interpelado ideologicamente na análise. Nesta etapa começou-se a interpretar, compreender e analisar a estruturação dos discursos e perceber o modo de circulação dos sentidos, tendo como fundamento o funcionamento ideológico, o sujeito interpelado, remetendo às FDs, aos processos parafrásticos e polissêmicos e ao silenciamento;

4) Ao longo da análise há constituição do “processo discursivo” (PÊCHEUX, 1993 [1975], p. 181) e nele podem ser percebidos os deslizamentos dos sentidos, que é como os discursos podem adquirir sentidos que não são regidos pela FI dominante e verificar a relação dos discursos com o interdiscurso e com a memória filiada à FD em análise;

5) Após o processo acima, nas análises os seguintes elementos foram observados 1- Formação Ideológica e Formação Discursiva; 2- Interdiscurso e Memória e 3- Silenciamento. Com isso as análises trazem elementos vinculados ao funcionamento dessas categorias no discurso;

6) As análises foram distribuídas em quatro categorias, que irão compreender diferentes FDs no processo de análise e representam o perfil das postagens que foram analisadas. Assim, as postagens foram separadas de acordo com o modo com que elas discursivizam a relação da mulher negra com o cabelo crespo. Tais elementos serão explicados posteriormente.

As etapas 2, 3 e 4 representam os procedimentos da AD, que de acordo com Orlandi (2015) levam em consideração as propriedades relacionadas ao discurso e seu funcionamento. Pode-se dizer que tais etapas dão forma ao dispositivo de análise e, assim, acrescidas das demais etapas, julgadas necessárias pelo pesquisador, compõem a análise como um todo.

A autora supracitada apresenta o seguinte esquema:

Figura 4 - Esquema Análise de Discurso

1ª Etapa: Passagem da	Superfície Linguística	Texto ( Discurso)
2ª Etapa: Passagem da	para o Objeto Discursivo	Formação Discursiva
3ª Etapa:	para o Processo Discursivo	Formação Ideológica

Fonte - Orlandi, 2015, p. 75.

O esquema apresentado refere-se aos principais aspectos metodológicos da AD. Conforme dito anteriormente, nele pode-se perceber como ocorre o processo da análise, que perpassa pela passagem a superfície linguística, cujo foco é o texto (a partir dele se observa o discurso), para o objeto discursivo, onde se percebe o funcionamento e as relações das FDs e como elas implicam no jogo de sentidos e, por fim, tem-se o processo discursivo o qual mobiliza as questões da FI.

Sendo assim, a base teórica utilizada contribuirá para reflexão a respeito dos sentidos vinculados à mulher negra, tendo como referência a temática cabelos crespos. Isto porque historicamente e ideologicamente este sujeito discursivo (mulher negra) passa por um processo de negação e desvalorização dos seus traços fenotípicos, que é fruto dos mecanismos do racismo, que pode ser percebido nos ambientes virtuais, neste caso o *facebook*.

No entanto, percebe-se não apenas um movimento de repetição discursiva dos sentidos já estabelecidos socialmente, mas também o rompimento deles, o que vem permitindo o surgimento e/ou retomada de ações que levam à aceitação não somente do cabelo crespo, mas estética da mulher negra, e enquadramento deste sujeito como referencial de beleza.

#### 4.1 SELEÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO *CORPUS*

Para as análises, optou-se pelas comunidades que possuem um grande número de curtidas <sup>7</sup>, que são aquelas que possuem quantidade considerável de pessoas que espontaneamente optaram em fazer parte da comunidade. Ressalta-se que o número de curtidas de uma comunidade do *facebook* pode alterar constantemente, uma comunidade pode ser desativada por seu (s) administrador (es) e ter a temática modificada, o que é próprio desse ambiente onde seus usuários podem promover, excluir ou dar mais visibilidade a uma determinada comunidade, fazendo com que mais pessoas passem a frequentá-la ou não. Quando uma comunidade é excluída ou desativada os frequentadores passam a não ter mais acesso à ela e, conseqüentemente, às suas postagens.

Sendo assim, comunidades com mais curtidas que as selecionadas podem surgir de um dia para o outro, porém só foram selecionadas aquelas que, no período entre o mês de julho de 2016 e o mês de novembro de 2016, fase exploratória da pesquisa, possuíam um número expressivo de participantes, isto é, a página tem muitas “curtidas”.

Em relação às postagens, foram selecionadas aquelas que tratam de alguma maneira da mulher negra a partir dos sentidos vinculados aos cabelos crespos, sendo observado que existe diferença no tratamento dessa temática em comunidades que falam de cabelos de modo geral e em comunidades que tratam especificamente de cabelos crespos. No entanto, em alguns momentos percebem-se os deslizamentos de sentidos e a influência de uma FD em outra FD, como reza a teoria da AD.

Desta forma, como comunidades que tratam do tema cabelo de modo geral tem-se: Cabelos Perfeitos<sup>7</sup> (85.797curtidas) e Cabelos \*.\* (76.235 curtidas) / Cabelos Lindos (902.713 curtidas). Já aquelas que falam apenas de cabelos crespos foram: Meu cabelo tipo 4<sup>8</sup> (28.418 curtidas) e Meninas de Cabelos Crespos (76.297 curtidas)<sup>9</sup>.

Durante a pesquisa a comunidade Cabelos \*.\* foi substituída pela comunidade Cabelos Lindos, isso porque a primeira comunidade modificou a proposta de postagens e passou a se chamar Cabelos alternativos & etc. De tal modo, a temática abordada pela

---

7 Palavra derivada do termo inglês *likes*, utilizado em sites de redes sociais para indicar a adesão de participantes às postagens e páginas.

8 O termo “Tipo 4” é utilizado para classificar a texturização dos cabelos crespos, que podem se enquadrar no tipo 4A, 4B e 4C. Se considerarmos uma escala do menos crespo ao mais crespo, o 4C seria o tipo mais crespo e o 4A o menos crespo e, desta forma, e o tipo 4 engloba todos os formatos de cabelos crespos.

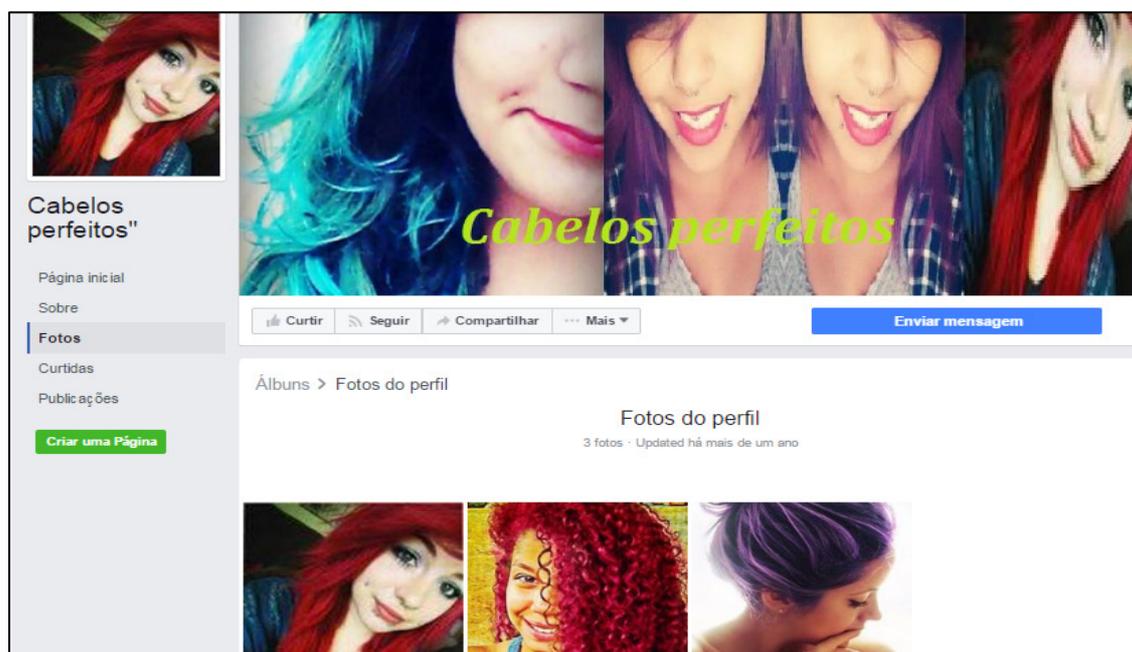
9 Os nomes das comunidades foram transcritos da mesma forma que são apresentados do *facebook*, pois desta maneira fica mais fácil ter acesso a elas, pelo sistema de busca do site de rede social.

comunidade Cabelos \*.\* não era mais cabelos de modo geral, mas sim cabelos com cores e cortes variados. A mudança impossibilitou a realização das análises de outras postagens vinculadas a ela, pois a comunidade não se enquadrava mais nos critérios da pesquisa. Então, acrescentou-se mais uma análise da comunidade Cabelos Lindos, que possuía todas as características (temática, número de curtidas e postagens que traziam mulheres negras) para a realização da análise.

A comunidade Cabelos Perfeitos na descrição informa que apresentará belas fotos de cabelos lindos. A maioria das postagens não traz mulheres negras, muito menos, imagens de mulheres de cabelos crespos. Nas imagens do perfil da comunidade também não existem mulheres negras, como referencial para cabelos lindos. Vale explicar que as fotos de perfil são aquelas que aparecem em primeiro plano quando uma comunidade é acessada e assim são fotos que representam a identidade da comunidade.

Tem-se a seguir o *print screen* das fotos de perfil que foram utilizadas nesta comunidade.

Figura 5 – *Print screen* do perfil da comunidade Cabelos Perfeitos



Fonte: Facebook, 2016.

Na comunidade Cabelos Lindos, embora a descrição mencione os cabelos crespos e todos os formatos capilares que serão apresentados, independente da raça e cor, nas imagens colocadas no perfil da comunidade, há apenas uma fotografia feminina, que é de uma mulher

não negra. Conforme imagens a seguir, a comunidade apresenta a seguinte descrição e imagens de perfil:

Figura 6 – *Print screen* da descrição da comunidade Cabelos Lindos

**Sobre** [Sugerir edições](#)

**Missão**  
Cabelos Lindos são cabelos saudáveis, com brilho, movimento, luminosos, bem tratados, perfumados, com o volume na medida certa, que nos fazem sentir bem com nossa aparência, elevam a auto-estima e o bem-estar.

Cabelos Lindos são um sonho realizável por qualquer pessoa de bem com a vida, que tenha prazer em cuidar de si e reservar um tempo para cultivar sua beleza interior e exterior.

Cabelos Lindos são cabelos curtos, médios ou longos; lisos, cacheados ou crespos; cabelos loiros, castanhos, ruivos ou negros; naturais ou coloridos; enfim, são cabelos com seu estilo, sua identidade, independente de porte físico, raça, cor ou condição financeira.

Cabelos Lindos estão ao alcance de todos.

**STORY**  
Site voltado para a beleza e saúde dos cabelos.

Fonte: Facebook, 2016.

Figura 7 – *Print screen* das fotos do perfil da comunidade Cabelos Lindos

**Cabelos Lindos**  
@CabelosLindos

Página inicial  
Sobre  
**Fotos**  
Curtidas  
Instagram feed  
YouTube  
Pinterest  
Twitter Cabelos Lindos  
Fale Conosco  
Diagnóstico Capilar  
Vídeos  
Publicações  
[Criar uma Página](#)

**Cabelos Lindos**  
CABELOS LINDOS  
Criação Fernando Sales

[Curtiu](#) [Seguindo](#) [Compartilhar](#) [Mais](#) [Cadastre-se](#) [Enviar mensagem](#)

Álbuns > Fotos do perfil

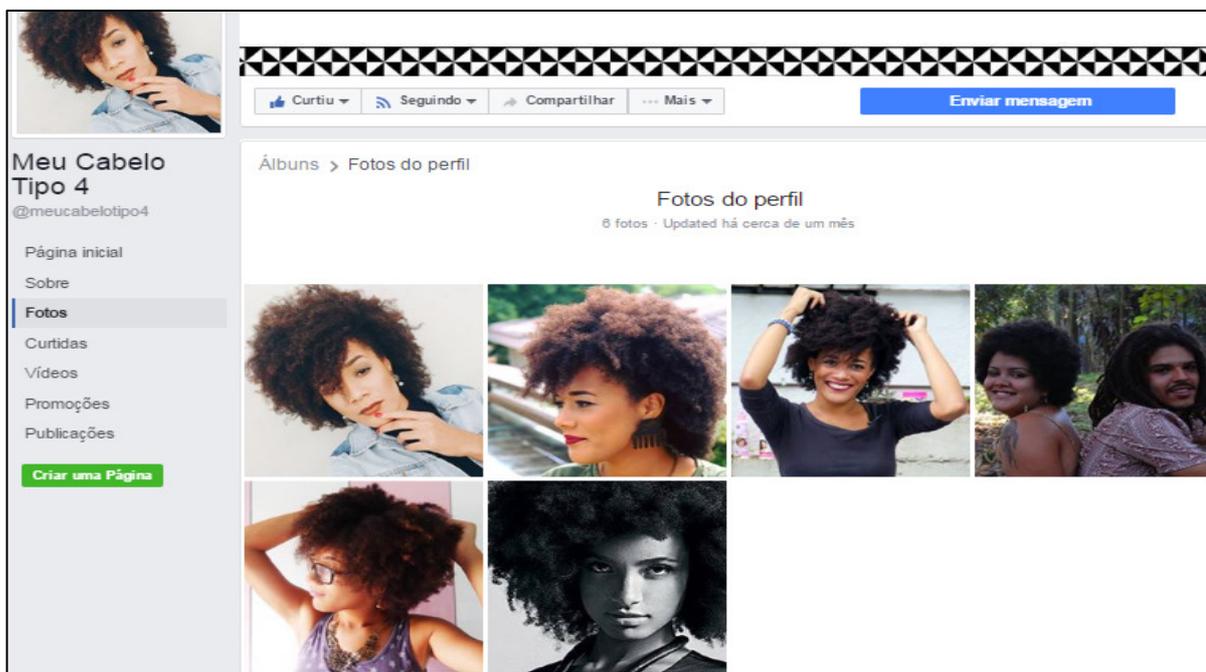
**Fotos do perfil**  
3 fotos · Updated há 2 anos

The profile photos include: a woman with long blonde hair, the golden spiral logo, and a stylized 'CL' logo.

Fonte: Facebook, 2016

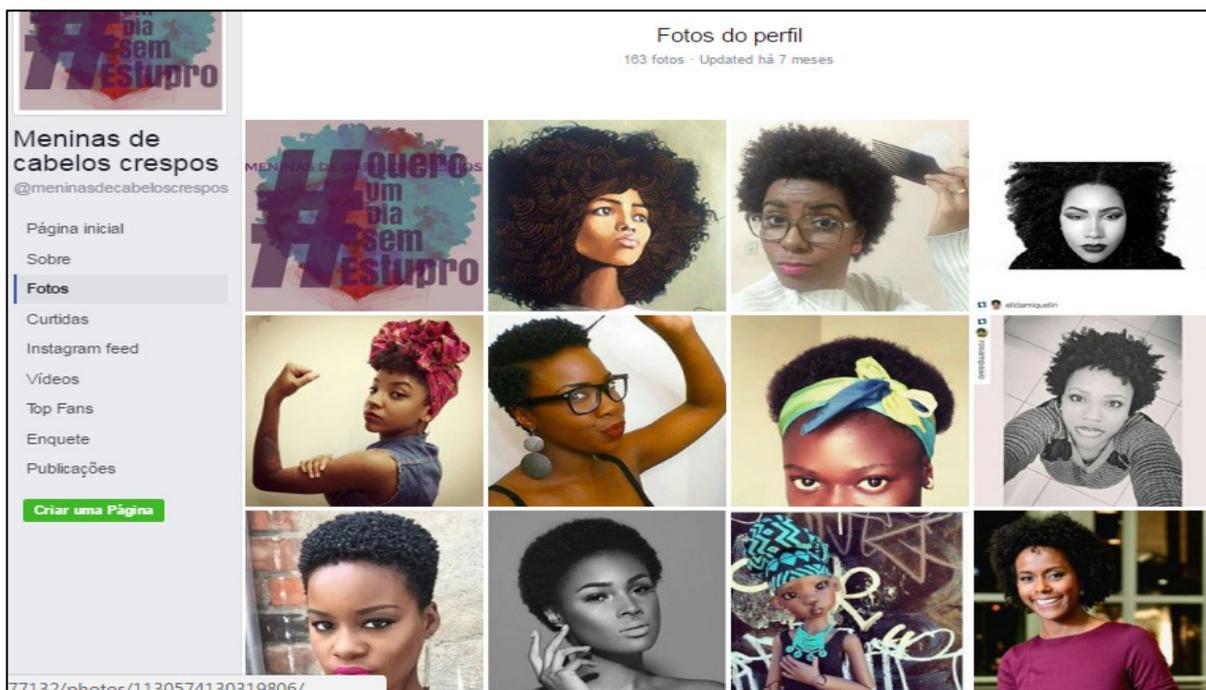
As comunidades voltadas para discussão acerca dos cabelos crespos trazem também na descrição a temática abordada e entre as imagens dos perfis das comunidades há sempre mulheres negras, exibindo os cabelos crespos.

Figura 8 – *Print screen* das fotos do perfil da comunidade Meu Cabelo Tipo 4



Fonte: Facebook, 2016

Figura 9 – *Print screen* das fotos do perfil da comunidade Meninas de cabelos crespos



77132/photos/1130574130319806/  
Fonte – Facebook, 2016

A comunidade Meu Cabelo Tipo 4, na descrição a (s) administradora (s) trazem o seguinte texto: “REPRESENTATIVIDADE, IDENTIDADE, AMOR ao Cabelo Crespo ♥ #MCT4”. Nesta comunidade, são postadas informações sobre produtos e técnicas específicas para os cuidados com os cabelos crespos, mas também mensagens que valorizam as mulheres negras com cabelos crespos, exibidas em álbuns fotográficos denominados de álbuns de inspiração, pois através de imagens ocorre o incentivo à transição capilar, que é o ato de eliminar totalmente o cabelo com química e assumir os cabelos crespos.

Já na comunidade Meninas de Cabelos Crespos, a descrição informa apenas que ela é destinada às meninas de cabelos crespos, mas quem não tiver esse tipo de cabelo pode participar e compartilhar informações. Nela há poucas postagens relacionadas aos cuidados com os cabelos e as imagens trazem sempre mulheres negras famosas e anônimas ou casais negros com diversos formatos de cabelos crespos.

Observa-se que as imagens e descrições presentes nos perfis das comunidades já deixam indícios em relação às FDs que elas estão filiadas e isto poderá ser ratificado, posteriormente, quando forem analisadas as publicações realizadas nas comunidades.

Em relação ao outro critério utilizado para delimitação do *corpus* da pesquisa, na seleção das postagens foram selecionadas aquelas que abordam os cabelos crespos com o viés relacionado à mulher negra e às questões raciais, com isso as postagens que falam de sugestão de produtos, não serão analisadas, pois não trazem elementos relacionados aos sentidos gerados sobre a mulher negra na relação com os cabelos.

A fim de facilitar o processo de interpretação dos dados e materialização do objeto, as páginas das comunidades selecionadas foram copiadas, por meio de captura de tela, e arquivadas em formato png, jpeg *word* e/ou pdf, a depender do tamanho, se era imagem ou texto. Desta forma, garantiu-se a preservação do material, já que existe a possibilidade das mesmas saírem de circulação, por falha da plataforma ou decisão do (s) administrador (es) das comunidades.

## 4.2 CATEGORIAS DE ANÁLISES

A estruturação das análises deu-se por meio de categorias de análise que podem ser vistas também como separações temáticas e filiações às FDs distintas. Assim, foi possível agrupar as postagens que possuem similaridades nos sentidos gerados em torno da mulher

negra e os cabelos crespos. Todavia, há ocasiões em que ocorrem deslizamentos de sentidos e filiação à FD distinta da que prevalece na comunidade.

Nas duas primeiras categorias, foram dispostas as postagens das comunidades que abordam a temática cabelo de modo geral. Por sua vez, as duas categorias seguintes trazem as análises das postagens das comunidades que falam especificamente de cabelos crespos.

Desta forma, as análises serão divididas conforme descrição a seguir, juntamente com as superfícies linguísticas analisadas:

1) A negação dos cabelos crespos: Aqui foram colocadas as postagens em que o processo de negação do cabelo crespo e valorização dos cabelos não-crespos faz-se presente. Desta forma, os sujeitos tentam, de alguma forma, negar o cabelo crespo, sendo possível perceber que essa atitude perpassa pela negação de ser negra. As superfícies linguísticas analisadas nas comunidades foram:

a)	“Quando a mulher muda de cabelo, ela pretende <b>mudar de vida.</b> ” (FACEBOOK, 2015, grifo nosso).
b)	“Quem disse que <b>todo cabelo cacheado é feio.</b> ” (FACEBOOK, 2015, grifo nosso).
c)	“ <b>Nenhum</b> cacho jamais será <b>feio ou ruim...</b> feio e ruim é o pré-conceito.” (FACEBOOK, 2015, grifo nosso).
d)	“ <b>Acho</b> que a legenda podia ser editada ela <b>não pegou mto bem + enfim</b> ” (FACEBOOK, 2015).
e)	“Sei que existe mesmo é uma <b>ditadura estética padrão pra todos...</b> Até nas cacheadas isso existe... as que tenham seus crespos afro fechadíssimos <b>sonham</b> com esses cachos e de forma natural não chegam... Importante que com ou sem química que sejamos felizes com nossos picumãs de forma verdadeira... Jamais por <b>padrão de aceitação.</b> ” (FACEBOOK, 2015, grifo nosso)

2) Livre, leve e solto? Não, o padrão é rígido: Nesta categoria são materializados os discursos que ditam que o padrão de beleza regido socialmente é aquele vinculado à ideologia dominante, baseada na branquitude. O sujeito pode até assumir os cabelos crespos, porém esses devem obedecer ao padrão de maleabilidade dos cachos perfeitos e, deste modo, a beleza da mulher negra é silenciada, visto que ela foge dos padrões da ditadura imposta. Nessas postagens, são apresentados os discursos que passam a ideia de que possuir cabelos

crespos naturais, que implica assumir os traços étnicos, gera o efeito de não ser aceito socialmente e de desvinculação do que é belo.

a)	“A superfície dos cabelos crespos, em virtude da ondulação, repele água provocando o <b>aspecto ressecado.</b> ” (FACEBOOK, 2016, grifo nosso).
b)	“Para <b>ter cachos</b> soltos e definidos é preciso nutrir esses cabelos constantemente. Sem esse cuidado eles <b>frisam, arrepiam e armam.</b> Para <b>domá-los</b> é fundamental lavar e condicionar com produtos mais oleosos, que lubrificam e acabam funcionando como uma espécie de filtro, um resíduo de óleo que se fixa no fio e permanece mesmo depois do enxágue, o que dá peso e ajuda <b>abaixar o cabelo.</b> ” (FACEBOOK, 2016, grifo nosso).
c)	“Quando a mulher não puder lavar o cabelo e acordar com ele <b>espetado</b> ou com frizz, pode modular os cachos com mousse, ativadores de <b>cachos</b> , ou mesmo, borrifar algumas gotas de <i>leave in</i> e dar o toque final com as mãos.” (FACEBOOK, 2016, grifo nosso).
d)	“Com essas dicas simples você conseguirá manter seus <b>cabelos crespos</b> naturais, lindos, sem precisar submeter a nenhum tipo de química! Cabelos <b>crespos são lindos</b> , basta cuidá-los!” (FACEBOOK, 2016, grifo nosso).
e)	“ <b>meu cabelo é crespo</b> meu <b>sonho</b> e ter um cabelo assim.” (FACEBOOK, 2016, grifo nosso).
f)	“Adorei as dicas pois meus cabelos são <b>crespos e difícil de domar.</b> ” (FACEBOOK, 2016, grifo nosso)
g)	“ <b>Gostos</b> dos meus cabelos <b>crespos, mas</b> fiz uma progressiva [...]”(FACEBOOK, 2016, grifo nosso).
h)	“ <b>Cacheadas</b> aqui? ” (FACEBOOK, 2016, grifo nosso).

3) O cabelo crespo tornou-se coroa: Os sentidos presentes nesta categoria incidem na valorização e aceitação dos cabelos crespos, como gesto de autoafirmação racial. Assim, o cabelo passa a não só ser visto como elemento estético, mas como elemento de valorização das identidades negras e assumi-lo é conotado como ato de coragem. Algumas postagens levam ao entendimento de que, para que ocorra o processo de identificação, é necessária a movimentação dos sujeitos entre FDs distintas, pois a FD dominante não permite que os traços fenotípicos do negro sejam valorizados. O que marca esta categoria é a transição

capilar, que é reflexo do movimento de contraidentificação em relação à FD que permeia a comunidade.

a)	“Menina, você merece minha <b>admiração</b> !!!! Parabéns!!!!!!!!!!” (FACEBOOK, 2015, grifo nosso)
b)	“Muita <b>coragem</b> !!! Parabéns!!!!” (FACEBOOK, 2015, grifo nosso)
c)	“Não tive a <b>coragem</b> dessa amiga aí não! Eu fiquei mais de um ano sem colocar química no meu cabelo, e aí um belo dia cheguei no salão e pedi para cortar onde tinha química! E vou falar... <b>SOU MUITO MAIS FELIZ E SEM DEPENDÊNCIAS DE PROGRESSIVAS, CHAPINHAS E ESCOVAS! MUITO MAIS FELIZ!</b> ” (FACEBOOK, 2015, grifo nosso)
d)	“[...] Com certeza foi uma das <b>melhores decisões</b> que tomei na vida!! A transição é um processo que costumo dizer que começa de dentro para fora, e o BC <sup>10</sup> é o início do <b>afloramento da nova mulher...</b> ” (FACEBOOK, 2015, grifo nosso)
e)	“Cada <b>cabelo lindo</b> que vejo, cada mulher mais <b>empoderada</b> e com certeza eu só posso dizer que todo esse processo <b>valeu a pena!</b> ” (FACEBOOK, 2016)
f)	“Não está sendo fácil. Tem hora que bate aquele <b>arrependimento</b> de ter feito o bc (estou com dois meses de bc) mas <b>desisti</b> não é minha meta...” (FACEBOOK, 2016, grifo nosso).
g)	“[...] Então vamos que vamos <b>aceitação</b> começa em vc mesma. Por mais olhares <b>estranho</b> que é preciso <b>encarar</b> no caminho...” (FACEBOOK, 2016, grifo nosso).
h)	“Confesso que não foram muitas vezes que sentir vontade de <b>desistir</b> , mais encarar de perto, olho no olho boa parte das críticas, me <b>fortaleceu</b> cada vez mais nesse processo de aceitação” (FACEBOOK, 2016, grifo nosso).

4) A revolução começa pela cabeça: Assumir os cabelos crespos também possui uma dimensão política e social que permite que as mulheres negras ajam para serem aceitas com suas características fenotípicas e assim desconstruam sentidos vinculados à depreciação de seus corpos e, conseqüentemente, cabelos. Por isso, ter e assumir os cabelos crespos pode ser visto como uma forma de militância negra e faz parte de um movimento cujo objetivo é a valorização e o empoderamento das mulheres negras, por meio da estética.

---

10 BC ou bc significa *big chop*, tradução grande corte, que é o processo de corte da parte do cabelo que possui química para que o cabelo fique natural.

a) “É o teu <b>racismo</b> que se ofende com o meu <i>black power</i> ” (FACEBOOK, 2015, grifo nosso).
b) “Pra vc <b>racista.</b> ” (FACEBOOK, 2015, grifo nosso).
c) “ [...] Se você faz parte do <b>movimento</b> pela cabelo natural, você tem apoiar todas as texturas e sim, isso inclui o 4C.” (FACEBOOK, 2016, grifo nosso).
d) “Não tem lógica nenhuma, <b>lutar</b> e sair de um padrão imposto direta ou indiretamente e entrar em outro que seria "Só é bonito se for definido"[...] <b>todos são lindos</b> a sua forma...merecem <b>respeito</b> e não o mais definido, o mais crespo ou mais liso....Se o objetivo é <b>quebrar paradigma</b> , não é para criar outro... (FACEBOOK, 2016, grifo nosso).
e) “Parem de polemizar um pouco, o <b>cabelo é crespo a pele é negra</b> e estilo cada um tem o seu.” (FACEBOOK, 2016, grifo nosso).
f) “Vou ser <b>crucificada!</b> Eu relaxo meu cabelo, não porque acho feio ,ele é 4b, mas <b>Black crespíssimo não combina</b> comigo em algumas meninas fica perfeito já em mim não. É fato que não sou mais n ,mas faço de vez em nunca pra soltar mais os cachos. acho super normal.” (FACEBOOK, 2016, grifo nosso).

## 5. ANÁLISE: OS CABELOS CRESPOS E OS SENTIDOS MOVIDOS SOBRE AS MULHERES NEGRAS

Os elementos que compõem os discursos no *corpus* selecionado deixaram pistas para a observação dos sentidos acerca dos cabelos crespos nas comunidades do *facebook* e como os mesmos estão vinculados à mulher negra. Por isso, as construções linguísticas apontam para a diferenciação do modo como o sujeito é discursivizado neste espaço virtual, que reproduz ou rompe com os sentidos que circulam fora deste ambiente.

A princípio percebe-se que, nas comunidades que falam da temática cabelo sem especificação, existe o silenciamento da mulher negra, pois essas ou não aparecem, ou quando apresentadas passam por uma espécie de apagamento dos traços que são próprios de seu corpo e aqui tais traços referem-se aos cabelos crespos. Por sua vez, nas comunidades que tratam especificamente sobre cabelos crespos, essencialmente, há o processo inverso ao diagnosticado nas comunidades que fogem deste perfil. Nelas, assumir e possuir o cabelo no formato crespo, é estar ligado à uma simbologia positiva, no que se refere à beleza. Isto é, passam a ser enquadrados não apenas como padrão de beleza, mas também com uma atitude de valorização, aceitação e reconhecimento como negra.

As características apresentadas podem ser percebidas, quando ao retornar à metodologia e observar como são apresentadas as descrições das comunidades, bem como quais imagens são escolhidas para serem colocadas como foto de perfil dessas comunidades. De um lado têm-se apenas imagens de mulheres não negras, quando o assunto é cabelo. O que cabe questionar: Por que os cabelos crespos nessas comunidades são tratados como cabelos cacheados, ou às vezes nem são mencionados? Ter cabelos crespos não pode ser sinônimo de beleza?

Do outro lado, existem apenas imagens de mulheres negras que representam não tão somente a possibilidade de assumir o cabelo natural, mas o protagonismo como sujeito de resistência à beleza ditada, que afirma sem receios suas identidades afrodescendentes. Mesmo assim cabe interrogar: Será que toda mulher negra que assume o cabelo crespo se sente como negra? Será que todos os sujeitos destas comunidades estão vinculados à mesma FD?

Algumas possibilidades de respostas para os questionamentos serão apresentadas nas análises a seguir. Fala-se em possibilidade de respostas, pois, no ponto de vista da AD, não é possível identificar todo o arcabouço que faz parte das FDs, permeadas pela estrutura

ideológica, histórica e social. As assertivas estão embasadas no que é discutido acerca da constituição da mulher negra como sujeito, que faz parte de um contingente excluído e estereotipado socialmente, porém que há algum tempo vem assumindo o papel de subversora, no que tange à desconstrução da hegemonia racista e, assim, vem promovendo a reconfiguração do ideal de beleza e de tudo que a manteve silenciada.

## 5.1 A NEGAÇÃO DOS CABELOS CRESPOS

Em quase todas as culturas os cabelos da cabeça são permeados de sentidos, constituídos por aspectos sociais, que os concretizam como elementos de formação de identidades corpóreas individuais e coletivas. Gomes (2008, p. 25) afirma que “[...] o cabelo não é um elemento neutro no conjunto corporal. Ele é transformado, pela cultura em uma marca de pertencimento étnico/racial”. Assim, a maneira como são vistos os cabelos no imaginário social pode ser tomada como referência para se perceber as nuances nas relações raciais, em especial do Brasil, onde tais relações historicamente são marcadas pelas tensões entre negros e brancos.

De modo geral, tendo como suporte os símbolos da identidade negra do Brasil, o cabelo crespo recebe sentidos negativos, como foi apontado anteriormente. E para não se enquadrarem em um padrão “negativo”, alguns sujeitos vinculam-se à FD onde este formato de cabelo é negado, ou onde existe a tentativa de amenizar a condição de “ter cabelo crespo”, apresentando-os de forma “mais aceitável” socialmente. Isto é, maleável, solto e com cachos, conforme poderá ser visto nas postagens a seguir.

Figura 10 - Postagem da comunidade Cabelos\*.\*



Fonte: Facebook, 2015

Na imagem apresentada tem-se uma mulher negra, com cabelos crespos e a seguinte mensagem: “Quando a mulher muda o cabelo, ela pretende mudar de vida”. Na mesma publicação é perguntado se alguém se identifica com a postagem e apenas uma pessoa manifestou-se quanto ao questionamento exposto. Cabe pontuar que no *facebook* há formas de identificação que não são restritas aos comentários. Trata-se das curtidas e compartilhamentos. Curtir ou compartilhar algo nas postagens dos *facebook* indica que houve identificação com a postagem e, neste caso, 52 pessoas curtiram a publicação, mas apenas uma respondeu à pergunta, o que sugere que os sujeitos não se identificaram com os sentidos gerados pela postagem e, desta maneira, eles podem não estar de acordo com a ideia de que para a mulher negra, mudar o cabelo representa uma mudança de como ela é percebida socialmente.

A mensagem “Quando a mulher muda o cabelo, ela pretende mudar de vida” indica que há aí o funcionamento do interdiscurso com a recuperação de já-ditos que indicam a relação entre mulher e estética, relação esta que já coloca, pelo funcionamento ideológico, a mulher em um dado lugar: o lugar da estética, da preocupação com a beleza.

O enunciado também sugere que há relação entre beleza e felicidade, beleza e mudança de vida, indicando mais uma vez o funcionamento ideológico. O fato de aparecer a imagem da mulher negra junto com o enunciado em questão pode gerar sentidos diferentes, dentre os quais destacamos: o sentido de que mudar o cabelo e assumi-los como crespos ou cacheados é parte da mudança de vida, ou mudar os cabelos cacheados (que são retratados na imagem) alisando-os, pode significar uma mudança de vida. Portanto, interessa ver o modo de funcionamento dos sentidos dos cabelos crespos. Nesse sentido, pretendeu-se ver como esses foram discursivizados nessa imagem e, no entanto, observou-se um silêncio em relação a esse tipo de cabelo.

Anteriormente, foi colocado que nas comunidades que não falam de um formato de cabelo específico, as fotos de mulheres negras quase não se fazem presentes. As postagens trazem majoritariamente imagens de mulheres não negras, com cabelos lisos. Essa ocorrência leva a considerar que, para os sujeitos que participam destas comunidades, utilizar o cabelo crespo não é visto como uma mudança positiva de vida, mas, pelo contrário, quem tem este formato de cabelo deve se sentir mais bonita quando alisa, ou quando o torna mais maleável.

Pode-se construir uma relação de tal comportamento com os processos históricos que permeiam a constituição ideológica dos negros. Braga (2013, p. 127) relembra que, no período escravocrata, o tom da pele e os cabelos eram utilizados como critérios para estabelecer as funções dos negros que foram escravizados, fato que também contribuiu para

que as mulheres negras adotassem técnicas que cacheassem ou alisassem os cabelos, o que implicaria simbolicamente maior *status social*. Quanto menos crespo, mas aceita era a mulher negra, pois esta, visivelmente, tinha características que minimizavam a negritude, ou por alisar os cabelos, ou por conta da miscigenação do negro com o branco, fato que a torna supostamente mais aceitável.

Quanto a este processo, Munanga (2008b, p. 89) expõe que: “A política e a ideologia do branqueamento exerceram uma pressão psicológica muito forte sobre os africanos e seus descendentes. Foram, pela coação, forçados a alienar sua identidade, transformando-se cultural e fisicamente em brancos”. Os efeitos desta política são percebidos até hoje, nas inúmeras tentativas de negação da negritude, por meio de aparatos estéticos, como a adesão de mulheres negras aos processos químicos de alisamento.

Torná-los mais maleáveis é fruto da contraindentificação do sujeito à FD dominante, isso porque ele não se desprende totalmente da ideologia que dita que o cabelo liso é o mais bonito, mas ao mesmo tempo não é totalmente interpelado por uma ideologia que vincula o cabelo crespo com beleza. Nesta posição o indivíduo começa a ter dúvidas, discordâncias e questionamentos em relação à forma-sujeito presente na FD.

O fato de trazer a imagem de uma mulher negra leva a entender que para ela a atitude de mudar o cabelo implica mudar de vida. Essa mudança está atrelada ao ato de assumir os cabelos crespos, tendo em vista que eles fogem do padrão de beleza que é imposto socialmente. Com isso, aceitá-los e utilizá-los da forma crespa constitui-se como uma das formas de romper com a ditadura que impõe o cabelo liso como o mais adequado e aceitável. Aliada a essa ideia, Gomes (2008, p, 21) defende que “[...] mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar de inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo”.

A ausência de comentários sobre a importância de se ter cabelo crespo ou sobre a mudança de cabelo como desencadeadora de uma mudança de vida, de uma questão identitária, leva a abordar a questão do silêncio. Há o silêncio pelo fato de não se falar sobre o cabelo crespo nos comentários. É a ocorrência do silêncio constitutivo: o colocar em silêncio.

Não se deve dizer tudo em todos os lugares, mas o não dizer é carregado de sentidos. Assim, este silêncio significa já que gera sentidos de que o fato de não haver comentários indica a não concordância ou pouca relevância na abordagem desse tema na referida comunidade. O silenciamento age para ratificar que aquele espaço não é propício para falar de

cabelos crespos, muito menos enquadrá-los como bonitos. E dentro deste contexto, falar do ser mulher negra e exibir os cabelos crespos torna-se impróprio.

Na figura seguinte, é possível perceber a ilusão efeito-sujeito como controlador do sentido. O discurso é atravessado pela FD que enquadra os cabelos crespos, como cacheados e, mesmo assim, este é visto como feio.

Figura 11 - Postagem da comunidade Cabelos Perfeitos



Fonte: Facebook 2015

A imagem acima traz a atriz Taís Araújo, com os cabelos soltos e a seguinte mensagem: “quem disse que todo cabelo cacheado e (sic) feio”. O primeiro ponto a ser observado é o emprego do termo “cacheado”. Ao utilizar esse termo, optou-se por não dizer que o cabelo da atriz negra é crespo. O emprego da palavra cacheada pode ter sido por conta dos aspectos linguísticos referentes ao regionalismo, pois em alguns locais dizer que o cabelo é cacheado implica apenas afirmar que ele não é liso. Porém, ter o cabelo cacheado também incide em não dizer que o cabelo é crespo. Este fato traz mais uma vez o silêncio constitutivo, pois ao se dizer uma palavra, põe-se em silêncio outras palavras que poderiam gerar sentidos distintos ao discurso.

É o funcionamento do silêncio constitutivo, a partir do esquecimento enunciativo, que leva à materialização de elementos linguísticos vinculados à memória discursiva da FD a que a forma-sujeito está ligada. Esse posicionamento (de negar que o cabelo é crespo) minimiza as características afrodescendentes da personagem, permitindo afirmar que o cabelo cacheado é mais aceito socialmente, e por esse motivo evita-se afirmar que o cabelo é crespo, pois esse é

associado à ideia de ruim e de feio. De acordo com o dicionário Michaelis<sup>11</sup> o adjetivo *crespo* possui os seguintes significados:

- crespo*  
adj  
1 Que tem superfície áspera; áspero, enrugado, rugoso.  
2 Enrolado em espiral, em forma de caracol; anelado, cacheado, ondulado, riçado: Cabelo *crespo*.  
3 Que tem ondas de grande altura e muito agitadas; agitado, encapelado, eriçado, revolto: Mar *crespo*.  
4 FIG Que está cheio em demasia; abarrotado, repleto.  
5 Talhado a pique; acidentado, escabroso, escarpado: Caminho *crespo*.  
6 FIG Que fere o pudor e a moral; escabroso, indecoroso, obsceno.  
7 FIG Que é mal-educado; grosseiro, rude.  
8 FIG Diz-se de estilo de construção difícil; complexo, inacessível, rebuscado.  
9 FIG Que ameaça ou representa perigo; ameaçador, perigoso. (MICHAELIS, 2016)

Por outro lado, o adjetivo *cacheado* no mesmo dicionário significa: “1. Que tem ou se apresenta em forma de cachos. 2. Diz-se de cabelo cujos fios se enrolam, formando anéis; anelado, *crespo*”. (MICHAELIS, 2016).

Observa-se que, entre os significados atribuídos à palavra “*crespo*”, existem aqueles tidos como negativos, a exemplo de: rude, grosseiro, difícil, complexo, perigoso, entre outros. São sentidos que não poderiam ser atribuídos a uma atriz famosa e caso fossem utilizados repercutiriam negativamente e gerariam uma discussão que traria a tona aspectos raciais, relacionados a como os atributos corpóreos da mulher negra são percebidos socialmente.

Portanto, o emprego da palavra “*cacheada*” pode gerar sentidos que não devem ser desconsiderados e indica que comunidade se inscreve numa FD que vincula a ideia de cabelo *crespo* a uma imagem negativa que não pode ser ligada à beleza. Por isso, o emprego da palavra “*cacheada*” ao invés de “*creposos*”, leva a considerar que é preciso silenciar o fato de uma atriz nacionalmente conhecida ter o cabelo *crespo*. Pois a posição de atriz é, muitas vezes, uma posição de *status*, tida como referência de beleza, de padrão de vida para muitas mulheres. A atriz tem visibilidade e ocupa o espaço da fama e, por conta disso, como poderia este espaço ser ocupado por alguém que não se insere no padrão?

O entrave entre ter/assumir o cabelo *crespo* ou *cacheado* é materializado no último comentário da postagem:

---

11 Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 20 de outubro 2016

Sei que existe mesmo é uma **ditadura estética padrão** pra todos... Até nas cacheadas isso existe... as que tenham seus crespos afro fechadíssimos sonham com esses cachos e de forma natural não chegam... Importante que com ou sem química que sejamos felizes com nossos picumãs de forma verdadeira... Jamais por **padrão de aceitação**. (FACEBOOK, 2015, grifo nosso).

Observa-se que os cabelos crespos são diretamente ligados à afrodescendência e estes naturalmente não são cacheados, mas os indivíduos sonham em ter os cabelos com cachos, como uma forma de seguir um padrão e conseqüentemente serem aceitos. É como se o cabelo simbolizasse uma possibilidade do embraquecimento ou impedisse que ele ocorresse.

Seguir o padrão deriva de uma construção social ditado não apenas por questões históricas, mas não se pode negar o papel midiático nesta construção, que manipula e altera símbolos ideológicos daqueles que estão na base da estrutura social. Manter ou assumir os cabelos crespos pode ser visto como ato de resistência, logo a não submissão aos padrões estéticos implica não seguir as regras colocadas em jogo. Porém, as mídias tradicionais ditam regras aos quais interpelam os indivíduos em sujeitos e fazem com eles fiquem submissos a elas, por conta do funcionamento ideológico. Elas ditam o que é feio e o que é bonito, o que vestir, comer etc. É uma forma de manter a estrutura de poder do Aparelho Ideológico da Comunicação, que é sustentado por aqueles que ocupam posição elevada na pirâmide social.

Borges (2012, p. 177) diz que:

A temática mídia e representações do outro afigura-se como um nexos importante para pensarmos, em perspectiva ampliada, nos modos em que o imaginário ordena-se em torno da questão, visto que envolve discriminações acerca do certo ou do errado, melhor ou pior, belo e feio, normal e desviante, adequado e inadequado, próprio e impróprio, fornecendo a todos nós padrões com os quais constituímos nossos horizontes identitários, ideais culturais de ser e bem-estar no mundo.

Logo, os sentidos veiculados pela mídia interferem nas constituições identitárias do sujeito, que se modifica muitas vezes baseado no que ela determina. Assim, ter o cabelo crespo pode ser visto como feio em um momento, mas em outro, pode ser considerado como moda, como dentro do padrão. Todavia, essa movimentação de sentidos irá depender dos interesses midiáticos que, geralmente, estão consoantes com os aspectos históricos e sociais.

Retornando para a passagem, “quem disse que todo cabelo cacheado é feio”, o emprego no pronome “todo” transmite uma ideia de generalidade, dando a noção de que abrangeria a maioria das pessoas. Mas, a superfície linguística poderia ser apresentada na forma *Muitos dizem que todo cabelo cacheado é feio*, o que levaria ao entendimento de que os

sentidos ligados a ela tentam desfiliar-se da ideia de que os cabelos cacheados são bonitos, mas o funcionamento da língua e da ideologia deixaram marcas no discurso e o sentido passado é o oposto, como foi percebido. Orlandi (2015, p. 28) ratifica a consideração acima ao afirmar que os sentidos estão ligados ao que “é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele”.

Este processo fica evidente também quando é analisado o emprego do pronome “todo”, aliado ao adjetivo “feio” e à imagem de uma mulher negra, levando a entender que prevalece no âmbito social a ideia de que, grande parte dos cabelos das mulheres negras, é feio. Embora a superfície linguística não traga diretamente essa informação, a análise discursiva permite tal entendimento. Assim, o uso do pronome “todo”, no enunciado, indica haver alguns cabelos cacheados que são feios. Se nem todos são feios, é porque há alguns feios, e isto ainda carrega o sentido de que o cabelo cacheado é feio, com algumas exceções, como a indicada na imagem da atriz Taís Araújo. O funcionamento da língua deixa marcas do funcionamento da ideologia e, neste caso, a própria pergunta, “quem disse que todo cabelo cacheado é feio?”, já indica um funcionamento ideológico marcado pela existência de enunciados anteriores que vinculam os cabelos cacheados à ideia de feios e indesejáveis.

O que torna esta interpretação pertinente é a configuração do contexto social e cultural em que a mensagem foi veiculada. Cabe então pontuar, a partir da retomada de elementos das condições de produção no sentido amplo, que a relação entre cabelo crespo e feiura descende de um processo histórico, como foi apresentado no capítulo 2, e essa relação só faz sentido quando entendemos os processos que permeiam a forma como os negros foram discusivizados ao longo da história.

Se atentarmos ao fato de que os negros que foram escravizados tiveram que absorver a imagem positiva dos traços estéticos dos brancos, negando a própria imagem e, sobretudo, sua cultura, costumes, histórias e identidade (s), entenderemos o quanto o embraquecimento cultural (MUNANGA, 1988) influenciou na filiação da imagem do negro com a feiura.

Quando analisamos os comentários dispostos abaixo da imagem, percebem-se indícios de marcas ideológicas, a partir do momento em que os sujeitos desfiliaram-se, ou pelo menos tentam desfiliar da concepção de beleza defendida na publicação na comunidade, que representa ainda a FD dominante.

Logo, segue a análise dos comentários:

1. “Nenhum cacho jamais será feio ou ruim...feio e ruim é o pré-conceito (sic)”: Neste caso, contrapõe-se ao pronome todo utilizado na postagem o pronome “nenhum”. Enquanto a postagem afirma que nem todo cabelo cacheado é feio, no comentário o pronome “nenhum” marca um sentido contrário ao que está colocado na postagem. Além disso, o uso do termo “jamais” fecha a possibilidade de algum dia um cabelo cacheado ser considerado feio ou ruim. Observar comparativamente a postagem e os comentários auxilia a perceber os movimentos dos sujeitos no modo de funcionamento da ideologia. O indivíduo da postagem, apesar de tentar romper com a ideologia dominante, permanece nela, pois, a partir do próprio funcionamento da linguagem (uso da expressão “nem todo”), indica que há possibilidade de o cabelo crespo ser feio. Esse indivíduo não critica a FD dominante, apesar de esboçar uma tentativa frustrada de quebra de sentidos. Trata-se neste caso do bom sujeito. Já a pessoa que faz o comentário faz uma crítica à FD dominante, afirmando que não há cacho feio ou ruim. Neste caso, o sujeito se contraidentifica, criticando os saberes da FD dominante, mas permanece nela, pois continua a usar as expressões “crespo” e “cacheado” como sinônimas sem problematizá-las. Trata-se neste caso do mau sujeito.

2. “Acho que a legenda podia ser editada. Ela não pegou bem + (sic) enfim”: Este comentário indica que os sentidos colocados na postagem não são unânimes, há discordância, há embates e, mais uma vez, há ocorrência do mau sujeito que questiona a forma como a comunidade discursivizou os cabelos crespos. No entanto, embora seja colocado que a legenda não pegou bem, na utilização da expressão “Acho” indica a falta de certeza em relação à posição do sujeito, isto é, ele não está totalmente desidentificado. O “achar” revela a incerteza e possibilita o surgimento de argumentações que poderiam levá-lo para a identificação com a legenda, como também para desidentificação. Porém, nesta ocorrência aliada ao emprego da expressão “+ enfim” percebe-se, mais uma vez, que ele não se opõe totalmente ao que foi colocado, pois não traz elementos discursivos que incidem na total desvinculação à FD dominante. Além disso, após o advérbio “enfim” não foi colocada mais nenhuma informação que poderia levar à conclusão da assertiva.

Os enunciados conduzem ao entendimento de discordância com o que foi exposto, pois o sentido atribuído ao texto está ligado à ideia preconceituosa. Tendo como referência os comentários, pode-se dizer que o sentido não é algo controlado, já que foram atribuídos outros sentidos à mensagem e eles emergem a partir do momento em que são rompidos os sentidos oriundos da ideologia dominante.

## 5.2 LIVRE, LEVE E SOLTO? NÃO, O PADRÃO É RÍGIDO

As práticas discursivas presentes nas postagens que se enquadram nesta categoria de análise são tomadas pela noção de que, por mais que o cabelo crespo seja aceito, para tê-los é necessário que eles não tenham aspecto de crespo, que é o mesmo que não assumi-los. Além disso, a presença de imagens de mulheres negras com cabelos crespos nessas comunidades causa tanto estranhamento que gera comentários que questionam a pertinência de tais imagens nestes espaços. É como se a possibilidade de existência de sentidos positivos em relação ao cabelo no formato crespo, fosse proibida e censurada, como uma espécie de silêncio local, que tenta criar uma barreira que impossibilita a influência da FD não dominante, na FD dominante.

No discurso, é possível perceber o entrave entre grupos sociais, o que leva a dizer que: “Em análise de discurso não se pode pensar a existência de um discurso apartado do grupo social que o sustenta; nem se trata tampouco de um discurso preexistente e que é regido por um grupo social determinado.” (MAINGUENEAU, 1984, apud ORLANDI 2007, p. 110).

Na imagem e no texto da postagem a seguir, da comunidade Cabelos Lindos, puderam ser identificados elementos discursivos que ratificam esta compreensão.

Figura 12 - Postagem da comunidade Cabelos Lindos



Fonte – Facebook, 2016

O texto da postagem apresenta a seguinte informação:

DICA! Como manter os cabelos crespos sempre bonitos e saudáveis:

- Hidrate os fios com máscaras hidratantes de boa procedência pelo menos uma vez por semana. A superfície dos cabelos crespos, em virtude da ondulação, repele água provocando o aspecto ressecado.

5- Existem produtos chamados de leave-in que permitem **definir cachos**. São aplicados após o enxágue, exclusivamente nos fios.

- Evite chapinhas quentes, pois o calor e a tração danificam os fios.

- Tente não lavar a cabeça todos os dias, pois acentua a tendência de deixar os fios mais secos e opacos.

**10- Para ter cachos soltos e definidos** é preciso nutrir esses cabelos constantemente. Sem esse cuidado eles **frisam, arrepiam e armam**. Para **domá-los** é fundamental lavar e condicionar com produtos mais oleosos, que lubrificam e acabam funcionando como uma espécie de filtro, um resíduo de óleo que se fixa no fio e permanece mesmo depois do enxágue, o que dá peso e **ajuda abaixar cabelo**.

**15-** Se quiser usar o secador nos cabelos crespos, a ordem é usar um secador com difusor e encostar nos fios! Aplique um ativador de cachos e posicione o secador por baixo das pontas, aproximando o aparelho dos cabelos: o difusor tem dentinhos apropriados e, por isso, não quebra os fios. Ele funciona como se fosse uma mão quente, secando e amassando os cachos.

**20-** Tratamentos extras para os cabelos crespos:

Além dos cuidados essenciais na hora do banho, outras dicas ajudam a manter o crespo dos cabelos sempre macios e brilhantes. Entre elas, cortar a cada três meses os fios para remover as pontas ressecadas e usar produtos que hidratem os cabelos e que tenham a função de equilibrar o volume.

**25-** Quando a mulher não puder lavar o cabelo e acordar com ele **espetado ou com frizz**, pode modular os cachos com mousse, ativadores de cachos, ou mesmo, borrifar algumas gotas de leave in e dar o toque final com as mãos.

Com essas dicas simples você conseguirá **manter seus cabelos crespos naturais**, lindos, sem precisar submeter a nenhum tipo de química! Cabelos crespos lindos, **30-** basta cuidá-los!

Bjs!

Cabelos Lindos com Fernanda Salvi

[www.cabeloslindos.com.br](http://www.cabeloslindos.com.br)

Instagram: @fersalvi e @cabelos\_lindos

**35-** Pinterest: FerSalvii — com Fernanda Salvi e Pérola Muswieck Do Amaral. (FACEBOOK, 2016, grifo nosso)

A postagem que é voltada para mulheres de cabelos crespos traz dicas e dita normas de como o cabelo crespo deve ser tratado para mantê-lo bonito e saudável. Acompanha o texto a imagem de uma mulher negra com os cabelos soltos, que parecem estar sendo balançados pelo vento, dando a ideia de leveza. A imagem conduz ao entendimento de que o cabelo crespo para ser lindo, tem de ser leve e solto e quando o vento bater ele deve balançar.

Todavia, a estrutura capilar da maioria das mulheres negras que apresentam cabelos crespos não possui esta característica de serem voltados para baixo, como cabelos ondulados cacheados ou lisos. Por isso, equivocadamente, é atribuído o sentido de rigidez aos fios crespos, mas ao contrário do que muitos pensam, o fato dos cabelos crespos serem apresentados normalmente na posição vertical ou para cima, como comumente é dito, é devido à leveza dos fios. Sim, os fios dos cabelos crespos são leves e, por isso, a ausência de peso faz com que eles não fiquem esticados verticalmente, a não ser quando são molhados ou passam por processo de alisamento.

O que chama atenção é que, mesmo se tratando de uma postagem para os cuidados com os cabelos crespos, as dicas apresentadas trazem discursivamente elementos que tentam transformar os cabelos crespos em cabelos cacheados, pois ter o cabelo crespo de forma natural não é apresentável, por isso se diz nas dicas que os procedimentos permitem definir os

cachos. Aliado a isso as marcas linguísticas com o uso dos verbos no imperativo (Hidrate; Evite; Tente) indicam um conselho no tom de ordem.

Desta forma, a postagem retoma já-ditos do interdiscurso, em relação aos cabelos crespos, tais como: eles são difíceis de serem tratados; são rebeldes e por isso ficam armados ou arrepiados; devem ser amansados, pois o volume é excessivo, entre outros. À vista disso, para a mulher negra ter o cabelo crespo bonito é necessário minimizar a aparência crespa e, desta maneira, ela deve “domá-los”, pois eles, como diz a dica, “frisam, arrepiam e armam”, isto é, são rebeldes.

Cabe pontuar também que na postagem há uma tentativa do sujeito de romper com a ideologia dominante ao dizer, ao final do texto, que cabelo crespo é lindo. Porém, há a permanência desse sujeito na ideologia dominante a partir da ideia de que os cabelos crespos precisam ser domados e amaciados, o que indica uma contraidentificação do sujeito com a FD dominante, mas a não saída do mesmo em relação a ela.

A ideia de domaço e rebeldia remete ao contexto das relações raciais aqui constituídas, pois não se pode furtar a História para compreensão do funcionamento ideológico. A relação com a historicidade induz a pontuar que os cabelos crespos devem ser domados assim como os negros que foram escravizados, que tinham atitudes de rebeldia por não quererem continuar na condição de escravo e serem totalmente contra a relação de dominação característica do sistema escravocrata. O cabelo crespo é rebelde bem como o negro que tentou fugir da escravidão e como aqueles que, por algum motivo, tentam romper com a ideologia dominante.

A rebeldia atribuída aos cabelos crespos passa a ter relação com a mulher negra que utiliza os cabelos desta forma e também com a ideia de desobediência aos padrões e quebra de convenções. É como se os cabelos fossem uma extensão destes sujeitos e assim os atributos negativos e positivos dos primeiros (os cabelos) tivessem uma relação direta com os segundos (os sujeitos). Porém, a ideologia funciona para manter esses sujeitos como dominados e despossuídos de beleza.

É nesse espelho social que o negro brasileiro tem se olhado. Assim, ele se constrói como sujeito imerso numa tensão entre uma imagem socialmente construída em um processo de dominação e a luta pela construção de uma autoimagem positiva. Não permitir que tal imagem social destrua a sua autoimagem é um desafio. Construir uma autoimagem um “novo-negro”, que se paute nas referências africanas recriadas no Brasil, também o é. (GOMES, 2008, p. 143).

A filiação a uma FD, que considera os cabelos crespos com difíceis e indesejáveis, pode ser percebida nos comentários colocados na postagem. Destacam-se os seguintes: “meu cabelo é crespo **meu sonho é ter um cabelo assim.**” (FACEBOOK, 2016, grifo nosso), “Gosto dos meus cabelos crespos, mas fiz uma progressiva [...]” (FACEBOOK, 2016) e “adorei as dicas pois **meus cabelos são crespos e difíceis de domar.** ” (FACEBOOK, 2016, grifo nosso).

Figura 13 - Comentários da comunidade Cabelos Lindos



Fonte - Facebook 2016

Primeiramente se nota, por meio dos comentários, que os sujeitos não estão totalmente identificados com a ideia que a imagem utilizada na postagem representa uma pessoa de cabelo crespo.

Provavelmente isso ocorra pelo fato do cabelo apresentado não ser visto como um cabelo rebelde, sem vida, indisciplinado, pois essas são as características atribuídas aos cabelos crespos, tendo como base o texto da postagem. Por não apresentar tais características o cabelo mostrado na postagem passa a ser desejado, o que indica a não identificação dos sujeitos que possuem cabelos com aspecto mais crespo do que o da imagem.

Não ter o cabelo crespo então é visto como ideal de beleza e mesmo quando se assume e se gosta do cabelo crespo, como ocorre nos dois últimos comentários, a FD age por meio dos aparatos ideológicos e determina que o cabelo crespo é “difícil de domar” e, por isso, o processo de alisamento passa a ser necessário.

O sentido de domar se liga à algo que tem que ser detido, controlado. O cabelo crespo, visto como rebelde, deve ser detido, controlado para atender aos padrões. Isso remonta já-ditos do interdiscurso que remetem às expressões como cabelo armado, cabelo duro, cabelo de Bombril etc, que precisam ser enquadrados nos padrões de beleza aceitáveis.

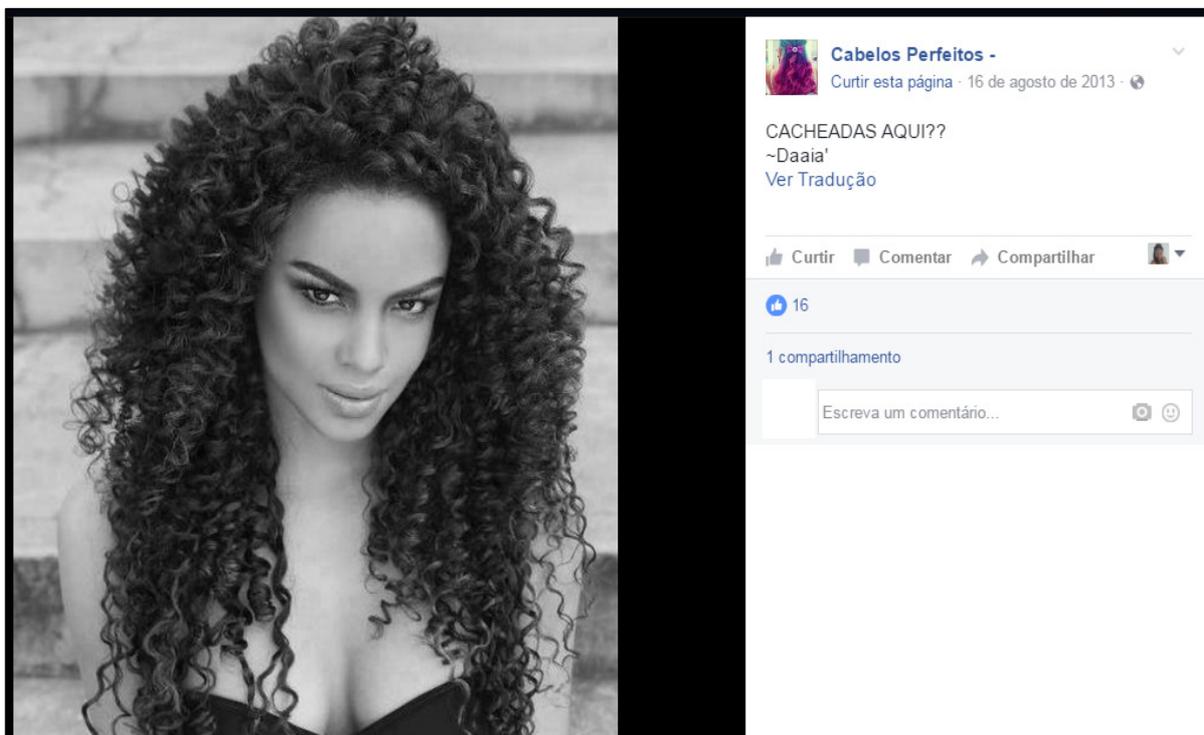
O que ocorre é um movimento de rejeição que caminha junto com a aceitação, concretizando um sentimento de ambiguidade, pois, ao mesmo tempo em que se rejeita, também há aceitação do cabelo crespo.

Gomes (2008) afirma que este movimento de aceitação e rejeição se insere na construção da identidade negra e, por isso, deve ser analisado de forma mais ampla, visto que possui uma dimensão histórica, social, cultural, política e psicológica. As dimensões cultural e política são alicerçadas nas relações de poder, que impõem distâncias entre uns e outros, entre negros e brancos. O negro como estigmatizado passa a ser rejeitado e, com isso, tudo que remete à expressão da negritude, como corpo, cabelo e aspectos culturais, é depreciado. Já o inverso ocorre com os atributos tidos como não negros, que ocupam lugar de desejo e aspiração social.

O corpo e o cabelo podem ser tomados como expressões visíveis da alocação dos sujeitos nos diferentes polos sociais e raciais. Por isso, para alguns homens e mulheres negras a manipulação do corpo e dos cabelos pode ser sentido de aproximação do pólo branco e de afastamento do negro. (GOMES, 2008, p. 126).

Ao se aproximar do polo negro, além da rejeição muitas vezes ocorre o silenciamento, como pode ser percebido na postagem da comunidade Cabelos Perfeitos. Não são todos os espaços que permitem falar de cabelos crespos, muito menos apresentar imagens de mulheres negras, ainda mais enquadrá-las em um perfil de cabelos perfeitos. Este lugar de privilégio não deve ser ocupado por tais sujeitos, uma vez que eles, no imaginário social dominante, são desprovidos de perfeição.

Figura 14 – Postagem da comunidade Cabelos Perfeitos



Fonte: Facebook, 2013

O questionamento “Cacheadas aqui?” Expressa muito bem que diante do silêncio constitutivo presente na comunidade, a postagem parece estar totalmente fora de sintonia com o que a ideia de cabelos perfeitos transmite. Tal questionamento indica um estranhamento e é fruto do funcionamento do silêncio. Não seria comum ter mulheres de cabelos cacheados no grupo. Carneiro (2003a, p. 2), ao falar de como os aparatos racistas incidem na forma como as mulheres negras são vistas socialmente, afirma que: “As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca”.

Por isso, num espaço de discussão para cabelos perfeitos, apresentar uma mulher negra não tem relevância e nem pertinência, pois este espaço não foi construído para ela, e sim para mulheres não negras que estão inseridas no padrão de beleza em vigor.

A condição exposta acima acaba sendo uma reprodução do que é veiculado nas mídias tradicionais, como televisão, revistas, novelas, propagandas, que ainda operam, na maioria das vezes, em prol do apagamento dos negros como referencial positivo, focando nos aspectos negativos ou sexuais dos negros na sociedade brasileira. Por exemplo, em grande parte das telenovelas, às mulheres negras são delegados os personagens de empregada, favelada, feia, a

que só serve para o sexo, aquela que quer ser rica e bonita, entre outras características. Borges (2012, p. 197-198) quanto ao repertório midiático em relação à mulher negra diz que:

O quadro comum de referências sobre a mulher negra oscila, então, da figura sexualmente atrativa ou do sujeito para trabalho (um infame ditado evocado em conversar informais na cena brasileira dá a dimensão disso: “branca para casar, mulata para fornicar e preta para trabalhar”). As duas categorias, do trabalho subalternizado e do prazer corporal, acompanham irrevogavelmente as imagens midiáticas da mulher negra.

Dessa maneira, é comum que os sujeitos que participam do *facebook* acabem retomando tais características propagadas no AIE da Comunicação, tornando esta mídia social um meio de reprodução dos sentidos quanto ao padrão de beleza e à posição que a mulher negra deve ocupar nos espaços midiáticos.

A forma como as mulheres negras ainda são discursivizadas na mídia é permeada pelos elementos oriundos da estrutura do racismo e pela forma como a mídia sustenta o racismo. Sodré (1998) propõe o conceito de racismo midiático pautado em quatro fatores que sancionam sua análise. Primeiro tem-se a negação, que ocorre quando a mídia tenta negar a existência do racismo, baseado no mito da democracia racial. Gonzalez (1983, p. 223), ao tratar dos efeitos deste mito sobre as mulheres negras, assegura que:

Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas.

Em face ao compartilhamento do sentido de que na sociedade brasileira não há conflitos no tange às questões raciais, a crença de que na cultura brasileira as diferentes camadas sociais, díspares não apenas por conta do poder aquisitivo, mas também pela cor da pele, convivem harmoniosamente, é fortemente difundida. E por conta desse funcionamento ideológico, é disseminado que no Brasil não existe preconceito racial. Todavia, isso não ocorre, visto que o processo de discriminação racial é uma constante na sociedade brasileira, embora a mídia tente esconder, como se vê na citação a seguir: “[...] a mídia tende a negar a existência do racismo, a não ser quando este aparece como objeto noticioso, devido à violação

flagrante desse ou daquele dispositivo anti-racista ou a episódicos conflitos raciais”. (SODRÉ, 1998, p.2).

O segundo fator que efetiva o racismo midiático é o recalçamento. Ele ocorre quando tanto o jornalismo quanto a indústria cultural tendem a recalcar aspectos identitários positivos que são simbolicamente negros. Com isso, tudo aquilo que tem uma vinculação com o ser negro é divulgado de forma negativa. É o que ocorre na abordagem com os cabelos crespos das mulheres negras nas comunidades que falam de cabelos de modo geral, que são interpeladas por uma ideologia que sugere o apagamento dos negros nesses espaços.

Já o terceiro fator é a estigmatização, que é quando a mídia cria estereótipos que desqualificam os sujeitos negros. Isto infere no fato dos cabelos crespos serem vistos muitas vezes como ruim, rebelde, indisciplinado e fedorento. Sodré pontua que, “Na verdade, qualquer tipo de diferença (por exemplo, traços faciais distintos, como entre os hutus e os tutsis em Ruanda) pode ser estigmatizado e suscitar juízos de inferioridade sobre o outro” (1998, p. 2). Conclui-se então que tudo que foge do padrão passa a ser estigmatizado.

O quarto e último fator diz respeito à indiferença profissional, que se trata da presença reduzida de profissionais negros nas mídias brasileiras.

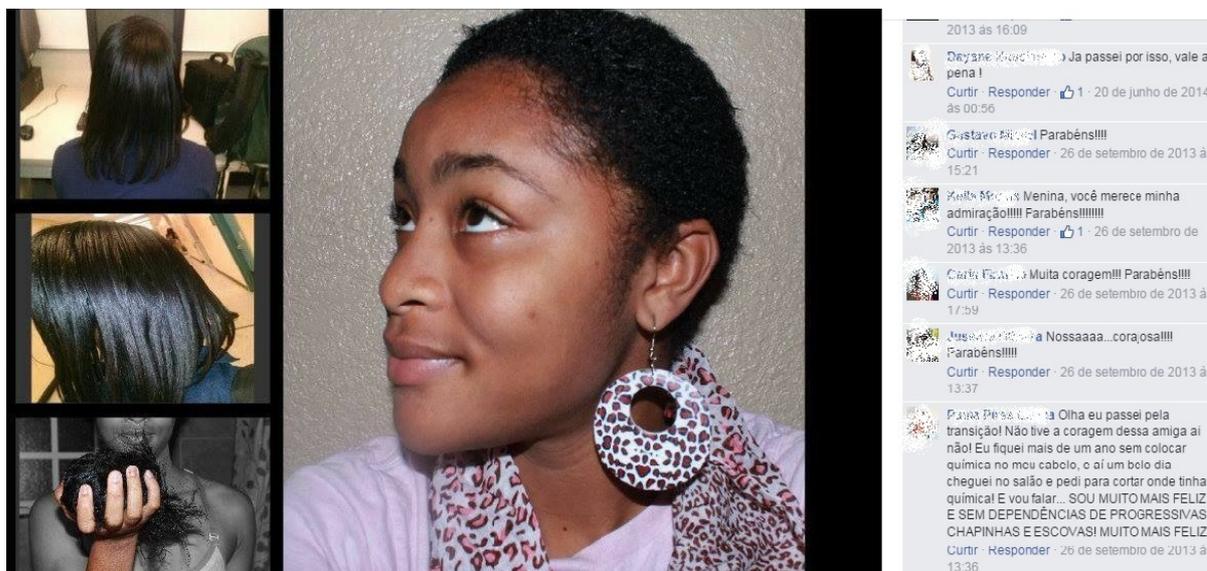
Quando indivíduos de pele escura conseguem empregar-se em redações de jornais ou em estações de televisão, mesmo que possam eventualmente ocupar uma função importante, são destinados a tarefas ditas “de cozinha”, isto é, aquelas que se desempenham nos bastidores do serviço, longe da visibilidade pública (Ibidem, p.2).

Esta ausência também é refletida nas comunidades do *facebook* que se inseriram nas duas primeiras categorias analisadas, por isso a presença de postagem mulheres negras é restrita. Os sites de redes sociais também estão sustentados nos aparatos do racismo midiático e isso foi percebido na ocorrência do silenciamento, da predominância de uma FD que nega os crespos e inevitavelmente coloca o sujeito negro numa posição de apagamento, como mencionou-se. As mulheres negras são quase que apagadas nestes espaços, pois, como bem coloca Carneiro (2003a), elas fazem parte de um contingente cuja beleza foi negada.

### 5.3 O CABELO CRESPO TORNOU-SE A COROA

Nesta categoria, observou-se que assumir os cabelos crespos perpassa pelo processo de contraidentificação e identificação da mulher negra com a FD dominante e, conseqüentemente, neste processo ocorre uma tentativa de desvinculação ou crítica à ideologia que dita que o padrão de cabelo ideal é o liso ou alisado. O cabelo crespo passa a ser visto como meio de empoderamento das mulheres negras, a partir do momento em que elas passam pela transição entre eliminar totalmente os vestígios dos processos químicos de alisamento e assumir os cabelos crespos, desde a raiz.

Figura 15 – Postagem da comunidade Meninas de Cabelos Crespos



Fonte: Facebook 2013

A figura 15 traz a imagem de uma mulher que passou pelo processo de transição capilar, também conhecido como *big chop* (grande corte), que se refere ao ato de eliminar completamente a parte do cabelo que foi alisado por produtos químicos, para que, assim, o cabelo cresça no formato natural, que neste caso é crespo. Na sequência das imagens, nas duas primeiras aparece uma mulher de costas, com o cabelo alisado por alguma química. Parece que ela esconde o rosto, como uma forma de afirmar a insatisfação com o cabelo alisado. Em seguida, parece que ela corta toda a parte do cabelo e começa a revelar parte do rosto, mas o foco está no cabelo que foi cortado, pois este aparece numa imagem colorida, enquanto o restante da foto está nas cores preta e branca. Só na última imagem é que ela

mostra de fato o rosto e os cabelos que já foram cortados e eliminados os resquícios da química capilar utilizada. O olhar em direção para o alto reforça que o foco da postagem está no cabelo e, além disso, a utilização de acessórios como brincos e lenços destaca-se e leva a entender que por utilizar o cabelo bem curto, típico corte masculino, ela deve apostar nos acessórios que valorizam a feminilidade.

O processo de transição refere-se à tentativa do sujeito em contrapor-se à ditadura dos cabelos alisados/lisos como padrão de beleza e filiar-se à FD de cabelos crespos como padrão de valorização identitária. Ao eliminar totalmente a forma alisada e assumir os cabelos crespos, nota-se a movimentação entre FDs distintas e esse processo não é apenas visível na imagem, mas também nos comentários colocados. Portanto, a mudança de uma FD dominante para outra, passa ser vista como um ato de coragem e admiração, pois se rompeu com aquilo que era colocado como regra. A mudança da FD também gera mudança de sentido: o cabelo crespo passa a ser discursivizado como algo positivo, como um cabelo bonito e como elemento de afirmação identitária.

A imagem traz um indivíduo que, após a eliminação da química do cabelo, abdicou do cabelo longo e liso para assumir o cabelo crespo e curto, não tendo vergonha em assumir o novo cabelo publicamente, no site de rede social. Com a análise dos comentários, pode-se perceber que o espaço foi considerado propício para se discutir esse tema, e, por isso, as pessoas expuseram suas opiniões sem receio de serem censuradas.

Se for analisado o fato de que a maioria dos comentários apresentados na imagem traz uma mensagem positiva e de identificação com a atitude da mulher negra que passou pela transição capilar, percebe-se que aqueles que comentaram, concordando com o sentido da imagem, estão inseridos na mesma FD e FI da comunidade, que é a de considerar positivo o ato de assumir os cabelos crespos.

Santos (2000, p. 55) pontua que “[...] a imagem do cabelo natural passou a ser reverenciada como aquela que se contrapõe ao cabelo liso e que estaria em consonância com uma nova mentalidade do ser negro”. Por isso, assumir o cabelo crespo natural equivale a uma das formas de assumir-se como negro e valorizar a estética afrodescendente. Além disso, se desconstrói a relação que apenas o cabelo liso ou alisado pode ser visto como belo, saudável, sedoso, disciplinado.

Algumas expressões presentes devem ser citadas para ratificar o alinhamento discursivo e ideológico dos participantes desta comunidade. São eles: “vale a pena”, “merece minha admiração”, “muita coragem”, “muito mais feliz”. Todos eles revelam a ideia de

transformação e de superação vinculados ao ato de assumir o cabelo crespo e indicam que há uma realização pessoal e sensação de felicidade após a retirada completa da química.

A expressão "muita coragem" indica um funcionamento diferente. Para desvincular-se de um padrão de beleza imposto socialmente, é preciso que se tenha coragem. A expressão coragem indica que o rompimento de padrões não é algo simples e indica também a ideia de que os sujeitos são interpelados a se adequarem aos padrões e os que tentam romper com eles são considerados corajosos. Tal ideia indica o funcionamento ideológico que insere sujeitos em padrões de beleza como um elemento de controle desses sujeitos, o que é um funcionamento ideológico.

Porém, vale dizer que, muitas vezes, há a tentativa de rompimento com a ideologia dominante, mas, tal rompimento efetivamente não ocorre. A expressão muita coragem que aparece no enunciado já indica essa tentativa de rompimento, mas também insere o sujeito nos moldes da ideologia dominante, com isso é preciso ser corajoso para manter o cabelo crespo.

Nas próximas imagens poderá se perceber que o processo de transição, a mudança para o cabelo crespo implica mudança de vida. Observa-se um movimento oposto dos sentidos daqueles que circulavam na postagem da Comunidade Cabelos\*.\*, onde não estavam filiados a concepção de que assumir o cabelo crespo pode ser um elemento que gera o sentimento de pertencimento racial e felicidade.

Figura 16 - Postagem da comunidade Meu Cabelo Tipo 4



Fonte: Facebook, 2015

A postagem traz a imagem de uma mulher que há três anos passou pelo processo de transição capilar. A foto tirada de perfil parece tentar focar o cabelo, não o rosto da pessoa fotografada, pois o que importa dentro deste contexto não é quem está na foto, mas sim o processo de evolução do crescimento e aceitação do cabelo crespo.

A aceitação é percebida não somente na imagem que, no primeiro momento, traz uma mulher sorridente, mas sem maquiagem, joias, que nem mostra a roupa que está vestindo; e no segundo momento, ela aparece com a expressão facial mais feliz, mais vaidosa, usando maquiagem e acessórios. A aceitação é percebida acima de tudo na forma com que o sujeito discursiviza o processo de transição: “[...] Com certeza foi uma das melhores decisões que tomei na vida!! A **transição** é um processo que costumo dizer que começa de dentro para fora, e o BC é o início do **aflorescimento da nova mulher...**” (FACEBOOK, 2015, grifo nosso).

Nota-se que à transição é atribuído o sentido de tomada de decisão correta, que começa no plano interior para depois atingir o exterior, que está no nível do visível. Esta influência do interior no exterior é a ação do inconsciente, do Outro, que, como afirmou-se anteriormente, quando foram abordados os aspectos da Psicanálise que contribuíram para formulação de teoria da AD, ocupa lugar de preeminência em relação ao sujeito, que se define, principalmente, pela ação do inconsciente, e não apenas pelo consciente.

É por meio do processo de interpelação ideológica a partir da identificação do sujeito com as ideologias não dominantes que se dá o processo de aceitação do cabelo crespo e do corpo negro. Assumi-los simboliza o regate da autoestima e o regaste das identidades negras negadas. Porém, o consciente também age neste processo, sendo apreendido no ato de expor as mudanças e as experiências das transformações do ser mulher negra que aceita o cabelo no formato crespo.

Todorov (1996, p. 80, 90 e 98 apud GOMES 2009, p. 128), a respeito do processo de aceitação em prol reconhecimento do pertencimento racial, expõe:

As aspirações ao reconhecimento podem ser conscientes ou inconscientes, acionando mecanismos racionais e irracionais. O reconhecimento diz respeito a algo universal, ou seja, ao fato de que todos aspiramos a um sentimento de nossa existência, e os caminhos que nos possibilitam chegar até aí são muitos e múltiplos.

Um dos caminhos que permite o reconhecimento do sujeito como negro é a ostentação dos cabelos crespos. Por isso, este ato diz muito sobre a existência desse sujeito e pode ser o impulso para reverter as construções negativas criadas em torno da aparência do negro no

transcorrer da história. Destarte, usar o cabelo crespo implica uma conquista não só no plano individual, mas, sobretudo, no plano coletivo, visto que os mecanismos racistas agem, em especial, na coletividade, já que assim atingem mais pessoas.

Ao analisar a passagem: “Cada cabelo lindo que vejo, cada mulher mais **empoderada** e com certeza eu só posso dizer que todo esse processo valeu a pena!!” (FACEBOOK, 2016, grifo nosso), é possível perceber a retomada mais uma vez o processo de identificação com a ideologia não dominante, demonstrando a resistência dos sujeitos a se identificarem com a ideologia dominante. No processo de identificação com a ideologia dominante, o sujeito pode esboçar resistência e romper com os sentidos ali engendrados e o sentido de que ter cabelos crespos pode ser também sinônimo de beleza. Mas não se pode deixar de comentar o emprego do termo “empoderada”, já que implica dizer que a mulher negra que assume o cabelo crespo passa a ocupar uma posição de poder. Todavia, este poder não é só por romper os padrões ditados, é o poder internalizado. Ela não é poderosa, ela é empoderada, isto porque ela investiu-se de poder devido aos novos sentidos atribuídos ao seu corpo.

O empoderamento perpassa pela promoção de ações que possam provocar mudanças positivas no grupo social. Por essa razão, as comunidades que falam especificamente de cabelos crespos inserem-se no movimento de empoderamento das mulheres negras, que pode ser pelo viés estético. Estas comunidades rompem com os sentidos ideológicos dominantes, disseminados pelo AIE da Comunicação e ressignificam positivamente a beleza da mulher negra.

A presença da palavra “empoderada” remete também à mobilização de inúmeras mulheres negras pelo direito de assumir os cabelos crespos. Esta mobilização concretiza-se nas Marchas de Empoderamento Crespos, que vêm acontecendo, nos últimos dois anos em vários estados brasileiros.

Ivy Guedes de Mattos (2015), militante negra organizadora e pesquisadora do movimento de Empoderamento Crespo, afirma que o interessante é que a mobilização de mulheres negras, iniciada no ambiente virtual, atingiu o nível real e isto garante mais efetividade das ações, pois assim mais mulheres negras são alcançadas e passam a assumir a cabeleira crespa, sendo um dos focos do movimento o incentivo a não aderir aos processos de alisamento para sentir-se aceita socialmente. É como se a utilização do *facebook*, por conta do potencial de disseminação de informação, permitisse a interpelação de mais mulheres negras à ideologia relacionada à aceitação dos cabelos crespos.

A autora que avalia satisfatoriamente esta ação assegura:

Avalio que esses grupos têm despertado um movimento político que gera renda, trabalho, diversão, arte, tecnologia e informação, além do sentimento de pertença que as mulheres passam a ter com a volta dos cabelos crespos e naturais. Ou seja, esse movimento estético afro-diaspórico cria e recria necessidades que o mercado precisa sanar e que o Estado deve atender através de políticas públicas de inclusão e diversidade (MATTOS, 2015, p. 48).

Quanto ao Empoderamento Crespo, a mesma autora (2015) o define como o fio condutor de uma nova discussão em que o cabelo é colocado como símbolo da negritude e passa a não ser um elemento negativo. O diferencial é que este empoderamento ganhou força graças à utilização das ferramentas virtuais que permitiram a ampliação da discussão, não só entre mulheres negras, mas entre outros atores sociais que ganharam voz e, desta forma, “o movimento de mulheres negras pelo empoderamento do cabelo crespo surge na contemporaneidade como um signo de apropriação de negritude anteriormente negado e silenciado pelo padrão branco de beleza.” (MATTOS, 2015, p.49-50).

Todavia, o movimento de empoderamento encontra entraves devido ao funcionamento FDs às quais estão vinculados os sujeitos. Isto é percebido nos comentários da postagem.

Figura 17 - Comentários na postagem da comunidade Meu Cabelo Tipo 4



Fonte - Facebook 2016

As afirmações, “**Não está sendo fácil**. Tem hora que bate aquele **arrependimento** de ter feito o bc (estou com dois meses de bc) mas desisti não é minha meta...” (FACEBOOK, 2016, grifo nosso) e “Confesso que não foram muitas vezes que sentir vontade de **desistir**, mais **encarar** de perto, olho no olho boa parte das críticas, me **fortaleceu** cada vez mais nesse processo de aceitação” (FACEBOOK, 2016, grifo nosso), conduzem ao entendimento de que empoderar-se não é uma ação fácil, e, por isso, em alguns momentos, surge o sentimento de arrependimento e desistência. Isto porque, a construção da identidade dessas mulheres negras em relação aos cabelos crespos, perpassa pela negação do corpo e do cabelo o levando-as a considerar os cabelos crespos como ruins ou de difíceis cuidados.

Observa-se que esses sujeitos ainda não romperam completamente com a FD dominante, tanto que o fato de dizer que pensou em desistir constata isso. Os exemplos acima mostram muito mais um sujeito contraidentificado que ainda não rompeu completamente com a FD dominante e encontra-se no “meio do caminho”, na crítica.

Os sentidos vinculados à negatividade dos cabelos crespos são então percebidos nos discursos apresentados, isto porque toda FD constitui-se da relação com outras FDs e, com isso, a FD dominante influencia a FD que permeia a comunidade e os sujeitos discursivos analisados nesta categoria. Estes sujeitos tornam-se maus sujeitos, por não haver a desvinculação total com a FD da comunidade.

No entanto, o retorno à condição de bons sujeitos em relação à ideologia que permeia a comunidade, é percebido nos comentários: “[...]. Então vamos que vamos **aceitação** começa em vc mesma. Por mais olhares estranho que é preciso **encarar** no caminho...” (FACEBOOK, 2016, grifo nosso) e “[...]olho no olho boa parte das críticas, me **fortaleceu** cada vez mais nesse processo de **aceitação**” (FACEBOOK, 2016, grifo nosso). Neles nota-se uma postura de reconhecimento da beleza, enfrentamento aos padrões hegemônicos impostos, que advém da cultura do embranquecimento e apagamento da negritude.

#### 5.4 A REVOLUÇÃO COMEÇA PELA CABEÇA

A revolução inicia-se na cabeça, porque na FD em que os discursos estão enquadrados nesta categoria, assumir o cabelo crespo é marcar a posição de mulher negra que deve ser aceita do jeito que é. Como Mattos (2015, p. 52) afirma:

Digo, somos conscientes que o que nos leva a insurgir esteticamente está no confronto do olhar do outro sobre nós; olhar impregnado de um juízo de valor estético pautado no padrão branco. A partir do momento que decidimos não mais abaixar o volume dos nossos cabelos estamos assumindo um novo comportamento — uma postura crítica e efetivamente uma estética afirmativa.

Assim sendo, possuir cabelo crespo é uma forma simbólica de quebrar as imposições do racismo na sociedade e (re) afirmar as identidades afros, conforme pode-se observar na imagem abaixo.

Figura 18 – Postagem da comunidade Meu Cabelo Tipo 4



Fonte: Facebook Comunidade Meu Cabelo Tipo 4, 2015

Na figura anterior, é apresentada uma imagem desenhada para fazer contraposição à imagem apresentada na figura 10. Deste modo, percebe-se que há uma diferenciação na forma como as comunidades discursivizam a relação mulher negra - cabelos crespos, dentro de uma proposta de imagens semelhantes. Enquanto as comunidades que falam de cabelos sem especificação de formato (cabelos perfeitos), ao falar de cabelos crespos, trazem imagens de

mulheres negras com os cabelos menos volumosos e mais definidos com cachos, nas comunidades que falam a respeito dos cabelos crespos, eles são apresentados no formato mais volumoso e sem a ideia de cachos perfeitos.

Os cabelos no desenho anterior são exibidos sem remeter à ideia de movimento, que é uma característica típica de muitos cabelos crespos. Isso não ocorre deliberadamente, pois a imagem transmite a mensagem de que os cabelos crespos devem ser aceitos da forma natural, sem a imposição de uma ditadura que afirma que para serem bonitos, os cabelos devem estar soltos e com balanço.

Outro padrão que é questionado na imagem é o dos cachos perfeitos. Esta tornou-se uma das formas para enquadramento dos cabelos crespos, sendo este padrão divulgado nas comunidades que falam de cabelo de modo geral, e, principalmente, nas campanhas publicitárias, veiculadas em jornais, televisão e revistas. O que é defendido nesses espaços é que, se o cabelo não pode ser liso, ele tem que ter cachos perfeitos.

O fato de a postagem ter elevado número de curtidas e compartilhamentos, leva a considerar que a mensagem foi aceita de forma positiva por aqueles que frequentam a comunidade, com isso o *facebook* pode, então, ser compreendido como espaço para o rompimento dos sentidos propagados nos Aparelhos Ideológicos da Comunicação. Esse site de rede social permite a desvinculação daquilo que é pautado pela ideologia dominante.

O texto presente na imagem também contribui para percepção de que o papel do cabelo vai além do estético. Ao afirmar que “é o seu racismo que se ofende com o meu *“black power”*”, é atribuído ao cabelo o papel político de combate ao racismo. A forma como o termo *“power”* é destacado, também leva a dizer que, dentro do contexto de uma sociedade marcada pelo racismo, assumir o cabelo crespo é uma questão de empoderamento das mulheres negras que internalizam a beleza de seus corpos e afirmam identidades negras.

O enunciado da imagem constrói sentidos a partir da retomada de outros enunciados. Assim, o enunciado: “É o teu racismo que se ofende com meu *Black Power*”, traz em si, implicitamente, outros enunciados: 1 - o racismo existe no Brasil; 2 - O racismo se ofende com meu *Black Power* e 3 - Ter cabelo crespo é ter *Black Power*. Neste caso, é possível ver que esse enunciado funciona como uma resposta aos enunciados preexistentes que negam a existência do racismo e que negam o poder do cabelo crespo. Indica, portanto, uma posição de sujeito que se identifica com a luta contra o racismo e com a valorização do poder do negro a partir dos cabelos.

O emprego do termo *black power* remete às duas considerações. A primeira diz respeito ao emprego deste termo em vez de crespo, que indica que a expressão *black power* traz mais referências positivas do que falar cabelos crespos. É a ação do silêncio constitutivo que leva os sujeitos a apagarem e não discursivizarem determinadas palavras, que implicam as possibilidades de sentidos. A outra consideração está pautada no fato do termo *Black Power* relacionar-se ao movimento político norte-americano, surgido na década de 60, período marcado pela tensão e conflito racial por conta das políticas separatistas contra a população negra, que repercutiu e angariou adeptos no Brasil.

Nas comunidades analisadas nesta categoria, as mulheres negras passam a apresentar os conflitos e histórias do processo de afirmação dos cabelos crespos. Muitas vezes, são mulheres que passaram por técnicas de alisamento que garantiam cabelos lisos e perfeitos, mas, acima de tudo, a aceitação social. Ao mudarem de atitude e deixarem de lado a FD que defende que o cabelo crespo é ruim, elas assumem outra posição ideológica que rompe com um sentido construído a respeito deste formato de cabelo. Com isso, disseminam esse posicionamento no *facebook*, contribuindo para o processo de aceitação das características étnicas de outras mulheres negras que passaram pelo processo de negação ou ocultação de sua beleza, por conta de uma imposição social.

Tal imposição social, que aqui pode ser entendida como ato de enquadrar os sujeitos em determinados padrões, tirando, de certa forma, a liberdade de escolha, é percebido quando, mesmo após assumir os cabelos crespos, as mulheres negras são incentivadas a mantê-los em um formato mais aceitável, que seria com aparência menos crespa, conforme foi discutido anteriormente.

Figura 19 - Postagem da comunidade Meninas de cabelos crespos



Com a imagem de duas mulheres negras com cabelos crespos com texturas diferentes, a postagem, da comunidade Meninas de cabelos crespos, foi feita para lembrar a importância de romper com a ideia de que o cabelo com aspecto menos crespo é mais bonito do que aquele com aspecto mais crespo, enquadrados na categoria 4C. Na mensagem da postagem, “[...] Se você faz parte do movimento pelo cabelo natural, você tem apoiar todas as texturas e sim, isso inclui o 4C.” (FACEBOOK, 2016) é possível interpretar que, quanto mais aspecto crespo tiver o cabelo crespo, menos ele será aceito. Deste modo, as mulheres negras que possuem os cabelos mais crespos sofrem mais os impactos da intolerância estética.

Observa-se que mesmo nas comunidades que defendem adesão aos cabelos crespos existe a discussão em torno da imposição dos cachos perfeitos e a consequente negação dos crespos, por isso a ocorrência de comentários como:

Verdade, não tem lógica nenhuma, **lutar** e sair de um padrão imposto direta ou indiretamente e entrar em outro que seria. Só é bonito se for definido” e “[...] **todos são lindos** a sua forma...merecem respeito e não o mais definido, o mais crespo ou mais liso.... Se o objetivo é quebrar paradigma, não é para criar outro...  
Parem de polemizar um pouco, o **cabelo é crespo a pele é negra** e estilo cada um tem o seu (FACEBOOK, 2016, grifo nosso).

Os comentários indicam a existência de sujeitos desidentificados, isto é, que não estão presos à FD que valoriza os cabelos alisados, nem muito menos à FD onde circulam sentidos que levam a pensar que o cabelo crespo, para ser aceito, deve estar com cachos. Para estes sujeitos o importante é não seguir as regras, e sim, sentir-se bem.

Contudo, como não há sujeito sem ideologia e os sujeitos nunca estão fora dela, o espaço ocupado por esses sujeitos também representa um movimento ideológico. O sujeito identifica-se agora com outra FD e com outro padrão, que é a que defende a liberdade de escolher qualquer o formato de cabelo. Isso seria sair de uma FD e entrar em outra FD.

Gomes (2008) coloca que estética não deve ser cristalizada, pois os negros estão inseridos em um contexto de constantes mudanças que incluem os padrões estéticos. Por isso, enquadrar que a mulher negra deve ter cabelos crespos com determinado formatos, revela intransigência. “Assim julgar que por ser negra uma pessoa só possa adotar penteados e estilos de cabelo pautados em padrões estéticos socialmente considerados “afros” revela inflexibilidade, intolerância e a negação do direito à escolha.” (GOMES, 2008, p. 178).

No último comentário, o indivíduo já tem a noção que aquele não era o espaço apropriado para falar que alisava os cabelos crespos, deste modo, logo no início do seu

comentário afirmando que será crucificada por relaxar os cabelos, o que sugere que ele está vinculado à FD que defende uma ideia contrária à da comunidade.

Vou ser **crucificada!** Eu relaxo meu cabelo, não porque acho feio, ele é 4b, mas **Black crespíssimo não combina** comigo em algumas meninas fica perfeito já em mim não. É fato que não sou mais não, mas faço de vez em nunca pra soltar mais os cachos, acho super normal.” (FACEBOOK, 2016, grifo nosso).

Quando ele expõe, “crespíssimo não combina comigo”, há o reforço da concepção com a qual a postagem da comunidade tenta romper, que é que os cabelos mais crespos não são vistos como bonitos. Percebe-se que o discurso é controlado pela ideologia dominante que dita que para os cabelos serem vistos como bonitos, eles devem ser apresentados lisos, ou pelo menos parecerem. O sujeito retoma já-ditos, recorrendo ao interdiscurso sobre os cabelos crespos. Entre os já-ditos podem ser mencionados aqueles que vinculam às concepções de que o cabelo crespo não combina com qualquer pessoa; que ele é feio; que é difícil de pentear e, por conta disso, é necessário dar química para relaxar e alisar.

Desta maneira, a prática de alisar o cabelo pode ser colocada sob suspeita, pois, em alguns casos, revela a desidentificação do sujeito com o formato natural do cabelo. Com isso a alteração dos fios, por meio dos processos químicos, é uma tentativa de parecer menos negra. Se isso for possível.

Novamente, recorre-se a Gomes (2008) para contribuir com essa discussão:

Assim, o uso do alisamento entendido como um comportamento social pode ser visto, por um lado, como resultado da introjeção da opressão branca imputada ao negro, o que inclui a imposição de um determinado padrão estético. Mas por outro lado, esse comportamento também pode ser visto como integrante de um estilo de o negro usar o cabelo, construído dentro de um sistema opressor, porém, com características que são próprias da comunidade negra e do seu padrão estético. (GOMES, 2008, p. 179).

A forma como o cabelo é utilizado, por muitas mulheres negras, pode indicar o início de um processo de aceitação como negras e, assim, muitas vezes, fazer parte do movimento de defesa dos cabelos naturais, não é apenas assumir individualmente o cabelo crespo. Isso também faz parte de uma ação coletiva que visa incentivar outras mulheres, em vistas à destituição de uma imagem social negativa, construída em torno dos cabelos crespos e, conseqüentemente, das mulheres negras.

Por isso, é por meio coletividade que essas mulheres se sentem acolhidas e transitam entre a rejeição dos seus cabelos para a aceitação dos mesmos. Aí está a revolução, porque não filiar-se ao padrão que se sustenta há séculos não deve ser tido como um episódio simplório. É coragem, subversão, consciência e inconsciência, garantia de direitos e empoderamento, impulsionado pelo direito de se sentir e ser vista como sujeito de beleza e senhora do próprio corpo.

No quadro abaixo foram elencados os sentidos dados aos cabelos crespos dentro de cada categoria de análise e quais às posições dos sujeitos, em relação à FD dominante. Nele poderá ser notado como a FI dominante é mantida em algumas comunidades e como é rompida em outras, o que implica dizer que os sentidos não são fixos e por isso deslizam. Eles derivam de um processo histórico e ideológico o qual os sujeitos estão inseridos.

Figura 20 - Quadro das categorias e sentidos atribuídos aos cabelos crespos

<b>Categorias</b>	<b>Sentidos atribuídos aos cabelos crespos</b>	<b>Posição-Sujeito</b>
<b>A negação dos cabelos crespos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- cabelo crespo e os cabelos cacheados são feios;</li> <li>- mudar o cabelo crespo é mudar de vida;</li> <li>- cabelo crespo é sinônimo de cacheado;</li> <li>- cabelos crespos não fazem parte do padrão de aceitação;</li> <li>- cabelos crespos são indesejáveis</li> </ul>	Sujeito identificado
<b>Livre, leve e solto? Não, o padrão é rígido.</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- os cabelos crespos devem ser cacheados;</li> <li>- cabelo rebelde;</li> <li>- cabelo que deve ser domado;</li> <li>- cabelo que frisa;</li> <li>- cabelo arrepiado;</li> <li>- cabelo que deve ter o volume abaixado;</li> <li>- cabelo difícil;</li> <li>- cabelo que não pode ser perfeito.</li> </ul>	Sujeito identificado
<b>O cabelo crespo tornou-se coroa</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- cabelos crespos devem ser aceitos;</li> <li>- assumir o cabelo crespo é um ato de coragem;</li> <li>- cabelos crespos merecem admiração;</li> <li>- assumir o cabelo crespo é o nascer de uma nova mulher;</li> <li>- ter o cabelo crespo é ser empoderada;</li> <li>- não se pode desistir da lutar de que é ter o cabelo crespo.</li> </ul>	Sujeito Contraidentificado
<b>A revolução começa pela cabeça</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- ter cabelo crespo é enfrentar racismo;</li> <li>- cabelo crespo é o <i>black power</i>;</li> <li>- ser negro é também assumir os cabelos crespos;</li> <li>- cabelos crespos representam a luta pela quebra do padrão dominante;</li> <li>- cabelos crespos podem também ser perfeitos.</li> </ul>	Sujeito desidentificado

Fonte: Elaborado pela autora

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar que o formato do cabelo pode influenciar na produção de sentidos a respeito do sujeito discursivo mulher negra e evocar questões históricas, ideológicas e sociais, pode parecer estranho, no primeiro momento, pois como pode este elemento corpóreo ser carregado de significados? O estranhamento encerra quando se percebe que tal elemento não faz parte apenas da composição estética do corpo, ele impõe, preserva e resgata valores, revela posições dos sujeitos e concretiza-se como marcador identitário.

Este entendimento não seria possível sem a compreensão dos contextos históricos e ideológicos que permeiam a forma como as relações raciais foram instituídas no Brasil. É a história e a ideologia que trazem a tona o emaranhado de sentidos construídos acerca da mulher negra, os cabelos crespos e as possibilidades de sentidos só foram aqui entendidos graças à AD Pecheutiana. Assim, é a AD que, nesta pesquisa, fez perceber, a rede complexa que liga sujeito à história, à memória, à ideologia e seus desdobramentos, ao interdiscurso e ao discurso, esse que é o efeito e propulsor de sentidos.

Historicamente, as identidades negras foram construídas pautadas no conflito racial, o que cabe dizer que a inserção do negro na sociedade brasileira deu-se por meio de um aparato opressor, que foi a escravidão sustentada por uma ideologia racista. Desta maneira, o racismo tangenciou a posição do negro como sujeito dominado pelos brancos, que alicerçados em aspectos fenotípicos, como a cor da pele, os formatos da boca, olhos e cabelos, desqualificavam os corpos negros para manter os espaços de dominação. Não é de se estranhar que os brancos, na condição de dominadores, exaltavam a beleza dos seus corpos, em todos os aspectos, enquanto disseminavam que os atributos corpóreos característicos dos negros não poderiam ser referenciados como sinônimo de beleza, ou qualquer significado positivo, fato que levou os negros a introjetarem a feiúra dos seus corpos, dita pelos brancos, e desejar, em alguns casos, a transformação dos mesmos.

Respaldo neste contexto é que são construídos sentidos em relação aos cabelos crespos. Sentidos que estão vinculados à negatividade e definem ideologicamente os cabelos crespos como feios, duros, difíceis, rebeldes, indesejáveis, revelando já-ditos que permeiam o interdiscurso. Estas características, infelizmente, estenderam-se às mulheres negras que possuem cabelos crespos e, por sua vez, veem na transformação capilar, no alisamento, a tentativa de aproximarem-se dos traços fenotípicos dos brancos, ansiando serem aceitas socialmente.

Tal comportamento foi percebido nas comunidades Cabelos \*.\*, Cabelos Perfeitos e Cabelos lindos que falam acerca dos cabelos de modo geral. Nelas, os efeitos de sentidos em relação à mulher negra são vinculados à imagem negativa ou à de rejeição dos crespos. Nota-se que nessas comunidades funciona, predominantemente, a FD que dita que o padrão de beleza a ser seguido ainda está baseado na assimilação do fenótipo relacionados à branquitude. Por conta disso, nessas comunidades, há o silenciamento das mulheres negras e o formato de cabelo crespo não é relacionado à ideia de perfeição.

Estes espaços não são então espaços propícios para disseminação de uma imagem de beleza positiva das mulheres negras e isto é percebido discursivamente, pois há a retomada de sentidos construídos historicamente, há a filiação dos sujeitos a uma FD dominante, e a língua e a ideologia deixam pistas que levam a este entendimento, tais como o emprego de expressões como: para ter os cabelos com cachos, domar os crespos, sonhar com cachos, frisam, arrepiam, armam, entre outros. De tal modo que cabe dizer que até nos termos empregados nas postagens, fica perceptível essa relação.

Por outro lado, nas comunidades que discorrem especificamente sobre os cabelos crespos, são elas Meu Cabelo Tipo 4 e Meninas de cabelos crespos, os efeitos de sentidos em relação à mulher negra são, predominantemente, o inverso daqueles existentes nas comunidades anteriores. Nelas, as FDs tentam distanciar da formação ideológica dominante e, por conta disso, as mulheres negras que assumem os cabelos crespos passam a serem vistas como modelos de beleza. Há, nessas comunidades, a vinculação da atitude de aceitação dos cabelos crespos como forma de superação e transformação do indivíduo, a partir do momento em que ele tenta se inserir no lugar social que é contra os padrões de beleza hegemônicos. A tentativa deve-se ao fato de que a desfiliação à FD dominante muitas vezes não é total e estes indivíduos, embora questionem o padrão hegemônico, não se desvinculam de todos os sentidos ligados a ele.

Discursivamente isto é percebido quando são analisadas as postagens que trazem o processo de transição capilar como atitude que pode ser positiva e o enquadramento do ato de assumir os cabelos crespos como corajoso e merecedor de admiração, que desconstrói o olhar negativo sobre o cabelo do negro. Mas nem todas as mulheres negras conseguem assumir tal postura.

Cabem também, nesses espaços, os sentidos vinculados ao empoderamento das mulheres negras, por meio da valorização dos cabelos no formato natural, bem como a referência do cabelo como marcador social que se contrapõe ao racismo, isto é, usar o cabelo

crespo é simbolicamente o ícone de afirmação de identidade negra que recupera lutas históricas em prol do poder negro (*black power*).

Diante dessas observações, o *facebook*, mesmo em se tratando de um ambiente virtual, que inova a maneira como as pessoas se relacionam e expressam suas ideias, remete às questões que estão fora dele, isto é, o ambiente “real”. Nota-se nas comunidades o embate entre FIs diferentes, que pode revelar o antagonismo entre os discursos. Por isso, a princípio, de um lado se encontravam aqueles que não consideram os cabelos crespos e conseqüentemente as mulheres negras como belas; do outro lado estão aqueles que seguem em movimento contrário e veem na mulher negra com cabelos crespos o ideal de beleza.

Com base nas pistas deixadas na língua, por meio das postagens e comentários, foi possível perceber como as questões históricas e sociais permeiam a relação entre discurso e ideologia e como os sujeitos deixam escapar o vínculo com o ideológico que, aqui, perpassa pelo processo de rejeição e afirmação identitária das mulheres negras.

No entanto, a pesquisa proporcionou a identificação de discursos que flexibilizam a noção de oposição entre as comunidades que falam de cabelos de modo geral e as comunidades que abordam especificamente a temática cabelos crespos. Estes espaços não podem ser vistos como rígidos, uma vez que percebeu-se a existência de sujeitos filiados à FDs distintas daquela que rege a comunidade, indicando a ocorrência de movimentos de contraidentificação e desidentificação do sujeito e que a interpelação ideológica está sujeita às falhas.

Outra reflexão refere-se ao fato de que (re) assumir os cabelos crespos não pode ser visto como atitude suficiente para total afirmação de que a mulher se considera negra. Isto porque estes sujeitos podem movimentar-se entre FDs diferentes e conseqüentemente adotarem outro posicionamento identitário, que pode ser mais para o polo negro, ou mais para o polo branco.

Considerar que todas as mulheres que se assumem como negras devem utilizar os cabelos no formato natural e evitar os processos químicos de alisamento, é uma atitude impositiva e que reflete intransigência. É como se houvesse a necessidade de sempre manter o corpo do negro preso aos padrões. Porém, nenhum padrão estético é imutável, pois ele acompanha as mudanças na sociedade, o que leva a dizer que, da mesma forma, a estética negra não deve ser engessada, embora se saiba que os aspectos históricos serão utilizados, muitas vezes, como referência para discursivizar este corpo.

Por fim, cabe responder ao questionamento que iniciou esta conclusão. Os cabelos crespos carregam significados e ressignificados, porque, a forma como eles são discursivizados, nesta pesquisa, conduz à interpretação, entendimento e reflexão de como o sujeito discursivo, mulher negra, insere-se no confronto ideológico que gera sentidos vinculados ao ser negra na sociedade brasileira. Na experiência do ter e não ter cabelos crespos, elas transitam entre a rejeição, resistência e resgate e encontram no caminho a atitude de (re) assumir a raiz.

## REFERÊNCIAS

ALMADA, Sandra. Prefácio. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (Orgs.). **Mídia e racismo**. Petrópolis, RJ: DP ET Alii; Brasília, DF: ABPN, 2012. p. 24-31.

ALTHUSSER, Louis. Os Aparelhos Ideológicos de Estado. In: \_\_\_\_\_. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. 3. ed. Lisboa: Martins Fontes, 1980. p. 41-52.

BAIROS, Luíza. **Assim falou Luiza Bairos**. Jan. 2016. Entrevistadora: Fernanda Pompeu. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/assim-falou-luiza-bairros/#gs.XJDornE>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

BARACUHY, M. Regina. **Análise do Discurso e Mídia**: nas trilhas da identidade nordestina. Juiz de Fora, MG. Veredas On Line. v. 14, 2010. p. 167-177.

BRAGA, Amanda. **Retratos em preto e branco**: discursos, corpos e imagens em uma história da beleza negra no Brasil. 2013. 231 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

BORGES, Rosane. Mídia, racismos e representações do outro: ligeiras reflexões em torno da imagem da mulher negra. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva e BORGES Rosana (Orgs.). **Mídia e racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: ABPN, 2012. p. 176-202.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003a. p. 49-58.

\_\_\_\_\_. **Mulheres em movimento**. Estud. av., São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, Dez. 2003b. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 5 nov. 2016.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. In: MORAES, Denis. **Por uma Outra Comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CESTARI, Mariana Jafet. **Vozes-mulheres negras ou feministas e antirracistas graças às Yabás**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) Instituto de Estudos das Linguagens, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2015. cap. 3-4. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000963234&opt=4>>. Acesso em: 25 maio 2016.

COSTA, K. R. B. De quando a pluralidade revela a invisibilidade. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva e BORGES Rosana (Orgs.). **Mídia e racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: ABPN, 2012. p. 40-63.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016 [1944].

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil: um breve preâmbulo. In: INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. 2 ed. São Carlos: Claraluz, 2007. p.13-21.

FIGUEIREDO, Ângela. **Cabelo, cabeleira, cabeluda e descabelada: identidade, consumo e manipulação da aparência entre os negros brasileiros**. Trabalho apresentado na XXVI Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Caxambu, 2002. Disponível e <http://docplayer.com.br/17660220-Cabelo-cabeleira-cabeluda-e-descabelada-identidade-consumo-e-manipulacao-da-aparencia-entre-os-negros-brasileiros.html> >. Acesso em: 21 set. 2015.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1969].

GADET, Françoise, et al. Apresentação da conjuntura em linguística, em psicanálise e em informática aplicada ao estudo dos textos na França, em 1969. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Unicamp, 1993. p. 39-60.

GADET, Françoise. As mudanças discursivas no francês atual: pontos de vista da análise de discurso e da sociolinguística. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (orgs.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. 2. ed. São Carlos-SP: Claraluz, 2005. p. 51-74.

GOLDENBERG, Mirian. Nem toda brasileira é bunda: corpo e envelhecimento na cultura contemporânea. In: CASOTTI, Letícia (Org.); SUAREZ, Maribel (Org.); CAMPOS, Roberta Dias (Org.). **O tempo da Beleza: consumo e comportamento feminino, novos olhares**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2008. 272 p.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GONZALEZ, Lélia. **Cultura, Etnicidade e Trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher**. 1979 p. 1-17. Disponível em: <[https://coletivomariasbaderna.files.wordpress.com/2012/09/cultura\\_eticidade\\_e\\_trabalho.pdf](https://coletivomariasbaderna.files.wordpress.com/2012/09/cultura_eticidade_e_trabalho.pdf)>. Acesso em: 23 dez. 2016.

\_\_\_\_\_. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984. p. 223-244.

GREGOLIN, M. R. F. V.. **Análise do Discurso e mídia: a (re) produção de identidades**. Comunicação, Mídia e Consumo (São Paulo), v. 4, 2007. p. 12-26.

GRIGOLETTO, Marisa. **Silenciamento e Memória: discurso e colonização britânica na Índia**. Organon. Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 17, n. 35, 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30026>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Classes, Raças e Democracia**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro, Lamparina, Editora, 2015.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F.; HAK, Tony (Org.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1993. p. 13-38.

HERBERT, T. Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social. In: ORLANDI, E (Org.). **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi. 4 ed. Campinas: Pontes, 2014 [1966]. p. 21-53.

\_\_\_\_\_. **Observações para uma teoria geral das ideologias**. Rua, Campinas, n. 1, p. 63-89, 1995 [1967].

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes: uma análise do discurso presidencial da Terceira República Brasileira (1964-1984)**. 1992. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000055530>>. Acesso em: 03 out. 2015.

\_\_\_\_\_. Remontando de Pêcheux a Foucault: uma leitura em Contraponto. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (orgs.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. 2. ed. São Carlos-SP: Claraluz, 2007. p. 183-194.

\_\_\_\_\_. **Memória, interdiscurso: limites e contrastes**. In: Seminário de Pesquisa em Análise e Discurso, 4; 2009, Vitória da Conquista, Bahia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Comunicação apresentada.

\_\_\_\_\_. Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela por ela? Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/FredaIndursky.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2014.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso**. (Re) ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2003.

MARTINS e SILVA, V. R. AD de Todas as épocas. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (orgs.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. 2. ed. São Carlos-SP: Claraluz, 2007. p. 287-302.

MATTOS, Ivanildes. **Estética Afro-Diaspórica e o Empoderamento Crespo**. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/viewFile/2164/1497>>. Acesso em: 25 maio 2016.

MELO, Glenda Cristina Valim de; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. A performance narrativa de uma blogueira: tornando-se preta em um segundo nascimento. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 58, 2014. p. 31.

MILANI, Sebastião Elias. **Humboldt, Whitney e Saussure: romantismo e Cientificismo-Simbolismo na história da Linguística**. 2000. 159f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2000. Disponível em: <[https://portais.ufg.br/up/156/o/2000\\_sebasti\\_\\_o\\_2011.pdf](https://portais.ufg.br/up/156/o/2000_sebasti__o_2011.pdf)> Acesso em: 10 mar. 2016

MOORE, Carlos. **Racismo e Sociedade**: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

MORIGI, Valdir José e PAVAN, Cleusa. **Tecnologias de informação e comunicação**: novas sociabilidades nas bibliotecas universitárias. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n1/v33n1a14.pdf>>. Acesso em: 5 de ago. de 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In. MOORE, carlos. **Racismo e Sociedade**: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 15-19.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In. GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008a. p.15- 17.

\_\_\_\_\_. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008b.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso (capítulo revisto e ampliado). In: Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes. (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras – v. 2. 9. ed. São Paulo: Cortez editora, 2001, v. 2, p. 113-165. Disponível em: <[http://www.fernandamussalim.com.br/wp-content/uploads/2015/01/capitulo\\_analise\\_do\\_discurso.pdf](http://www.fernandamussalim.com.br/wp-content/uploads/2015/01/capitulo_analise_do_discurso.pdf)>. Acesso em: 13 dez. 2016.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Unicamp, 1993[1969]. p. 61- 161.

\_\_\_\_\_. A Análise do Discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Unicamp, 1993[1969]. p. 311-319.

\_\_\_\_\_. **O discurso**: Estrutura e acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. – 5 ed. - Campinas, SP: Pontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio.** 5 ed. Campinas: Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T.(Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Campinas: Unicamp, 1993 [1975]. p. 163- 252.

POSSENTI, Sírio. Sobre as noções de sentido e efeito de sentido. In: **Os limites do discurso.** Curitiba: Criar Edições, 2002. p. 167 – 186.

SANTOS, Jocélio Teles dos. O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos. In: **Estudos afro-asiáticos.** Rio de Janeiro, n. 38, p. 49- 64. Disponível em: <2000.<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-46X2000000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-46X2000000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 19 nov. 2014

SANSONE, Lívio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra no Brasil.** Bahia/Rio de Janeiro: Pallas/EDUFBA, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** 17 ed. São Paulo, SP: Cultrix, 1993 [1916].

SCOTTA, Larissa. **A Semântica proposta por Michel Pêcheux: uma ruptura nas bases da Linguística.** Revista Ideias, Santa Maria, v. 21, 2005. p. 8-14.

SILVA, M. da C. F. A relação do materialismo histórico com a psicanálise e suas implicações para a AD. **Revista Letras,** [S.l.], v. 54, dez. 2000. ISSN 2236-0999. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/18688>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

SODRÉ, Muniz. **Sobre imprensa negra.** 1998, p 23-32. Disponível em:<[https://leccufrij.files.wordpress.com/2008/10/sodre-muniz\\_sobre-a-imprensa-negra.pdf](https://leccufrij.files.wordpress.com/2008/10/sodre-muniz_sobre-a-imprensa-negra.pdf)>. Acesso em: 13 dez. 2016.

TERRA, C. F. **Usuário-mídia: a relação entre a comunicação organizacional e o conteúdo gerado pelo internauta nas mídias sociais.** Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-02062011-151144>> Acesso em: 19 de abr. de 2012